

O BRASIL AGRÍCOLA

MARÇO/2007 - Nº 699 - ANO 63 - R\$ 9,80 - www.agranja.com

agranja

desde
1945



a vez

do TRIGO

Milho

Safrinha Recorde

Show Rural Coopavel

O ânimo de todos em alta

ANÚNCIO

O BRASIL AGRÍCOLA
www.agranja.com

agranja



Divulgação

14 REPORTAGEM DE CAPA

Melhores dias para o trigo

22 MILHO

Uma safrinha sem diminutivos



Divulgação

28 CANA

As muitas vantagens da fertiirrigação

32 SHOW RURAL COOPAVEL

Feira em clima de otimismo



Denise Sauerstätig

38 DESSECAÇÃO

Muitas são as aplicações

42 MECANIZAÇÃO

Uma referência em centro de treinamento

43 MA SHOU TAO AGRÍCOLA

Evento acima das expectativas

SEÇÕES

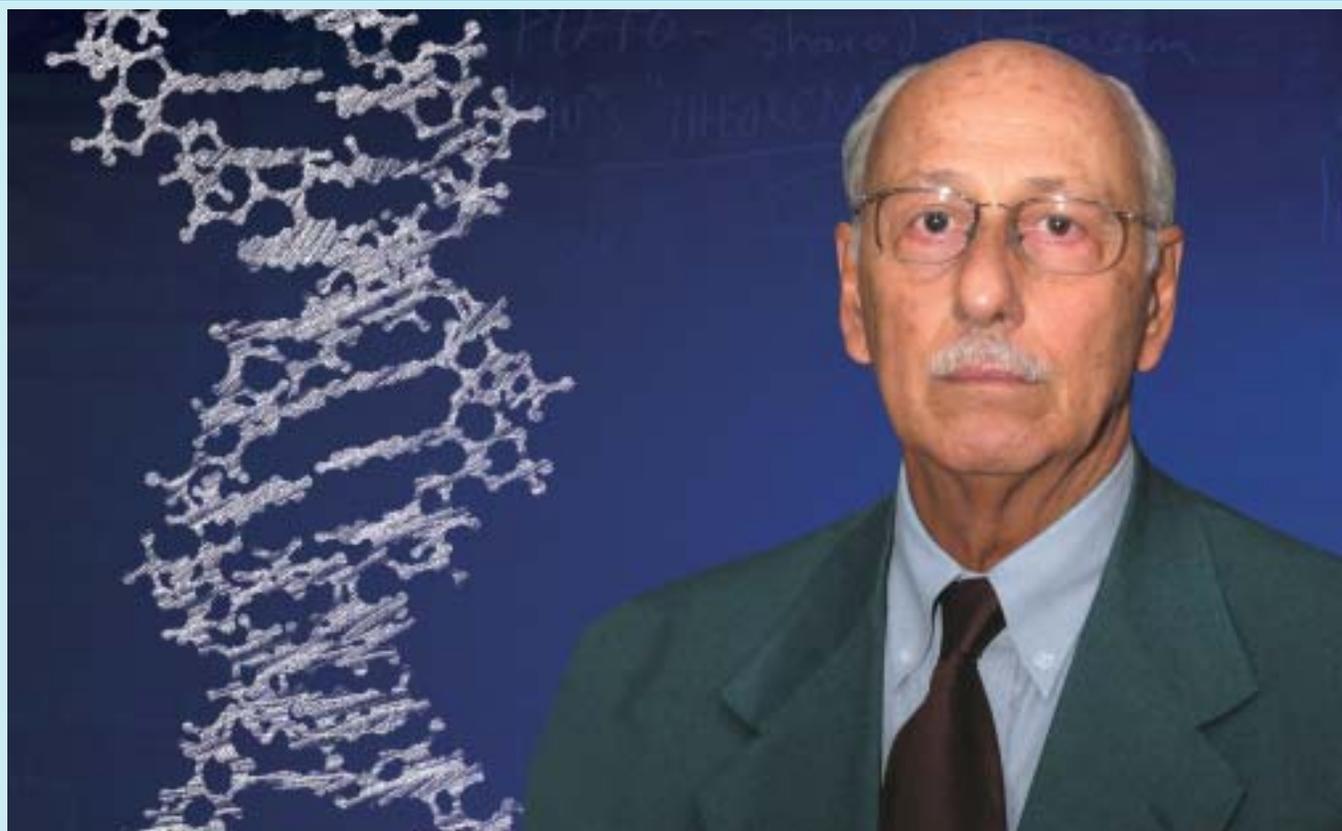
4 O SEGREDO DE QUEM FAZ

Walter Colli, presidente da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança, a CTNBio

66 PONTO DE VISTA

Rogério Porto, secretário extraordinário de Irrigação e Usos Múltiplos da Água do RS

- 7 Vitrine
- 8 Primeira Mão
- 10 Aqui Está a Solução
- 12 Cartas, fax, e-mails
- 13 Caderno H
- 44 Agricultura Familiar
- 46 Eduardo Almeida Reis
- 48 Notícias da Argentina
- 49 Plantio Direto
- 52 Agribusiness
- 56 Flash
- 58 Biodiesel
- 61 Novidades no Mercado
- 62 Agro Oportunidades
- 64 ClassiRural



No centro da POLÊMICA

Denise Saueressig
denise@agranja.com

Dono de um currículo respeitado no meio científico, o médico **Walter Colli** recebeu, no ano passado, a missão de presidir a Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio). Aos 67 anos, o doutor em Bioquímica e professor da Universidade de São Paulo (USP) está no comando do órgão que analisa e delibera sobre os organismos geneticamente modificados (OGMs). Colli também é presidente da Academia de Ciências do Estado de São Paulo e coordenador adjunto da Diretoria Científica da Fundação de Amparo à Pesquisa de São Paulo (Fapesp). Já foi diretor do Instituto Butantan e publicou mais de 100 trabalhos na literatura especializada. No centro dos processos polêmicos que envolvem a liberação dos transgênicos, o especialista afirma que a propaganda contra os OGMs no Brasil apelou para a emoção. “A percepção pública mudará com o tempo, dependendo das decisões políticas que serão tomadas no futuro”, avalia.

A Granja — Dentro do funcionamento prático da CTNBio, quais são os trâmites para um produto geneticamente modificado ter o seu uso aprovado? Quais são os passos do processo e que avaliações são necessárias?

Walter Colli — Todos que querem desenvolver ou comercializar organismos geneticamente modificados devem remeter à CTNBio o projeto e demais informações que possibilitem uma análise por parte dos membros desse colegiado. O processo entra pela Secretaria e os conselheiros designam um de seus pares para ler e redigir um parecer verificando se o proponente é competente, tem condições laboratoriais de manipulação e licença para desenvolver essas atividades, tudo em conformidade com a Lei de Biossegurança e normas infra-legais. No caso das liberações comerciais investiga-se a segurança alimentar e a inocuidade para o meio ambiente. Nesse último caso, recorre-se a consultores de fora da CTNBio, especialistas no assunto. Todos os pleitos são aprovados por maioria absoluta (14 votos), exceto as liberações comerciais que exigem maioria qualificada de 2/3 dos membros (18 votos). A Câmara dos Deputados baixou esse quorum para 14 votos, mas a matéria está parada no Senado.

A Granja — Atualmente, quantos processos aguardam por definições da CTNBio? Qual ou quais são os processos mais adiantados?

Colli — Quando iniciamos em março de 2006 havia aproximadamente 600 processos. Todos já foram analisados. Mas outros vão entrando e provêm de diferentes universidades, institutos de pesquisa, empresas públicas e privadas. São muitos e diversificados. A maioria dos pedidos é para pesquisa básica, uma menor parte é para pesquisa de interação com o meio ambiente em contenção e uma parte bem menor é pedido de liberação comercial. Os

processos são analisados pela ordem de entrada.

A Granja — Quais são as suas expectativas para os próximos meses em relação à liberação de produtos agrícolas geneticamente modificados? O que está previsto na agenda da CTNBio para os próximos meses?

Colli — Dos processos mais antigos, os de liberação comercial não

puderam ser aprovados. Há um processo de liberação comercial, ainda em discussão, que entrou em 1998 e não conseguiu ser aprovado até a antiga CTNBio ser extinta. Ele continua a ser discutido, mas não foi possível colocá-lo em votação. A agenda é simples: continuar a discutir e colocar em votação os processos submetidos à CTNBio.

A Granja — A CTNBio planeja mudanças na sua forma de trabalhar em 2007? Serão realizadas audiências públicas?

Colli — No fim do ano, por proposta do presidente da CTNBio, a Comissão aprovou a realização de audiências públicas para as liberações comerciais. A única exceção foi o pedido de 1998 porque ele já tinha 17 pareceres favoráveis, contando cinco que já haviam sido emitidos antes de 24/03/2005, quando a antiga CTNBio foi extinta. No entanto, quando a Comissão estava pronta para votar esse processo, um juiz federal do Paraná concedeu liminar proibindo a discussão e a deliberação, exigindo a necessidade de audiência pública. Como isso já estava planejado, iremos para a audiência, já marcada para 20 de março em auditório do Congresso Nacional, quando discutiremos, um a um, embora sejam todos iguais, os milhos tolerantes a herbicida e os resistentes a insetos da ordem Lepidóptera.

A Granja — A partir de agora, qual a sua estimativa para o plantio legal de milho geneticamente modificado no Brasil? Os produtores podem esperar o início desse cultivo para as próximas safras?

Colli — A CTNBio foi constituída em decorrência da aprovação da Lei de Biossegurança. Dela participam cientistas de todo o País escolhidos, em virtude de seu currícu-

Se existem produtores decepcionados com a CTNBio eles devem pressionar seus representantes no Congresso para extingui-la

lo, pelo Ministério da Ciência e Tecnologia. Quando se sentir pronta para votar, ela votará, se deixarem. Por isso, é impossível prever quando os pedidos serão aprovados, já que a dinâmica da CTNBio não depende somente dela.

A Granja — Da mesma forma, o que os produtores brasileiros podem esperar em relação ao algodão e à cana-de-açúcar? Muitos temem que possa acontecer com o algodão o mesmo que houve há alguns anos com a soja transgênica plantada ilegalmente.

Colli — A CTNBio anterior aprovou, em 22 de março de 2004, a liberação do algodão Bollgard. Por outro lado, desconheço a existência de plantações ilegais.

A Granja — A formação e o trabalho da CTNBio já receberam muitas críticas de alguns setores do agronegócio nacional. Representantes dos produtores chegam a dizer que o funcionamento da Comissão “emperra” o processo de desenvolvimento dos OGMs no Brasil. Qual é a sua avaliação sobre esses argumentos?

Colli — Se existem produtores decepcionados com a CTNBio eles devem pressionar seus representantes no Congresso para extingui-la. No entanto, o Brasil assinou a Convenção da Biodiversidade e o Protocolo de Cartagena. Isso quer di-

zer que o País deve assegurar-se da inocuidade das novas tecnologias, o que pressupõe a existência de alguma instância que analise os pedidos de plantação e comercialização de vegetais geneticamente modificados. Sem a CTNBio, possivelmente os pedidos seriam analisados pelo Ibama no Ministério do Meio Ambiente. Esses produtores podem escolher qual o órgão que preferem.

A Granja — Por outro lado, a sua indicação como presidente da

preocupações com o meio ambiente para o exagero, num movimento pendular típico dos processos reativos. Eu não acho que as sementes transgênicas, pelo menos as que estamos analisando caso a caso, são deletérias à saúde humana e animal ou ao meio ambiente e a prova disso são as observações científicas bem feitas que não encontram evidências que fundamentem o hipotético malefício que elas possam trazer. Os cientistas não têm interesse direto na liberação comercial de se-

O discurso dos cientistas é muito racional para desmistificar as mentiras que foram instiladas através da emoção

CTNBio foi criticada por organizações não-governamentais (ONGs) ambientalistas. Porque o senhor acha que houve essa resistência?

Colli — A Comissão tem 27 membros. Desses, qualquer um de 20 que fosse o escolhido sofreria a mesma crítica. As críticas são produto de uma distorção, preponderante na cultura de certos setores, que opta pelo vilipêndio às pessoas em vez de discutir as idéias e as evidências. Portanto, não foi nada pessoal.

A Granja — Na sua opinião, até que ponto organizações ambientalistas interferem na não-liberação de produtos transgênicos no Brasil? Os cientistas já se sentem, de certa forma, “reféns” dessas organizações?

Colli — A disjuntiva que coloca cientistas frente a ambientalistas é equivocada. Os cientistas que se dedicam ao ambiente, aos ecossistemas, aos nichos, aos ecótopos são muito respeitados e ouvidos. Os demais cientistas, cidadãos, também são contra as queimadas, a poluição atmosférica com gases do efeito estufa e a poluição dos cursos d'água, dentre outros. No entanto, avalio que o aparecimento de organizações do terceiro setor levou as

mentes transgênicas porque isso já não lhes diz respeito. Se é que há reféns dos ambientalistas, estes são os produtores, os fazendeiros e as empresas da área, aliás, para minha surpresa, muito quietos.

A Granja — O que é possível fazer para corrigir a percepção pública sobre os transgênicos no Brasil? O senhor acredita que ainda falta um esclarecimento técnico sobre o assunto?

Colli — Não tenho ilusões. Por razões desconhecidas houve, no Brasil, uma barragem de propaganda contra os transgênicos que apelou para a emoção, uma vez que se espalhou irresponsavelmente que esses organismos geram monstros, envenenam as pessoas e causam alergia. O argumento racional de que essas coisas não estão acontecendo nos Estados Unidos, Argentina, Canadá, China e Índia, que produzem cereais ou algodão transgênicos e estão a morrer de rir de nós, não convence ninguém. Portanto, seria inútil qualquer esclarecimento técnico, uma vez que a deseducação não permitiria total compreensão do problema. A percepção pública mudará com o tempo, a depender das decisões políticas a serem tomadas no futuro próximo. O discurso dos cientistas é muito ra-

cional para desmistificar as mentiras que foram instiladas através da emoção. A minha sugestão é que o presidente de alguma das empresas interessadas coma, na frente das câmaras de TV na Praça dos Três Poderes, uma torta inteira de milho transgênico e torça para não ficar esverdeado ou com orelhas muito compridas.

A Granja — Segundo relatório do Serviço Internacional para a Aquisição de Aplicações em Agrobiotecnologia (Isaaa), o plantio de transgênicos cresceu 22% no Brasil em 2006. Na sua opinião, qual é o potencial do País para os próximos anos em relação ao cultivo dessas variedades?

Colli — O Brasil, dos grandes produtores de grãos, foi o único que assinou o Protocolo de Cartagena e está sujeito à aplicação do confuso Princípio da Precaução. Se lhe fosse permitido plantar organismos geneticamente modificados, devidamente certificados e aprovados pela CTNBio, com monitoramento contínuo dos órgãos de fiscalização, este País dominaria o comércio mundial de grãos. Isso sem falar do algodão e da cana-de-açúcar, esta última fundamental em termos energéticos. Já temos, em fase experimental, liberados em contenção, clones de cana-de-açúcar que dão quase o dobro do álcool gerado por uma planta normal. Seríamos o maior fornecedor de energia mais limpa para o mundo, além das conseqüências estratégicas, pois desbancaríamos os combustíveis fósseis. O potencial do País nessa área é incomensurável considerando que os atuais transgênicos já exigem menos energia para sua produção, são vantajosos economicamente e diminuíram drasticamente a necessidade do uso de herbicidas e pesticidas, em favor da saúde do trabalhador. Esse potencial, no entanto, somente se atualizará se o País resolver a atual esquizofrenia a que está submetido na área dos vegetais transgênicos. ■



Diretor-Presidente
Hugo Hoffmann



MATRIZ

Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004, Porto Alegre/RS
Fone/Fax: (51) 3233-1822
E-mail: mail@agranja.com
Home page: www.agranja.com

SUCURSAL SÃO PAULO

Praça da República, 473 - 10º andar
CEP 01045-001 - São Paulo/SP
Fone/Fax: (11) 3331-0488/(11) 3331-0686
E-mail: mailsp@agranja.com
Home page: www.agranja.com

DIREÇÃO EXECUTIVA

Eduardo Hoffmann
Gustavo Hoffmann

REDAÇÃO

Editor
Leandro Mariani Mittmann
Reportagem
Denise Saueressig
Editoração
Jair Marmet e Gustavo Meneghetti de Carvalho
Produção de capa
Gustavo Meneghetti de Carvalho
Foto de capa
Rodrigo Fanti
Revisão
Roselêia Conceição
Estagiária da Redação
Mariana Bastos

CIRCULAÇÃO

Amália Severino Bueno e
Jorge Luis Oliveira Ribeiro

MARKETING DO PRODUTO

Marno Lima

COMERCIALIZAÇÃO

São Paulo - José Geraldo Silvani Caetano (gerente) e
Rodrigo Martelletti (contato)
Porto Alegre - Maria Cristina Centeno
(gerente RS/SC)
ClassiRural - Kátia Torres

REPRESENTANTES

Minas Gerais - José Maria Neves
Rua Dr. Juvenal dos Santos, 222
conj. 105 - Luxemburgo - CEP 30380-530
Belo Horizonte/MG - fone/fax: (31)
3297-8194 - fone: (31) 3344-9100
celular: (31) 9993-0066
e-mail: josemarianeves@uol.com.br
Brasília - Armazém de Comunicação, Publicidade e
Representações Ltda.
SCS - Quadra 1 - Bloco K - Ed. Denasa
13º andar - sala 1.301 - CEP 70398-900
Brasília/DF - fone/fax: (61) 3321-3440
celular: (61) 9618-1134 - e-mail:
armazem@armazemdecomunicacao.com.br

Convênio editorial: Chacra (Argentina)

A **Granja** é uma publicação da Editora Centaurus,
registrada no DCDP sob
nº 088, p. 209/73. Redação, Publicidade,
Correspondência e Distribuição:
Av. Getúlio Vargas, 1.526 - Menino Deus
CEP 90150-004 - Porto Alegre/RS
fone/fax: (51) 3233-1822
Exemplar atrasado: R\$ 10,00

Para assinar: (51) 3232-2288

Um inverno de campos DOURADOS

A onda de otimismo que graças a Deus inundou os campos nos últimos meses não poderia deixar de fora o trigo nosso de cada dia. E não deixou. Após uma safra abalada por uma geada tardia e pela estiagem, além da corriqueira má vontade do mercado, as perspectivas mostram-se bastante quentes para o inverno que chega. Houve queda da safra mundial, assim como elevação dos preços, e a previsão é que dobraremos a produção do cereal. Mas ainda muita água vai ter que passar por debaixo desta ponte. No caso, a ponte entre Brasil e Argentina. Sim, é o trigo argentino – sempre ele – que ameaça a rentabilidade do produtor brasileiro. Francamente, não dá mais para um País com estas dimensões e tradição agrícola seguir dependente do grão produzido pelo vizinho! Os detalhes deste intrincado mundo estão na nossa principal reportagem. Que o sorriso satisfeito do menino da capa também esteja nos rostos dos produtores em alguns meses, quando eles começarem a comercializar a safra.

Quem deverá sorrir mesmo, na verdade gargalhar, são os plantadores do milho safrinha. Há muito o cereal – a cada dia mais valorizado por causa do boom pelo etanol nos EUA – não se mostrava tão interessante para quem

o produz. Até por isso deveremos colher a maior safrinha de todos os tempos. Muito otimistas também se mostraram os agricultores e expositores do Show Rural Coopavel, a feira de Cascavel/PR que realmente é um show de organização, mas, sobretudo, sempre se constitui num termômetro sobre como será o ano agrícola. Afinal, é a primeira grande feira da temporada.

Um show também é a produtividade, lucratividade e longevidade de canaviais de fazendas paulistas que adotaram a fertirrigação por gotejamento subterrâneo. Nós fomos visitá-las e comprovamos como é possível ganhar mais e gastar menos com o modelo de irrigação (associado a um manejo diferenciado) cujos mestres são os israelenses. Por falar nisso, uma aula esclarecedora sobre os OGMs – mas no plano político – nos é concedida na seção Segredo de Quem Faz pelo médico Walter Colli, presidente da Comissão Técnica Nacional de Biossegurança (CTNBio), para muitos a sigla que atravança o desenvolvimento da biotecnologia no País. Nesta edição ele ganhou espaço para expor a versão do órgão. E não fez rodeios. Mas a edição tem muito mais. Confira!

Boa leitura!



PRIMEIRA MÃO



O mundo de olho no agro verde-amarelo

Segundo levantamento do Ministério da Agricultura, em 1996 o Investimento Direto Estrangeiro (IDE) para o agronegócio brasileiro somava US\$ 568 milhões, ou 6% do IDE total no País. Dez anos depois, o IDE do agronegócio atingiu US\$ 3,5 bilhões ou 16% do IDE total registrado no ano passado, que foi de US\$ 22,2 bilhões.

Ela é terrível!

Apesar de os produtores de soja terem retardado o aparecimento da ferrugem asiática nesta safra, a incidência da doença disparou no mês de janeiro e já afetou praticamente o mesmo número de plantações do grão de toda a safra passada. São 1.353 focos registrados até meados do mês passado em todo o Brasil. Na safra passada, foram, ao todo, 1.359.

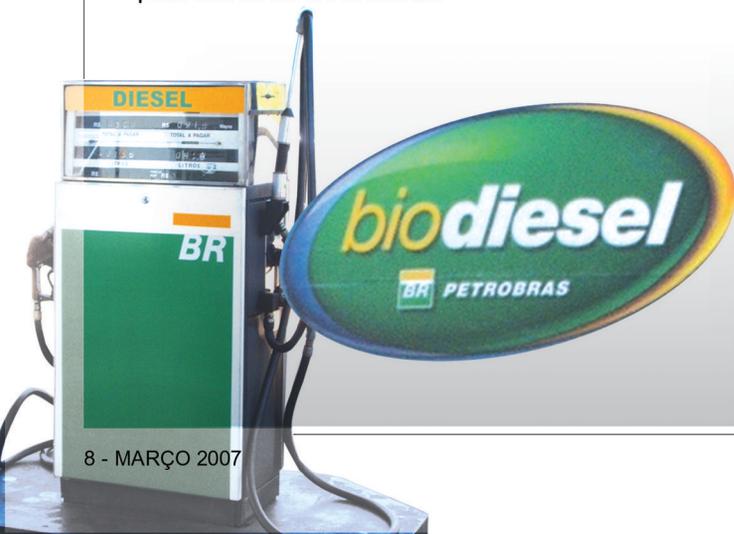


Que não seja só discurso

O governo brasileiro prevê investir R\$ 10 bilhões em dez anos para implementar a Política de Desenvolvimento da Biotecnologia (PDB) lançada no mês passado por Lula. "O Brasil finalmente está consolidando sua política de biotecnologia e a meta do governo é acionar nosso potencial para que em 10 ou 15 anos o País seja um dos cinco líderes mundiais do setor", disse Lula, e citou o biocombustível (etanol e biodiesel) como exemplo bem sucedido do uso da biotecnologia para alavancar a economia.

Agronegócio atrai bancos privados

Os bancos emprestaram R\$ 44 bilhões para o setor do agronegócio no ano passado, volume puxado por financiamentos com recursos livres (emprestados sem vinculação com a obrigatoriedade estabelecida pelo governo), que somaram R\$ 13,8 bilhões no último ano-safra, R\$ 1,8 bilhão a mais que no período anterior. Para 2007/2008 o aumento deve ser ainda maior, e pode superar 10% de elevação, com o aquecimento dos negócios no setor. Soja e o milho lideram o interesse.





Números



Abastecendo o planeta

Um estudo na Unicamp concluiu que o Brasil tem potencial para gerar 10% do etanol a ser consumido no mundo a partir de 2025. A produção para o mercado externo passaria dos atuais 2,8 bilhões de litros por ano para 200 bilhões. Mas para isso seria necessário um investimento de US\$ 20 bilhões nos primeiros cinco anos por parte das usinas e governo, por meio de financiamentos. E seria necessário expandir a lavoura de cana-de-açúcar de 5,6 milhões de hectares para 30 milhões.



Verdadeira integração agricultura & pecuária

Enquanto a arroba do boi aumentou apenas 5% no interior de São Paulo (de R\$ 50 para R\$ 54 em Araçatuba), a cotação do sebo bovino saltou de R\$ 550 à tonelada para R\$ 1.100. A explicação: o uso da matéria-prima na fabricação de biodiesel. Historicamente o preço variava de acordo com o preço do boi. Estima-se que a disponibilidade de sebo bovino no mercado brasileiro seja de 800 mil toneladas/ano, equivalente a 800 milhões de litros de biodiesel.



Menos subsídios aos concorrentes

No segundo semestre deverá ser aprovado a Farm Bill (Lei Agrícola) americana para o próximo quinquênio. A previsão é que o governo reserve US\$ 87 bilhões para subsidiar seus agricultores, R\$ 10 bilhões a menos que a Farm Bill vigente. "Os tempos mudaram", justificou o secretário de Agricultura dos EUA, Mike Johanns. "Precisamos de uma política agrícola previsível e equilibrada que resista contra contestações de outros países e aplique os recursos públicos com eficiência".

Setor cada vez mais organizado

Durante a Coopavel, no mês passado em Cascavel/PR, foi criada a Federação Brasileira das Indústrias Fornecedoras de Máquinas e Equipamentos para Biocombustíveis e Derivados. "É mais uma prova da consolidação do movimento de biocombustíveis no País", comentou Neilor Folle, um dos idealizadores da Federação e eleito primeiro presidente. Como ação inicial, as 16 indústrias que aderiram à idéia querem lançar um selo que garanta a qualidade dos equipamentos comercializados no mercado.

Bom para os cafeicultores

Aumentou o consumo de café no Brasil entre novembro de 2005 e outubro de 2006. A demanda foi de 16,33 milhões de sacas, um aumento de 5,10%, segundo a Associação Brasileira da Indústria de Café (Abic). Desde 2003, o consumo de café no País evoluiu 19,2%. O mercado brasileiro já representa 14% da demanda mundial, e mais da metade da produção brasileira é consumida internamente. Pesquisa anual mostra que as pessoas estão consumindo mais xícaras de café por dia, comportamento é atribuído a melhor qualidade do produto e ao aumento no segmento das cafeterias.



R\$ 200

É o custo para cada tonelada de soja transportada de Sorriso/MT, o município maior produtor de oleaginosa no País, até o Porto de Paranaguá/PR. No Paraná, o custo é de R\$ 60. A diferença, em boa parte, é do caos logístico.





Divulgação Emater/RS

BASALTO como adubo

Ouvi falar sobre o uso dos resíduos do basalto como adubo no Rio Grande do Sul e gostaria de mais informações sobre os resultados dessa prática. Existem benefícios concretos? Obrigado.

Carlos Rodrigues
São José do Herval/RS

R— Carlos, os resíduos da britagem de basalto estão sendo usados para reestruturar e rejuvenescer o solo na Região do Vale do Taquari, no Rio Grande do Sul. A biomineralização já está sendo aplicada em projetos experimentais sob orientação da Emater. Essa prática agroecológica aproveita os elementos minerais da rocha para recompor o solo e produz alimentos com melhor sanidade e qualidade nutricional. A farinha de basalto recolhida em britadores da região está sendo utilizada há mais de seis meses por 13 agricultores da cidade de Encantado, principalmente na produção de hortigranjeiros. O pó é aplicado misturado com esterco para adubação. De acordo com o agrônomo da Emater no município, Mateus Farias de Mello, os produtos colhidos estão apresentando melhor aspecto, mais sabor e uma maior quantidade de nutrientes. Além disso, a

condição sanitária das plantas é melhor. Segundo ele, o basalto apresenta cerca de 40 elementos minerais nutritivos, sendo o mais rico entre as rochas. O solo da Região do Vale do Taquari é formado de basalto e é bastante fácil encontrar os resíduos nos britadores, onde a farinha não tem valor comercial e acaba, até mesmo, poluindo o meio ambiente no seu descarte. “O uso desse resíduo reduz custos, uma vez que pode ser conseguido gratuitamente ou por um preço bastante pequeno se comparado com os adubos químicos”, explica Mello.

Dois CACHOS na bananeira

Pelo segundo ano consecutivo no meu quintal ocorreram dois cachos no mesmo pé de bananeira. Sempre ouvi falar que a bananeira produz apenas um cacho por pé. Isso é verdade?

Vilmar Strege
Águas de Chapecó/SC

R — Prezado Vilmar, o pesquisador Marcelo Bezerra Lima, da Embrapa Mandioca e Fruticultura Tropical, esclarece que esse tipo de bananeira trata-se de uma variedade conhecida como “dois cachos” e que não tem, pelo menos até o presente momento, nenhum valor comercial reconhecido. “Adiantamos também, que a variedade não tem despertado até agora, nenhum interesse da pesquisa, seja para estudos visando sua multiplicação, seja como fonte de resistência a pragas e doenças ou, outras características buscadas pelos melhoristas”, informa o técnico.



Divulgação



Clima para **ACEROLA**

Qual é a melhor temperatura e qual é a quantidade de chuva ideal para o cultivo da acerola no Brasil?

Hilário Dutra

Colatina/MG

R — A acerola pode ser cultivada em quase todo o território nacional, havendo restrições em localidades que apresentam temperaturas muito baixas e chuvas em excesso. Devido à sua rusticidade, a acerola desenvolve-se bem tanto em climas tropicais como subtropicais. Temperaturas médias, em torno de 26°C, são consideradas adequadas, de acordo com os pesquisadores da Embrapa. Plantas adultas, cuja folhagem é persistente, têm-se mostrado resistentes a temperaturas inferiores a 0°C, comuns nas regiões Sul e Sudeste do País. Árvores adultas suportam temperaturas em torno de 2°C por curtos períodos, sem danos à sua sobrevivência. Em períodos secos e frios, todavia, o desenvolvimento da planta permanece estacionário, observando-se que temperaturas ao redor de 10°C e inferiores a esta determinam a queima de flores, causando sérios prejuízos à produção de frutos. Quanto às plantas jovens, estas são mais sensíveis ao frio, não suportando temperaturas inferiores a -1°C. Com a ocorrência de chuvas e de temperaturas mais elevadas, o crescimento vegetativo, o florescimento e a frutificação são acelerados. Em razão disso, o período de maior frutificação acontece na primavera-verão. Precipitações pluviais variando entre 1.200 mm e 1.600 mm, bem distribuídas ao longo do ano, são consideradas ideais. Em regiões com precipitações anuais inferiores a 800 mm a ocorrência de déficit hídrico é mais pronunciada, sendo necessária à complementação do suprimento natural de água com irrigação.

INSETOS no arroz

Por favor, quais são as recomendações básicas para evitar infestações de insetos como o percevejo-do-colmo na lavoura de arroz? Muito obrigado pela ajuda.

Dilamar Vergueiro

Itaqui/RS

R — Caro Dilamar, nesta safra, a ocorrência do percevejo-do-colmo pode causar perdas entre 5% e 70% na área atingida, segundo os técnicos do Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga). O adulto deste inseto é grande e de cor marrom. Segundo o pesquisador do Irga Jaime Vargas, após a emergência do arroz os percevejos entram na lavoura, acasalam-se e cada fêmea coloca até 800 ovos, preferencialmente na parte inferior das folhas. Em relação ao hábito do inseto, eles pro-

curam se abrigar na base das plantas, ficando de cabeça para baixo. Porém, com o aumento da temperatura parte da população sobe para a parte superior das folhas. Os danos econômicos iniciam com a ocorrência de dois a três percevejos por metro quadrado. A realização de amostragem é o principal cuidado para determinar a população existente, sendo recomendado o emprego de, no mínimo, 30 amostras por lavoura, explica Vargas. Para determinação da população existente, a contagem deve ser realizada em toda a área, abrindo-se as plantas e contando o número de percevejos. No controle químico, devem ser empregados produtos registrados. Os produtores podem, também, procurar os técnicos do Irga nos Núcleos de Assistência Técnica de cada município.

O BRASIL AGRÍCOLA **agranja** À SUA DISPOSIÇÃO

ASSINATURAS

Call Center

Ligue grátis

0800-5410526

Grande Porto Alegre

Fone/Fax: (51) 3232-2288

Segunda à sexta, das 8h30 às 20h30

Sábado, das 9h às 14h

INTERNET

www.agranja.com

Para edições atrasadas, edições anteriores, mudança de endereço, troca da forma de pagamento, ligue para os mesmos números acima.

FALE COM A REDAÇÃO

Por e-mail:

mail@agranja.com

Fax: (51) 3233-1822

Cartas:

Av. Getúlio Vargas,

1.526 – Porto Alegre/RS

CEP 90150-004

As cartas devem conter assinatura, RG e telefone do autor.

Por motivo de espaço ou clareza, as cartas poderão ser publicadas de forma reduzida. Só poderão ser publicadas na edição seguinte as cartas que chegarem até o dia 18.

PRESENTEIE
UM AMIGO
COM UMA
ASSINATURA

Ligue grátis

0800.5410526

Grande Porto Alegre (51) 3232.2288

amalia@agranja.com

ou www.agranja.com

Para anunciar ligue:

(11) 3331-0488

comercialsp@agranja.com

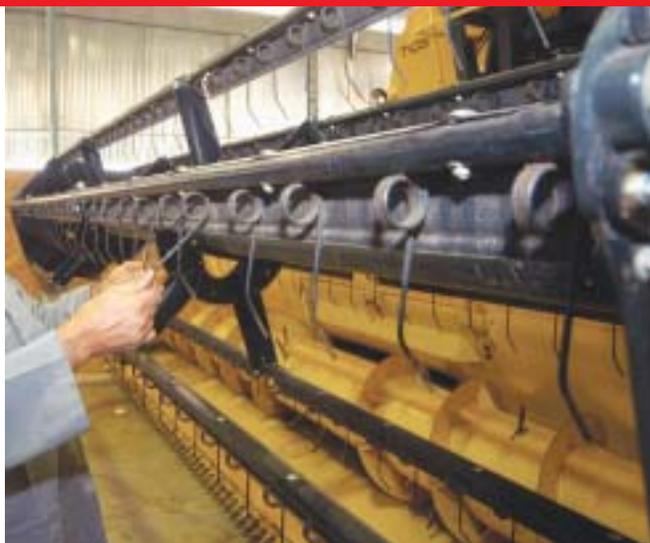
(51) 3233-1822

comercial@agranja.com

Perdas **INJUSTIFICÁVEIS!**

Se por um lado a boa notícia é que o consumo da soja aumentou muito no Brasil, tanto para a alimentação humana quanto para a animal, a notícia ruim é que desde 1927 as perdas na colheita continuam, e os motivos são muitos: máquinas ruins, manejo ineficiente das lavouras, velocidade incorreta, máquinas alugadas e outros motivos. Para reduzir essas perdas, é preciso fazer ajustes rigorosos, como trata a matéria “Perdas: afaste-se desta desgraça” (edição 698). É importante o produtor ter consciência que ele pode fazer muito para melhorar a rentabilidade de sua propriedade, não apenas esperar pela melhoria das condições externas.

Alan Cordeiro Jr.
Uberaba/MG



Divulgação

E o **PEQUENO?**

O que o governo tem feito para melhorar a vida do pequeno agricultor? Só tenho visto promessas e a situação é sempre a mesma. Muitas famílias vivem com a pequena renda das suas próprias plantações e recebem “mixaria” em troca. As frutas e os legumes, tão importantes para a nossa saúde e alimentação, são cuidados por pessoas que passam a vida inteira fazendo só isso e vivem muito mal. É lamentável admitir que um trabalho tão importante como o do agricultor não seja bem remunerado.

Augusto Bernardi
Ijuí/RS

BIODIESEL com tudo

Que bom que o mercado brasileiro de biodiesel terá um crescimento de produção. Ainda temos muitos motivos a se orgulhar. Se a previsão da Frost & Sullivan estiver certa (*seção Biodiesel, edição 698*), saltaremos de 770 milhões de litros em 2005, para 1,6 bilhão em 2007 e 2,5 bilhão em 2008. Já pensou? Tomara!! Chance para o campo obter renda.

Basílio Alvin
São José do Rio Preto/SP



Divulgação

Dinheiro no **BURACO**

Percebi que o problema de nossas estradas brasileiras é enorme. São 1,6 milhão de quilômetros, dos quais apenas 196 mil pavimentados. Um absurdo! A situação é mesmo caótica. O que mais revolta é saber que R\$ 7,5 bilhões ao ano são arrecadados, só que este dinheiro vai caindo nos buracos até chegar ao destino. Mesmo a CNT fiscalizando o dinheiro destinado, os valores não chegam. É um problema sem solução. Então, vamos nos contentar com o dinheiro que chega e agradecer por não nos desviarem mais! Fazer o quê?

Luiza de Fátima
Sorriso/MT

Acesse www.agranja.com ou mail@agranja.com

Parabéns à mulher agricultora empreendedora

No mês da mulher, muitas são as Marias, Joanas, Terezas a serem homenageadas. Ou seja, muitas são as categorias de mulheres que merecem ser lembradas com mais carinho neste mês – mais especificamente no dia 8. Mas a nossa causa neste espaço é a mulher agricultora familiar. Não existe mulher de maior fibra que a agricultora familiar. Da infância à melhor idade. Em cada etapa da sua vida, a presença dela é fundamental no empreendimento agrícola familiar, por menor ou maior que seja. Não existe exagero em dizer que não há agricultura familiar sem a participação da mulher. E a afirmação naturalmente não se refere à sua presença na família como esposa e mulher (afinal, não é preciso fazer nenhum comentário sobre sua relevância nestas duas posições), mas sim como protagonista do negócio.

Desde muito cedo, a menina pré-adolescente, mesmo em desvantagem de forças em relação ao irmão homem, assume os mesmos trabalhos dele, com muita resignação e empenho. Sem orgulho ou corpo mole, desempenha as mesmas funções, seja no cabo da enxada, ou na ordenha de madrugada. E não há espaços para vaidades femininas. São mãos calejadas e de pele endurecida, unhas curtas, cheiro de vaca (literalmente)... são muitos os “ataques” à sua vaidade... mas elas estão lá, sem reclamar, conscientes de suas responsabilidades e expectativas alheias. Não há lugar para adolescente alienada ou irresponsável na agricultura familiar. Este mundo não disponibiliza espaço para este perfil de gente.

Então, a idade adulta – que, diga-se de passagem, começa bastante cedo. A presença feminina no empreendimento agrícola familiar é a mais pura ilustração da dupla jornada de trabalho a que a maioria das mulheres é submetida. A todas as atribuições do lar, é acrescentado o trabalho cotidiano na condução das atividades da propriedade. Afinal, a mão-de-obra é o principal insumo da agricultura familiar – enquanto a empresarial lança de recursos caros como a mecanização. Afinal, em tempos de margens de lucros cada vez mais esmagadas, apenas o trabalho solitário do marido não garante a rentabilidade da propriedade. E lá vai ela ajudá-lo, de sol a sol. Mas nem sempre com a cabeça apenas no trabalho, pois os afazeres domésticos estão no aguardo. E esclareça-se: no campo, não existe domingo ou

feriado... todo dia é dia de expediente...

E o que dizer da vovó-agricultora? Aposentadoria? Só a do INSS, depois dos 55 anos de idade, pois a carga horária de trabalho diária não encolhe um único minuto! O compromisso com o trabalho embutido na cabeça dela não permite que a cadeira de balanço ou o pijama substituam a enxada, o balde de leite ou o chapelão de palha. Agricultora só pára de trabalhar mesmo quando parte “desta para uma melhor”. Até porque precisa se constituir na referência para a netinha, assim como sua avó lhe serviu como exemplo, décadas atrás.

Mas a época é outra, e nesta nova fase a mulher assume uma condição ainda mais relevante na geração de renda da propriedade. Os tempos são de agregação de renda à propriedade, e um dos caminhos mais utilizados é a industrialização dos produtos: em vez de vender o porco, por que não gerar embutidos? Que tal produzir geléias e não de entregar a fruta *in natura* a preços aviltantes? E se o preço do leite está baixo e nunca aumenta, então não seria melhor produzir o queijo? E é aqui que mais uma vez a mulher entra como verdadeiro (e único) pilar de sustentação e realização desta nova realidade da agricultura familiar. Ninguém como ela tem a aptidão, a dedicação e, sobretudo, a paciência para aprender novas funções. O futuro a elas pertence.

Mas a importância das mulheres no empreendimento rural familiar vai muito além. Normalmente são elas as melhores gestoras da contabilidade da propriedade. São elas as que sabem o valor de cada real que entra e sai. E por isso também são elas que dão o aval para o marido tomar a decisão importante, como a aquisição de uma custosa máquina ou vender a safra. Realmente, não existiria agricultura familiar sem a mulher. Pelo menos a agricultura familiar eficiente, de resistência, que se mantém orgulhosamente viável na agroeconomia brasileira.

É importante acrescentar que a regra, como todas, tem as suas exceções. Por vezes a esposa do agricultor, sobretudo o assalariado, parte do princípio que ser do lar é o máximo que ela pode colaborar. Cuidar da casa, das crianças, do fogão, da limpeza. Principalmente em tempos de bolsa-família, em que a comida na mesa não significa nenhum trabalho. Ao contrário. Aqui, o Governo estimula o excesso de filhos e a moleza. ❏

VIRADA à vista nos campos de

Aquecimento de preços traz previsões positivas para a principal cultura de inverno do País, mas é no setor político que a temperatura tem sido mais elevada pela eterna ameaça do trigo argentino. E o clima também tira o sono do produtor. O exemplo foi a geada inesperada e devastadora da safra anterior. Independente dos fatores externos, os produtores têm que fazer a parte deles: de observar o zoneamento agrícola a gerar grãos de qualidade

Romualdo Venâncio

A próxima safra brasileira de trigo está sendo fertilizada por uma mistura de otimismo e cautela. De uma forma geral, a perspectiva é positiva, com previsões de retomada do plantio e uma tranqüila superação da quebra sofrida em 2006, superior a 54%. Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) mostra que a produção de grãos de trigo caiu de 4,87 milhões de toneladas, colhidas em 2005, para 2,23 milhões, no ano passado, efeito negativo de problemas climáticos. Os principais Estados produtores do cereal, Paraná e Rio Grande do Sul, enfrentaram sérias dificuldades com estiagem e ge-

ada, respectivamente. O novo ânimo dos agricultores vem, principalmente, da elevação de preços e da queda na safra mundial. A expectativa é de dobrar a produção. Os mais animados arriscam dizer que pode chegar a 5 milhões de toneladas.

Por mais positivas que possam ser, as previsões também esbarram em adversidades. Uma delas, e talvez a mais intensa, no momento, vem de mais uma disputa comercial com a Argentina, maior fornecedor de farinhas e pré-misturas para o Brasil. No intuito de ampliar suas exportações no segmento, o governo do país vizinho alterou as tributações dos produtos para vendas

externas, reduzindo para 10% a taxa da farinha de trigo e para 5% a de pré-misturas. A medida incomodou – e muito – os representantes da indústria nacional, por criar extrema desvantagem na concorrência. “O produtor nacional competirá com o trigo de US\$ 120 a tonelada, na forma de farinha, enquanto no mercado interno o preço fica em torno de US\$ 223”, reclama o presidente da Associação Brasileira das Indústrias de Trigo (Abitrigo), Samuel Hosken.

O impasse mercadológico é visto com mais gravidade por alguns representantes do setor. O presidente do Moinho Pacífico, Lawrence Pih, por exemplo, afirma ser uma si-

a e trigo

tuação crítica. “Essa condição pode levar à uma crise irreversível do setor”, alerta o empresário, que pensa em conseqüências mais extremas, caso o quadro não se reverta. “Podemos depender totalmente das importações. Caso a produção argentina sofra uma quebra, como ocorreu com a Austrália, vamos comprar farinha de quem?” Entre as indústrias abastecidas pela matéria-prima argentina, o Moinho Pacífico tem produção anual de 400 mil toneladas de farinha de trigo, consumidas quase que totalmente pelo Estado de São Paulo. Este ano, a meta da companhia é chegar à produção de 450 mil toneladas.

Para Pih, e um numeroso grupo de industriais e agricultores, a solução desse embate comercial deve sair de Brasília. Espera-se (e se poderia até dizer ‘cobra-se’) uma reação do governo brasileiro, semelhante à iniciativa dos chilenos, que elevaram as taxas de importação de farinha de trigo, imediatamente à decisão dos argentinos. Tanto que, no dia 24 de janeiro, durante reunião realizada na capital federal, foi criada uma comissão específica para avaliar as políticas da Argentina, neste caso. Hosken e representantes de 47 moinhos se encontraram com o ministro da Agricultura, Luís Carlos Guedes, e o ministro in-

terino do Desenvolvimento, Indústria e Comércio, Mário Mugnaini.

Equilíbrio comercial — Análises realizadas por esta comissão mostrarão a amplitude dos impactos negativos deste episódio. As informações serão sintetizadas em um documento a ser entregue à Casa Civil e ao Itamaraty, com o intuito de promover algum entendimento entre os dois países. “Trabalharemos em conjunto com os produtores, entidades de classe e o governo para achar uma solução definitiva e deter a ofensiva patrocinada pela Argentina, totalmente contrária às normas que regem o mercado externo”, acrescenta Hosken. O diri-

gente ainda ressalta que o ministro Guedes se mostrou preocupado com a situação e disposto a contribuir para que a conversa com os 'vizinhos' aconteça o quanto antes.

A criação desta comissão já foi um avanço, mas, enquanto a solução diplomática não acontece, o setor propõem algumas medidas de proteção para o mercado nacional, sugestões que também foram apresentadas nesta reunião:

- * Zerar a Tarifa Externa Comum (TEC) para a importação de trigo de outros países fora do Mercosul;

- * Taxar a entrada de farinha de trigo argentina em 31%;

- * Elevar a taxa de importação da pré-mistura de farinha de trigo para 36%.

O presidente da Abitrigo acredita que, com estas medidas, haverá equilíbrio no setor, permitindo que a indústria nacional possa competir em pé de igualdade com os produtos subsidiados da Argentina. Lawrence Pih compartilha a opinião. "Não queremos privilégios, apenas pleiteamos uma disputa equiparada. O resto – capacidade produtiva, estrutura, qualidade e competência administrativa – é por nossa conta. E, quanto a isso, estou seguro".

Mesmo quem não participa diretamente dessa disputa torce por uma solução favorável à indústria nacional. "Temos todo interesse em que o Brasil seja auto-suficiente na produção de trigo. Defendemos uma política agrícola que favoreça o segmento", declara o presidente da Associação Brasileira da Indústria de Panificação e Confeitaria (Abip), Alexandre Pereira Silva. Segundo o dirigente, a Argentina é o principal fornecedor de farinha de trigo para a atividade, mas seria muito positivo suprir esta demanda com matéria-prima nacional. Especialmente, porque uma das prioridades da entidade é incentivar os brasileiros a consumirem mais pães. "Nos últimos seis anos, passamos de 25 qui-

los per capita para 33 quilos. Mas o consumo ainda é baixo, comparado ao de países europeus, acima de 60 quilos", acrescenta.

Se depender da Abip, haverá mais espaço para os produtores. Em parceria com o Conselho Nacional de Trigo, a Associação Brasileira da Indústria de Massas Alimentícias e a Associação Nacional das Indústrias de Biscoitos, a entidade vem desenvolvendo um projeto de marketing para incentivar o consumo. A meta é conseguir um fundo de R\$ 10 milhões para patrocinar uma abrangente campanha direcionada à sociedade. "Queremos divulgar os valores nutricionais do trigo e dos produtos derivados", reforça Alexandre Silva.

Plantio consciente — Enquanto se desenrolam as discussões no campo do comércio internacional, os agricultores têm de fazer sua parte nas lavouras. E bem! Neste ponto, especialistas têm diversas recomendações para que os produtores alcancem a melhor produtividade e minimizem os riscos de perdas. Após os problemas enfrentados no ano passado, os fatores climáticos são destaque na avaliação do plantio, assim como as previsões meteorológicas. Ficar de olho nos boletins do tempo é essencial, mas não suficiente, pois não se consegue precisão para prazos longos. O melhor a ser feito é estar preparado para qualquer situação.

O agrometeorologista Gilberto Rocca da Cunha, chefe da Embrapa Trigo, sediada em Passo Fundo/RS, destaca o quanto é imprescindível seguir à risca o manejo de plantio



Na safra 2006/07, o Brasil colheu 2,23 milhões de toneladas, queda de 54%, consequência dos problemas climáticos

pelo zoneamento agrícola. "Certos agricultores antecipam o plantio, para obter maior potencial de desenvolvimento da lavoura e reduzir a aplicação de fungicida. Acabam correndo mais riscos, pela pré-disposição às doenças", adverte. Pesquisadora desta mesma unidade, Cláudia De Mori reforça o alerta. "É fundamental respeitar o zoneamento de plantio. Em nosso site (www.cnpt.embrapa.br) há diversas recomendações sobre o assunto."

A combinação entre o manejo correto e a escolha adequada das



Gilberto Cunha, chefe da Embrapa Trigo, destaca a importância do zoneamento agrícola para alcançar boa produtividade



Paulo Kurtz/Embrapa Trigo

cultivares a serem plantadas é um passo decisivo. Além de maximizar o potencial produtivo da lavoura, o agricultor estabelece um ambiente preventivo. “Mesmo seguindo o calendário, é importante não plantar tudo de uma vez. Se houver algum problema, este não atingirá toda a safra”. O exemplo de Cunha é uma das medidas que, apesar da simplicidade, são eficazes.

A temível geada — No Rio Grande do Sul, a precaução tem va-

lor dobrado em relação aos efeitos climáticos, pois o Estado enfrenta dois problemas característicos. Um deles é a geada, também encontrado em outras áreas do plantio nacional. Ocorre com mais frequência no início do mês de setembro e é mais prejudicial quando atinge as plantas na fase de espigamento, ou seja, na floração. “É o momento da fecundação, início do enchimento dos grãos. A geada mata as flores e os grãos e compromete toda a produção”, explica o chefe da Embrapa Trigo. Se ocorrer no início do plantio, pode queimar algumas folhas e até matar algumas plantas, mas é possível haver recuperação da lavoura.

O outro fator relevante é a umidade elevada, consequência do excesso de chuvas, propícia ao surgimento de doenças. As fases mais complicadas são a de enchimento dos grãos e a colheita. Nesta segunda, a umidade elevada acelera a germinação e os grãos acabam sendo descartados para o uso industrial, servindo apenas para a



Coriel

Agricultor de Espumoso/RS, Luciano Zucheli, divide o plantio de inverno entre aveia e trigo

alimentação animal. Uma boa estratégia para evitar surpresas e até direcionar os investimentos é acompanhar as previsões de chuva. “Temos boletins de qualidade para um período de cinco dias”, ressalta Cunha. Esta informação permite ao produtor saber a necessidade, ou não,

A pagé está com a cara do Brasil.

Cada vez maior. Cada vez melhor. Cada vez mais forte.

A pagé, uma das maiores empresas de armazenagem de produtos granelizados e estruturas metálicas do Brasil, está de cara nova. Nova logomarca. Moderna e consistente, como nossos produtos. Pensou em silos e secadores, lembrou pagé. Uma empresa que há mais de 40 anos vem desenvolvendo tecnologia para servir a agroindústria brasileira. Onde tem pagé, tem Brasil.

REPORTAGEM DE CAPA

de prevenção química para o controle de doenças.

Existem, ainda, outras medidas preventivas no manejo das lavouras, como a rotação de culturas de inverno. O chefe da Embrapa Trigo ensina que a persistência em uma mesma cultura, por vários anos seguidos, facilita o surgimento de doenças de solo que atacam as raízes das plantas e causam sérios prejuízos. “Há riscos de baixo rendimento e elevação dos custos de produção, e até do comprometimento de toda a lavoura. No caso do trigo, por exemplo, intercalar com o plantio de canola é uma boa opção, pois trata-se de uma cultura de inverno de outra família que não é atacada pelas mesmas doenças e quebra o ciclo destes problemas”. Para o pesquisador, esta é uma questão de sustentabilidade da fazenda, e o agricultor tem de pensar a longo prazo. Além da canola, Cunha cita outras opções de culturas de inverno, como as aveias branca e preta, o centeio



Paul Illich, da Agrária: definição do plano de safra para três anos, sem descuidar da rotação de culturas

e o triticale.

Para quem e como vender — Qualquer que seja a decisão do agricultor sobre seu plano de safra, sempre tem de considerar o escoamento da colheita. Ou seja, para quem vai vender a produção. Uma análise de mercado ajuda a visualizar as oportunidades, a conhecer a demanda. “Somos produtores de alimento, e temos de saber qual é o alimento desejado pelo mer-

cado”, comenta o agricultor Luciano Zucheli, de Espumoso/RS. Outro fator relevante é a caracterização dos grãos de trigo, a identidade comercial. A classificação da qualidade dos grãos determina sua utilização, podendo atender a indústria de pães, de biscoitos e outros produtos, ou o setor de alimentação animal. Por isso, é importante que não se misture os grãos de diferentes classes comerciais, caso contrário, serão nivelados pela categoria inferior, o que reduz a rentabilidade.

A escolha correta da cultivar — Há anos, pesquisadores desenvolvem cultivares mais resistentes a este ou àquele problema e com potencial de rendimento superior, inclusive com características específicas quanto a sua utilização comercial. Escolher a opção correta exige



Claúdia De Mori, Embrapa Trigo: “agricultores estão mais atentos ao registro contábil”

BALANÇO DE OFERTA E DEMANDA DE TRIGO

(em 1.000 toneladas)

Safra	Estoque inicial	Produção	Importação	Suprimento	Consumo	Exportação	Estoque final
2001/02	715,8	3.194,2	7.045,7	10.955,7	10.180,2	2,4	773,1
2002/03	773,1	2.913,9	6.853,2	10.540,2	10.240,5	4,0	295,7
2003/04	295,7	6.073,5	5.707,5	11.732,4	10.314,1	1.372,3	390,3
2004/05	390,3	5.845,9	5.311,0	11.547,2	10.422,0	1,8	1.112,4
2005/06	1.112,4	4.873,1	6.266,1	12.251,6	10.989,8	786,1	475,7
2006/07	475,7	2.233,7	7.933,3	10.642,7	10.393,4	2,0	247,3

Fonte: Conab – Fevereiro/2007

Brasil-Central, a eterna aposta

“A tendência é de crescimento da produção de trigo no Brasil-Central. E a região ainda poderá ser referência de grãos com boa qualidade.” A opinião é do engenheiro agrônomo, Francisco de Assis Franco, que trabalha na Cooperativa Central de Pesquisa Agrícola (Coodetec) e, desde 1979, atua no setor de culturas de inverno. Criada pela Organização das Cooperativas do Estado do Paraná (Ocepar) para atender a demanda das unidades associadas por melhoramento genético em algodão, milho, soja e trigo, a Coodetec passou a desenvolver, também, cultivares de trigo específicas para a região Centro-Oeste, que já responde por mais de 5% da produção nacional de trigo.

Diferente do sul do País, a triticultura do Centro-Oeste exige irrigação, devido à ausência de chuvas no período de inverno. Tal necessidade eleva os custos de produção e, exatamente por isso, demanda maior produtividade para ser viável. As pesquisas da Coodetec naquela região são direcionadas por esta característica. Franco acrescenta que o desenvolvimento de cultivares com maior potencial produtivo também leva em consideração o padrão de qualidade. “Além de atender bem a demanda industrial, são opções de grãos melhoradores”, comenta o agrônomo. A partir da difusão de cultivares com estas características, Franco acredita que a região pode se tornar uma referência de trigo de qualidade.

Com estações climáticas bem definidas, os produtores do Centro-Oeste conseguem fazer uma avaliação mais precisa de preços e custos, o que beneficia todo o planejamento. A tendência de expansão da atividade na região, comentada por Franco, pode se confirmar com a retomada de preços pelo mercado. De acordo com levantamento da Conab, a safra 2006/2007 de trigo no Centro-Oeste somou 114,3 mil toneladas, tendo o Mato Grosso do Sul com a maior participação (62,1 mil toneladas).



A Granja

dedicação ao planejamento, esforço recompensado pelos resultados. É sempre válido ressaltar que não há receita única para todas as propriedades, pois cada uma apresenta particularidades que influenciam diretamente os níveis de produção. Conhecer bem essas particularidades é essencial à programação da safra.

Um histórico do plantio na propriedade, e até na região, pode mostrar que caminho deve, ou não, ser seguido. O vice-presidente da Cooperativa Agrária Mista Entre Rios Ltda. (centro-sul do Paraná), Paul Illich, dá um exemplo desta condição. “Plantávamos o trigo em maio, e a história nos mostrou que não poderíamos plantá-lo antes de junho. Uma boa avaliação do passado é fundamental”. Até que se dessem conta, os produtores chegaram a perder duas safras a cada cinco plantadas. Criada em 1951, a Cooperativa Agrária tem 390 cooperados ativos, que produzem cerca de 80 mil

toneladas de trigo e 75 mil de cevada. Segundo Illich, esses produtores têm recebido remuneração acima da média do mercado regional, pelo fato de a cooperativa ter indústria própria. “Em dezembro, pagamos R\$ 496 a tonelada do trigo, enquanto o mercado oferecia R\$ 440”.

Desde 1999 na diretoria da Agrária, Illich destaca outras importantes ações para se potencializar o retorno na atividade. “Procuramos definir o plano de safra para cerca de três anos, inclusive com as rotações de cultura, o que nos dá condições de fazer a compra antecipada de insumos. Tudo o que precisamos para as culturas de inverno já foi adquirido em dezembro”, descreve o dirigente, que também é agricultor (planta soja e milho). A prévia aquisição de insumos permite obter melhores preços, reduzindo o custo de produção. A estratégia reflete a crescente profissionalização da produção agropecuária no País.

All COMP
Equipamentos de Precisão

GPS
Mapeamento e cálculo de área com GPS

GARMIN
Vendas, cursos e treinamento.

(51) 3024.7100
Av. Pernambuco, 1207 - Porto Alegre/RS
vendas@allcompgps.com.br
www.allcompgps.com.br

Gerenciamento — Cada vez mais, o homem do campo lança mão de ferramentas administrativas que intensificam sua eficiência. “Do ano 2000 para cá, o agricultor vem se especializando e avaliando melhor seu registro contábil, uma das chaves para o sucesso. Este balanço é como uma impressão digital, cada um tem o seu”, observa Cláudia De Mori, da Embrapa Trigo, que frisa a necessidade de se estudar os números de maneira bastante cuidadosa. A opinião da pesquisadora é reforçada pelo assessor técnico da Emater/RS, Atháides Jacobsen. “Temos produtores com altíssimo nível tecnológico, mas, às vezes, é preciso descer do trator e trabalhar mais com a calculadora”, recomenda.

O especialista refere-se à importância de se fazer uma avaliação minuciosa de orçamento de custos e das margens de rendimento, para que a tecnologia disponível na fazenda seja melhor aproveitada. Jacobsen sugere considerar três possibilidades de preços, e analisar cada um destes cenários com base em uma relação histórica de cotizações. “Além disso, o agricultor tem de considerar que benefícios podem haver para sua fazenda como um todo”, acrescenta. A adubação destinada à cultura de inverno favorece, também, a lavoura seguinte, por isso o custo de fertilizantes utilizados para o trigo deve ser diluído no balanço total da propriedade.

É assim que procura administrar suas lavouras o agricultor Luciano Zucheli, de Espumoso/RS, que divide o plantio de inverno entre aveia preta e trigo – 50% de cada cultura em 400 hectares. No verão, planta soja. Toda a produção é entregue à Cooperativa Triticola de Espumoso Ltda (Cotriel). “Se não me preparo antecipadamente, perco as melhores oportunidades e a margem de lucro fica menor. Desde quando colho uma safra, já estou pensando na seguinte. Procuo semear um pouco mais tarde, com cultivares de ciclo mais longo, para garantir melhores resultados”, afirma.

A entrada na atividade é herança de família, tradição que Zucheli faz questão de ressaltar, não só por uma questão de orgulho, mas, principalmente, pelos benefícios dos anos de experi-

Cevada: pequena recuperação de área

A produção nacional de cevada está concentrada, principalmente, na Região Sul, sendo que a maior participação na safra é do Rio Grande do Sul. Dados da Conab apontam produção de 188,5 mil toneladas na safra 2006, volume 52,8% inferior ao da safra anterior, quando foram colhidas 399,4 toneladas. A diferença é conseqüente da redução na área plantada: em 2005 foram quase 143 mil hectares e, no ano passado, pouco mais de 93 mil hectares.

Essa comparação de área e volume está diretamente relacionada com o bolso dos agricultores. Problemas climáticos enfrentados em 2005 prejudicaram a qualidade da safra e derrubaram a remuneração. O quadro frustrou os produtores, que também passaram a rever as condições de custear a safra seguinte. “A exigência da indústria é intensa sobre a qualidade da cevada, e o preço cai bastante se não atinge os padrões mais elevados – germinação acima de 90%”, explica o engenheiro agrônomo e pesquisador da Embrapa Trigo, Eduardo Caierão.

Para 2007 há expectativa de um modesto aumento na área plantada, pois os preços já foram melhores em 2006. Segundo Caierão, pode-se chegar a 100 mil hectares com lavouras de cevada. Quanto à produção, o pesquisador sugere a seguinte conta: “Costumamos considerar duas toneladas por hectare, o que é uma estimativa conservadora, mas o histórico ao longo dos anos mostra ser um cálculo bem razoável”. Já os preços vão depender da qualidade da matéria-prima e, também, das definições para o mercado de trigo.

O principal destino da cevada é a indústria cervejeira. Mas a produção interna só atende cerca de 30% da demanda das maltarias, os outros 70% são importados. Para os agricultores, uma vantagem interessante na relação comercial com estas empresas é o fato de já plantarem com a colheita toda vendida. Eles fecham contrato como se operassem no mercado futuro, já com preço e data de entrega definidos. O cereal também é utilizado em panificação e alguns outros segmentos nutricionais, além do setor de nutrição animal.

Para o engenheiro agrônomo da Emater-RS, Cláudio Doro, a cevada é uma boa opção de cultura de inverno, pois apresenta potencial produtivo superior ao trigo. “Se correr tudo bem com a safra, o agricultor colhe em torno de 5% a mais do que com o trigo. E as duas culturas são equivalentes em preço de mercado”, analisa. Outro ponto favorável é que o ciclo da cevada termina cerca de dez dias antes e a área já fica liberada para o plantio da soja. Porém, trata-se de uma cultura mais exigente, em especial, no controle de pragas e doenças. “Agricultores da cevada são produtores tradicionais e bem tecnificados. É um pessoal muito experiente”, acrescenta Doro.



A Granja

ência. “Sou um plantador tradicional de trigo, planto sempre, independente do que aconteça. É importante não ser aventureiro”. A ressalva do agricultor refere-se aos momentos de mercado aquecido, quando é comum surgirem novos ‘investidores’, que se afastam ao primeiro sinal de recuo dos preços. “Naqueles anos em que os aventureiros saem, a gente ganha mais”, acrescenta. Saber negociar é outra característica de uma administração mais moderna, que amplia o leque de oportunidades comerciais. E por ter um controle estratégico dos estoques, Zucheli ainda mantém armazenada parte da última colheita, a espera de melhores preços.

Mais aveia branca — Há 30 anos envolvido com o segmento de aveia branca, o engenheiro agrônomo e professor da Universidade de Passo Fundo/RS, Elmar Floss, afirma que, desde o ano 2000, a produção nacional deste cereal tem avançado de maneira mais intensa. “Em 2005, o Brasil se tornou o maior produtor de aveia da América Latina”, destaca o especialis-

ta. O principal motivo desta evolução é a crescente demanda pelos grãos para atender a alimentação humana e, também, animal.

Apesar de não fazer parte dos costumes alimentares de países tropicais, a aveia começou a ganhar espaço entre os brasileiros pelas características nutricionais. “O cereal contém nutrientes como proteína, energia e sais minerais, e é reconhecido como alimento funcional, contribuindo com o bom funcionamento do aparelho digestivo, a redução do câncer intestinal e o controle do colesterol”, justifica Floss. A diversidade na apresentação do alimento também favoreceu o aumento do consumo. Antes disponível apenas na forma de flocos, a aveia passou a ser incorporada à produção de pães e biscoitos e servida com outros produtos, como sucos, leite e sorvetes.

A maior utilização da aveia branca, no Brasil, ainda está na alimentação animal. “Há consenso de que um cavalo bem alimentado é aquele que consome aveia todos os dias”, exemplifica o professor, acrescentando que

um cavalo pode consumir de 6 a 12 quilos de grãos de aveia. Outro exemplo da demanda está na integração lavoura/pecuária, que fortalece a produção de leite. “Na região entre Passo Fundo e Santa Rosa, onde está a maior bacia leiteira do Rio Grande do Sul, a aveia tem sido utilizada para o pastoreio e para produção de silagem e grãos”. Com esta combinação, as fazendas diversificam as atividades e intensificam o rendimento. Segundo Floss, pode-se produzir de 4 a 7 toneladas de matéria seca por hectare. “Isso representa potencial para produção de 4 mil a 7 mil litros de leite por ano”, analisa.

Pensando apenas em agricultura, a aveia favorece o sistema de plantio direto, pois deixa uma boa palhada, após a colheita, reduzindo o surgimento de ervas daninhas e permitindo maior infiltração de água com menor evaporação. “É excelente antecessora do plantio de soja”, aponta Floss. Na rotação das culturas de inverno, também é positiva, inclusive com o trigo, pois não é atingida pelas mesmas pragas. ■



CHEMINOVA

Warrant®

Eficiência Sistêmica

- **Produto versátil**
- **Excelente período de controle**
- **Ampla espectro de ação**
- **Inseticida específico**
- **Doses reduzidas**
- **Baixa toxicidade**

INSETICIDA

ATENÇÃO

Este produto é altamente tóxico e deve ser usado com cuidado. Evite o contato com a pele e os olhos. Não comestíveis. Não beber água da torneira. Não fumar, beber ou comer durante o uso. Não dirigir veículos durante o uso. Não usar roupas de trabalho durante o uso. Não usar roupas de trabalho durante o uso. Não usar roupas de trabalho durante o uso.



0800 77 20 320
www.cheminova.com.br
alo.cheminova@cheminova.com.br
Rua Alexandre Dumas, 2223 - Orlândia
São Paulo - SP
04719-004



CHEMINOVA
Inovação em todos os campos



MILHO

Cristiano Sant'Anna/Indicefoto.com

A SAFRINHA **virou um safrão**

Produção, produtividade e preço compõem a base do cenário positivo para o milho da atual safrinha. 2007 tem se anunciado como “o ano do milho”. Porém, a questão cambial e os custos de produção ainda preocupam os produtores

Vilso Jr. Santi



Em 2007 o Brasil deverá plantar a maior área de milho safrinha de sua história. Levantamento da Companhia Nacional de Abastecimento (Conab) indica o cultivo de 3,5 milhões de hectares, 5,8% a mais que em 2006. No entanto, os dados apresentados pela Agência Rural, de Curitiba/PR, são ainda mais otimistas. Eles demonstram que a área cultivada deverá atingir 3,7 milhões de hectares, um recorde absoluto para o período. Com o passar dos anos, a safrinha, que se constituía apenas numa segunda opção para a produção de milho, passou a ter grande importância no abastecimento do mercado. Hoje, responde por aproximadamente 25% do total da produção nacional do cereal. Porém, no Paraná, maior produtor nacional, a participação estimada do milho safrinha já é de 35%. No Mato Grosso os índices alcançam 83%, e, no Mato Grosso do Sul, responde por 74%.

No início dos anos 90, a área destinada à safrinha não ultrapassava 800 mil hectares. Em 2006, no entanto, saltou para 3,3 milhões de hectares e a tendência é que continue aumentando a cada safra. “Os produtores do norte do Paraná e do Centro-Oeste brasileiro, a cada ano, estão investindo mais na antecipação da safra de soja, com a utilização de variedades mais precoces. Isso lhes permite fazer uma safrinha de milho cada vez maior e melhor tanto em termos de produção, quanto em produtividade”, lembra Fernando Muraro Jr, analista de mercado e diretor da Agência Rural.

O Mato Grosso é sem dúvida o Estado onde a produção de milho, principalmente da safrinha, mais cresce nos últimos tempos. Há menos de dez anos apresentava resultados pífios na produção do cereal, mas em 2007 deverá colocar no mercado mais de 1 milhão de toneladas do cereal. No entanto, é no Estado onde os riscos à lucratividade e à produção são mais críticos.

O produtor Odenir Ortolan, presidente do sindicato rural em Campo Novo do Parecis/MT, irá cultivar 1.300 hectares com milho safrinha, 20% a mais que em 2006. Segundo Ortolan, em Campo Novo do Parecis e em toda região norte do Mato Grosso o fator que mais pesa na hora do produtor rural optar pela implantação do milho safrinha é a busca permanente da potencialização dos lucros com a atividade agrícola. “Buscamos aumentar a margem de lucro da lavoura. Só com soja não dá, o agricultor não sobrevive, ainda mais dentro da atual política econômica”.

Conforme Ortolan, o mercado está bom, inclusive em nível internacional. “Nunca se viu tanta venda antecipada de milho para exportação como agora. Só que os produtores daqui estão fechando contratos a US\$ 4,80, com o dólar a R\$ 2,10, isso dá em torno de R\$ 10 à saca, e o nosso custo de produção gira em torno disso. Se o dólar continuar caindo aí complica. A política cambial tem de mudar. Se o dólar cair mais um pouco vamos colher só prejuízos”, lembra. A falta de infra-estrutura e de opções para o transporte da safra colhida no Mato Grosso é outro elemento perturbador. “Temos de ter alternativas para o transporte da safra e para o escoamento da produção. Os mil quilômetros que faltam ser pavimentados da BR 163, que ligam Cuiabá/MT ao porto de Santarém/PA, têm de ser concluídos. Tem de sair do papel. Só isso já vai facilitar muito nossa vida, vai dar mais condições para gente produzir e tranquilidade para vender a produção”.

O produtor confirma que, sem dúvida, o milho safrinha é uma alternativa, uma válvula de escape, para a produção no Estado do Mato

Grosso. No entanto ele enfatiza que, no geral, está muito difícil do produtor de grãos lucrar realmente com a atividade. “Para o agricultor daqui enviar uma tonelada de cereal para o porto de Paranaguá/PR, seja ele soja ou milho, ele gasta US\$ 80,00 por tonelada transportada”.

Câmbio adversário — Ortolan ainda lembra: “Tem que ficar claro que o mercado está bom. Mas, o nosso problema continua sendo o câmbio muito baixo. Se o câmbio não mudar a agricultura do Mato Grosso vai parar”. Outro gargalo na produção de grãos no Estado, apontado pelo produtor, é o custo incompatível de alguns insumos, principalmente do óleo diesel. “Pagamos R\$ 2,15 pelo litro no diesel na bomba. Em grandes quantidades até conseguimos comprar óleo a R\$ 2. O preço do barril do petróleo baixou lá fora, e aqui nada mudou. É muito caro. O Mato Grosso não vai resistir”, alerta.

A produtividade média alcançada pelas lavouras de milho no norte do MT varia de 70 a 80 sc/ha. No entanto, em áreas com melhor perfil de solo, que trabalham com a rotação de culturas seja com soja e/ou algodão, consegue-se produções bem acima desse patamar. Em contraponto, porém, existem áreas que não atingem nível produtivo médio. No norte, as condições climáticas, das lavouras e a própria opção dos produtores impede que a totalidade da área cultivada com soja seja ocupada com milho safrinha. O percentual de ocupação varia de 30% a 50% das áreas de cultivo. O produtor lembra ainda da importância de se plantar o milho safrinha na região até, no máximo 28 de fevereiro. “Isso nem sempre é possível devido ao atraso na colheita da soja. Depois dessa data fica muito complicado. A produção pode ficar comprometida devido a fatores climáticos como falta de chuvas”.

Panorama atual — Para esta safra, o novo patamar de preços, as vendas antecipadas para exportação e a perspectiva de tempo favorável nos próximos meses desenham um quadro extremamente positivo para

Exportações em alta na onda do etanol

O outro dado animador para a cadeia produtiva do milho é o volume do cereal exportado. Comparando à safra de 2006, com as projeções para 2007, tem-se um acréscimo de 30% no volume vendido para fora do País. No ano passado 3,8 milhões de toneladas de milho foram exportadas, nesse ano, até o momento, 5 milhões de toneladas já foram comercializadas. Fernando Muraro Jr., analista de mercado e diretor da Agência Rural, é mais enfático: “2007 será o ano do milho”. Segundo ele há uma mudança de estrutura no cenário mundial e, com isso, a rentabilidade do produtor será maior porque a tendência é os preços se manterem em valores elevados. “Em 2007 a safra do milho vai ser recorde e os preços internacionais são os melhores dos últimos dez anos” lembra.

Os Estados Unidos atualmente são, sem dúvida, um dos principais influenciadores do bom desempenho do milho no mercado internacional. Naquele país, o aumento da demanda do cereal para fabricação do eta-

nol, utilizado em substituição ao consumo de combustíveis fósseis, é o que tem proporcionado grande abertura para o produto brasileiro. O consumo nacional, principalmente no setor avícola, vem demonstrando crescimento surpreendente, e também tem colaborado para o bom desempenho do produto.

Nas exportações, os números da Conab não diferenciam se o milho é proveniente da safra normal ou safrinha. Mas indicam que a venda direta de milho para o mercado externo varia bastante, mas tem aumentado. Em 2004, as exportações representaram 12% da produção nacional; em 2005 apenas 3%; em 2006, 9%; e para 2007 o índice deve alcançar 11%. Em relação ao mercado internacional, por sua vez, Muraro Jr., enfatiza que nesse ano algo novo tem acontecido com o milho safrinha. “Só em 2007, com embarque previsto até julho, já foram comercializadas de forma antecipada pelos produtores brasileiros aproximadamente 5 milhões de toneladas de milho. Isso, com certeza, mexeu com o mercado”.

O consultor lembra ainda que mundialmente o mercado de milho está experimentando algo diferente. Ele está tendo que conviver com a escassez do produto. “Os Estados Unidos sozinhos produzem 40% de todo o milho no mundo. Também são responsáveis por 70% das exportações do cereal. Como nesse ano a safra naquele país não foi das melhores e como eles estão consumindo cada vez mais milho na produção do etanol, cada vez menos o produto é encontrado no mercado”, lembra.

Na avaliação de Muraro Jr., os preços externos do milho vão se manter elevados. Os valores tiveram aumento de 80% nos últimos 12 meses e se mantêm no segundo maior patamar da história, perdendo apenas para as cotações de 1996. Em Campinas/SP, os negócios ocorrem atualmente a R\$ 25,30 à saca. Em Paranaguá/PR, a saca está sendo comercializada a R\$ 20,50. Em Palmeira das Missões/RS a R\$ 17. E, em Campo Novo do Parecis/MT a R\$ 11.



No início dos anos 90 a safrinha era de 800 mil hectares; no ano passado chegou a 3,3 milhões de hectares

o milho safrinha. Porém, os produtores lembram que a questão cambial, o custo de alguns insumos como o óleo diesel e as deficiências e/ou a inexistência da infra-estrutura de transporte podem comprometer o resultado final da colheita em algumas regiões.

Mesmo assim, Dirlei Antônio Manfio, chefe do setor de previsão de safras do Departamento de Economia Rural (Deral) do Paraná, afirma que, até o momento, o panorama para o milho safrinha é muito positivo. “Se nenhum fator atípico ou esporádico interferir na cadeia produtiva, teremos uma recuperação, tanto no volume produzido, quanto na renda dos produtores”. Conforme Manfio, as perspectivas do mercado brasileiro para o milho de segunda safra têm sido muito favoráveis aos produtores. Baseado em informações da Conab, ele aponta um aumento de 5,8% na área a ser cultivada no Brasil. Também um incremento de 8,1% na produção e de 2,1% na produtividade, cuja média deve ultrapassar os 3.079 kg/ha.



Prática Assessoria Econômica

A rentabilidade da safrinha 2007 deverá ser uma das maiores dos últimos anos. Os insumos estão mais baratos

No Paraná, o cenário é mais animador ainda, o produtor deverá cultivar 10% a mais de área (1,074 milhão de hectares) e, conseqüentemente, a produção poderá ser 21% superior à registrada no ano passado: 4,33 milhões de toneladas. Na safrinha de 2007 o Brasil irá produzir de 11 milhões a 12 milhões de toneladas. Segundo Manfio, o aumento está ligado basicamente a dois fatores preponderantes: o preço e a frustração com outras culturas, gerado pelo excedente de produção, como no recente caso da batata. “O preço, sem dúvida é o principal estímulo

para que o agricultor busque a cultura”. A produtividade da safrinha paranaense é estimada em 4.070 kg/ha, alavancada pelo maior investimento em insumos e em tecnologia de produção. “Isso tudo é puxado pelo preço, pelo cenário positivo. O produtor se sente mais encorajado para investir na cultura. Ele sabe que vai ter retorno”. No ano passado a estiagem derrubou a produtividade para 3.074 kg/ha.

Rentabilidade em alta — A rentabilidade da safra 2007 também deve ser uma das maiores dos últimos anos. Depois de algumas safras



AS PESQUISAS PROVAM E OS PRODUTORES COMPROVAM: AS 1565. MAIS SACAS A CADA COLHEITA.

- Estabilidade de produção
- Alta produtividade
- Tolerância a períodos de estiagem

 **agroeste**

AS 1565

propaganda.com.br



“Mantemos a propriedade produtiva por mais tempo”

Em São Miguel do Iguçu, oeste do Paraná, Oscar Enrique Valiati (foto) é outro produtor partidário do milho safrinha. Ele também cultiva o cereal em sucessão à soja. O produtor, neste ano plantou aproximadamente 240 hectares com o cereal. Valiati frisa que já faz muitos anos que passou a praticar o escalonamento de cultivos entre soja na safra e milho na safrinha. “Neste ano nossa expectativa é muito grande. O preço de mercado está bom então temos chance de colher uma boa safra e ter uma boa rentabilidade”.

Para ele, plantar milho safrinha significa garantir a entrada de uma renda extra na propriedade. “Mantemos a propriedade produtiva por mais tempo”. Sua expectativa é muito grande para 2007. “Se o tempo ajudar, não der geada e se o preço no mercado continuar bom ou aumentar um pouco, teremos uma boa lucratividade com a lavoura”. No entanto, ele lembra que aquilo que realmente poderá garantir lucro dos produtores do oeste paranaense com a lavoura de milho safrinha é a boa produção. “Os custos da lavoura são semelhantes aos do ano passado. Nossa expectativa é colher melhor e torcer para que os preços no mercado continuem subindo”. Segundo Valiati, a produtividade média das lavouras da região oscila entre 100 a 120 sc/ha e o custo de produção de 30 a 35 sc/ha, dependendo sempre do nível de tecnologia empregado nas lavouras cultivadas.

Quando o assunto é custo de produção Valiati é enfático: “O preço do óleo diesel está assustando os produtores do Paraná”. Ele lembra que os agricultores estão pagando de R\$ 1,80 a R\$ 2 o litro do combustível, o que considera que é um preço abusivo. “O compatível, para viabilizar a produção agropecuária no País seria o diesel a R\$ 1 o litro. O pessoal aqui está muito preocupado. Dependemos do óleo diesel para tudo. A gente não sabe o que fazer”. Valiati recorda que o Brasil é auto-suficiente na produção de petróleo, mas os benefícios disso não chegam a população. “O trabalhador faz sua parte, mas não depende só dele. O tempo tem que dar sua contribuição e o governo tem que fazer a dele. Controlar os insumos, aperfeiçoar os financiamentos e o seguro da produção e dar mais garantias ao produtor, isso é fundamental” recomenda.

Divulgação

GPS

Agricultura de Precisão
Pulverização / Mapeamento
Levantamento de Áreas
Distribuição de Fertilizantes e Calcário

All COMP
Equipamentos de Precisão

Av. Pernambuco, 1207
Fone: (51) 3024.7100 - Porto Alegre/RS
allcomp@allcompgps.com.br

comprando insumos com preço balizado num dólar alto em relação ao real e vendendo sua produção com a moeda brasileira em alta, os produtores em 2007 se deparam com uma situação um pouco distinta. “Os agricultores adquiriram seus insumos pagando de 20% a 25% a menos que em 2006, por conta da queda da moeda americana, e estão comercializando seu produto com um preço, na média 40% superior ao do ano passado. Esse cenário indica que também a rentabilidade do produtor com o milho safrinha será maior”, enfatiza Manfio. ■

ANÚNCIO

Fertiirrigação, um sistema de **FUTURO**

Por meio da fertiirrigação é possível aumentar a capacidade de produção em até 50%, superar a quantidade de colheitas de sete para 12 cortes na mesma área. Mas as vantagens vão além, comprovam iniciativas paulistas

*Léa Deungaro Almeida Prado
Texto e fotos*

Verticalização, aumento de produtividade e longevidade são algumas das vantagens que a fertiirrigação pode oferecer à cultura de cana-de-açúcar. Com *know-how* israelense, o sistema de gotejamento subterrâneo promete inovar o setor por meio de uma nova maneira de manejo. A técnica, aliada a pesquisas na busca de variedades e os resultados positivos, vem chamando a atenção de um número cada vez maior de canavicultores com o propósito de revolucionar o cultivo em suas propriedades.

A tecnologia da fertiirrigação por gotejamento subterrâneo, adotado há vários anos em países como Índia, Tailândia, África do Sul, Austrália, Nicarágua e Venezuela, foi introduzida no Brasil na década de 90, mais precisamente no Estado de São Paulo. O sistema é composto por componentes de captação de água, um conjunto de moto-bombas, tubulações de PVC, filtros, manômetros, tanques para fertilizantes, injetores, hidrômetros e o painel de controle de automatização. A água captada é conduzida em tubos de PVC para um ponto estratégico,

onde ficará instalado o cabeçal de controle. Filtrada, a água em seguida recebe doses contínuas e pequenas de fertilizantes, preparados em tanques. Posteriormente segue, por meio de tubos, em direção aos talhões que serão irrigados.

Em cada um dos talhões, é instalada uma válvula hidráulica acionada automaticamente, conforme o programa de irrigação estabelecido e informado no painel de controle. A partir daí as tubulações, todas sob o solo, encarregadas de levar a solução, ficam dispostas transversalmente ao sentido da sulcação da lavoura. Nes-



ses canos, chamados de secundários, encontram-se acoplados os bicos gotejadores que permanecem em contato direto com o sistema radicular da planta, enterrados de 15 a 20 centímetros sob o solo.

Com essa tecnologia, a água, um dos principais insumos para o crescimento e desenvolvimento de qualquer cultivo, deixa de ser um fator limitante para que a planta produza. O fertilizante é usado de forma coerente, ao longo do ciclo da cana, respeitando a exigência de cada um deles. Por meio desse manejo, torna-se possível aumentar a capacidade de produção em até 50% e superar a quantidade de colheitas de sete para 12 cortes na mesma área. Esses resultados são atestados

por canavicultores da região de Jaú/SP. Conseqüentemente, há economia na renovação de canaviais. O equipamento é indicado para o corte mecanizado, embora permita o uso do fogo para a colheita.

Busca de alternativas — O alto custo das terras na região, entre R\$ 25 mil e R\$ 30 mil o hectare, e a vontade de expandir, incentivaram o Grupo Saad, dono da Fazenda Natal em Igarapu do Tietê/SP, a sair em busca de novas tecnologias. Desde 1994, a propriedade, com 825 hectares, sendo 731 hectares plantados com cana-de-açúcar, já fazia uso da irrigação por aspersão, porém a rentabilidade e a longevidade na cultura eram insatisfatórias. “Aqui o valor das terras é alto e quase impossíveis de serem encontradas para compra”, conta o técnico agrícola Marcos Antonio Menegati, administrador da fazenda. “Fomos à procura de um novo tipo de irrigação que já conhecíamos”.

De acordo com o administrador, o grupo foi apresentado à técnica pela Netafim Brasil, subsidiária da Netafim Israel, em 1996. Um consultor foi convidado pela empresa a conhecer os experimentos já existentes no Ceará e posteriormente na África do Sul. Na época, a propriedade passava por mudanças no trato cultural, de sulco simples para o duplo, e não foi possível a implantação do gotejo subterrâneo. A instalação ocorreu entre 2004 e 2005, em 54 hectares, com os sistemas financiados pelo Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Mais 74 hectares foram montados neste ano, e até 2010 todos os 731 hectares plantados com cana serão fertirrigados.

O solo do local é muito rico em ferro, o que compromete os bicos do equipamento. Para não provocar entupimento nos gotejadores, foi necessária a construção de um tanque de 80 x 20 metros e 4,5 metros de profundidade, para a decantação da água captada na represa da fazenda. Segundo Menegati, ela é trazida da nascente que fica 65 metros distantes do tanque, cai num cocho, desce por uma escadaria entrando em contato com o ar que oxigena a água e transforma o ferro em sulfato ferroso. Já no açude, entra em estado de decantação. Após esse processo está isenta de ferro e pronta para o uso.

Aumento da produtividade — O primeiro corte da área de 54 hectares se deu entre agosto e outubro de 2006. A média de produtividade da cana plantada no sequeiro era de 85 a 96 toneladas por hectare. Com a técnica houve variação entre 140 a 196 toneladas, isso em 12 meses. “Colhemos por volta de 9 mil toneladas de cana dos talhões fertirrigados contra 6 mil toneladas no mesmo espaço manejados de forma tradicional”, afirma Menegati. “Houve um aumento significativo na produção, em torno de 50%”.

A mudança na forma do plantio da cana (de sulco simples para sulco duplo) e a fertirrigação garantem longevidade maior para a lavoura. O plantio é feito em duas linhas, distantes 40 centímetros cada, espaçada 1,80 metro das duas próximas. Essas separações reduzem a compactação das máquinas e equipamentos que trafegam sobre o canavial, pois são feitas de forma a combinar com as rodas dos veículos utilizados no campo. Onde o trato cultural foi adotado antes do uso do gotejamento subterrâneo, existem áreas que irão para o seu 11º corte. Antes não duravam mais de sete. “Com o gotejo iremos ultrapassar o 15º corte”, prevê o técnico agrícola.

Cana do vizinho — Dentre as variedades cultivadas se destacaram a SP 80-3280, SP 89-1115, SP 80-1816, RB 85-5156, RB 85-5536 e PO 8862. Já a cultivar RB 82-5486 apresentou susceptibilidade à ferrugem. O técnico comenta que havia receio em relação ao calor e a umidade por duas razões: o aparecimento de pragas fúngicas e a queda do Açúcar Total Recuperável (ATR). Seu temor, entretanto, não se confirmou, pois os níveis de sacarose continuaram dentro dos padrões do plantio convencional, e não aconteceu disseminação de fungos.

O sistema de fertirrigação vem causando surpresas agradáveis aos produtores que adotaram a técnica. Houve a ocorrência de plantas que chegaram a 5 metros de altura, quando no trato convencional atinge no máximo três metros. E gomos entre 25 e 26 centímetros. A cana da fazenda vizinha, pelo manejo tradicional, está com 16 meses e em quase nada difere em altura das da Fazenda Natal, com 5 meses. Mesmo com pronunciados períodos de seca em 2006, a cultura não parou de crescer. “O gotejo atuou de

CANA-DE-AÇÚCAR

forma fantástica, as canas não irrigadas tiveram seu crescimento comprometido”, atesta Menegati.

No projeto foram investidos cerca de R\$ 6,5 mil por hectare. Para o administrador, a aquisição foi acertada, uma vez que empregou-se metade do capital que seria gasto para comprar mais terras. Apenas um funcionário cuida do controle operacional. O treinamento é feito pela empresa Netafim Brasil, com sede em Ribeirão Preto/SP. A multinacional é responsável por todo o projeto de engenharia do sistema, assessoramento pré e pós-instalação, treinamento e capacitação. Ao término da implantação, o produtor é assistido gratuitamente durante um ano em toda a primeira safra.

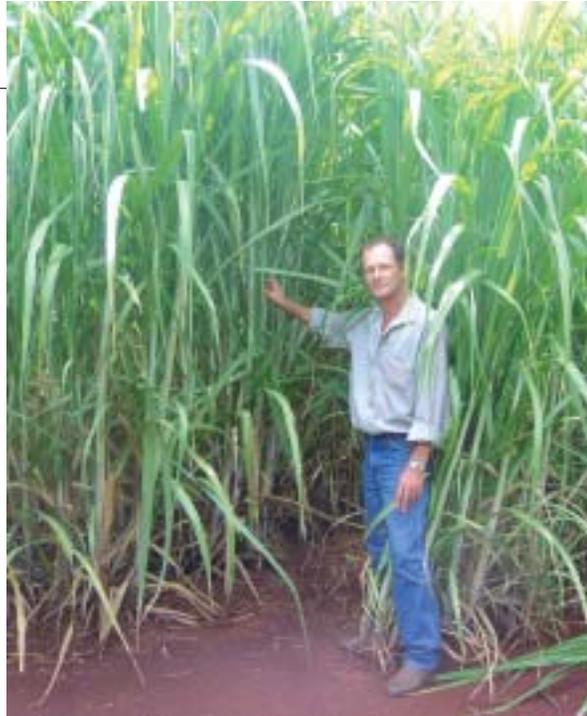
Soluções inteligentes — Israel conta com 80% das terras cultivadas por meio de fertirrigação. A agricultura resulta da luta contra as condições desfavoráveis — a falta d'água e solos inférteis. Mesmo com 50% de suas terras compostas por terrenos áridos e semi-áridos, o país desenvolve uma das agriculturas mais sofisticadas e produtivas do mundo e exporta *know how*. Com cana-de-açúcar a experiência começou nos Estados Unidos, no final da década de 70. Nesse período, o estado do Hawaí, produtor de açúcar para o mercado interno, enfrentava problemas em suas lavouras. Utilizava-se o sistema de irrigação por aspersão e pivô central. O gotejamento substituiu esses sistemas mais convencionais, proporcionando redução de energia, água e mão-de-obra.

No País, a primeira experiência começou em 1996, tendo como parceiras a Copersucar e a Usina São Martinho, em Pradópolis/SP. Ao final de oito colheitas encerrou-se, atingindo níveis de produtividade entre 129 e 155 toneladas por hectare. Levando em conta a média de 80 a 85 toneladas em cada hectare por cinco a seis colheitas consecutivas, os resultados foram positivos. Atualmente são 46 projetos instalados, divididos entre Ceará, Alagoas, Pernambuco, Goiás, São Paulo e Minas Gerais. Alguns de modo comercial, mas a maioria na forma de experimentos.

Segundo Aguiar, da Netafim Brasil, é possível amortizar o investimento entre a primeira e a quarta colheita

Custos & retornos — O sistema tecnificado é específico para cada propriedade ou área. As ferramentas serão as mesmas, contudo a concepção do projeto e o manejo da fertirrigação são individualizados, de acordo com os tipos de solo. O sistema pode ser implantado em qualquer terreno, aclone, declive, plano e para tal utiliza-se um estudo topográfico. Luiz Fernando Feltre, proprietário da Fazenda São João, localizada no município de Mineiros do Tietê/SP, instalou tubos gotejadores autocompensados, que, por si, estabilizam as oscilações de pressão da água provocada pelas diferenças topográficas. Produtos e materiais para solos acidentados tendem a encarecer os gastos com os aparelhos. Os custos médios variam de uma propriedade para outra, uma vez que cada projeto é individualizado. Os valores, segundo a fabricante, variam de R\$ 4,5 mil a R\$ 6,5 mil por hectare. Não estão acrescidos nesse preço gastos extras com caixas para fertilizantes, outorga da água, casa da moto-bomba, reservatório para armazenar água, entre outros. Esses custos adicionais chegam a R\$ 1,4 mil por hectare.

Feltre, que investiu por volta de R\$ 8 mil por hectare, acredita que o retorno do capital será rápido. “Só com o diferencial



Menegati (em meio a cana de cinco meses): “Houve um aumento significativo na produção, em torno de 50%”

da produção, creio que em três safras se paga tudo”. O proprietário instalou o projeto em fins de 2006, numa área de 35 hectares de um total de 200 hectares da sua fazenda. A cana deverá ser colhida com nove meses, e será o primeiro corte. A expectativa de colheita é de 50 toneladas por hectare a mais do que na cultura em plantio convencional. “Espero colher 140 toneladas por hectare”, anuncia o canavicultor. De acordo com Flávio Luiz Aguiar, engenheiro agrônomo e gerente nacional da Netafim Brasil, é possível amortizar a importância empregada entre a primeira e a quarta colheita somente com o diferencial líquido de produção da cana.

Comida em dose certa — A adubação de cana-de-açúcar na forma convencional consiste em uma única aplicação,



Pesquisa para criar tecnologia nacional

No intuito de demonstrar, consolidar e eliminar a falsa impressão de que o Brasil detém todo o conhecimento em relação à cultura canavieira, a Agência Paulista de Tecnologia dos Agronegócios (Apta) – Regional Centro-Oeste iniciou um trabalho de pesquisa em maio de 2006 para criar e validar uma tecnologia nacional no desenvolvimento de sistemas de fertiirrigação. A pesquisa consiste em dois campos experimentais. Numa área são estudadas doses ideais de nitrogênio para verificar a máxima produtividade. Apenas a cultivar SP 80-3280 é utilizada. O outro espaço é destinado a identificar qual ou quais variedades, dentre oito, apresentam maior potencial de produção. Nesse desenvolvimento inicial se destacaram a SP 89-1115 e IAC 96-3060. Glauber José de Castro

Gavas (foto), pesquisador científico da Apta, explica que o estudo de campo durará 12 anos.

De acordo com Gavas, na fertiirrigação forma-se um bulbo (semicírculo) úmido onde se desenvolve o sistema radicular da planta. No bulbo produz-se um microclima, ambiente propício para a cana-de-açúcar. Com isso as características de fertilidade do solo e água não são mais fatores limitantes para a produção. A área experimental, formada por quatro hectares, será colhida em novembro desse ano, sem a queima. Plantou-se a lavoura no sistema de espaçamento duplo que permite o uso de colhedeira. “O espaçamento duplo contribui para a longevidade do ca-

navial”, afirma o pesquisador. Após o primeiro corte os resultados obtidos na experimentação serão divulgados. Gavas comenta que o mercado sucroalcooleiro está bem aquecido e essas novas tecnologias poderão ser empregadas. “O objetivo dessas pesquisas é justamente conhecer os resultados para serem aplicados da melhor forma possível no sistema comercial”.



não se avalia as exigências nutricionais em suas diferentes etapas. Na fertiirrigação são consideradas as fases distintas da planta, pré-germinação, germinação, crescimento, desenvolvimento e maturação. A quantidade de fertilizantes dissolvidos nos tanques respeita uma

tabela nutricional recomendada por um engenheiro agrônomo. Após a diluição o equipamento é acionado e os nutrientes são injetados de acordo com a programação pré-estabelecida no painel de controle. O sistema garante a chegada do composto à raiz da cana. A eficácia des-

se trato cultural se converte em produtividade. Conceitos arraigados, falta de visão empreendedora, limitação de recursos financeiros e a desinformação são alguns dos obstáculos que dificultam a disseminação tecnológica na cultura canavieira. ❏

FUSO CLEAN

NA GRANDE SAFRA DE ALGODÃO

FUSO CLEAN 2000 e **FUSO CLEAN Nova Fórmula** são as mais modernas tecnologias em produto limpador de fuso de colheitadeiras de algodão.


Tecnologia para a Natureza
rigran@rigran.com.br

Fuso Clean Nova Fórmula é composto de produtos organo-minerais neutros, solúveis em água, não tendo as desvantagens dos produtos à base de detergentes, garantindo a mais alta eficiência nas mais severas condições de uso. A composição utilizada no **Fuso Clean Nova Fórmula**, resulta no reconhecimento pelos maiores fabricantes de colheitadeiras, como o melhor, o mais eficiente e o mais econômico produto limpador de fusos, vantagens estas já comprovadas por grandes plantadores de algodão.



fone 51 3341 3225



Leonardo Soares de Medeiros

ÂNIMO renovado

Mais do que uma grande exposição de tecnologia, o Show Rural Coopavel foi uma amostra do momento de otimismo que cerca o agronegócio brasileiro. Durante a tradicional feira de Cascavel, no oeste paranaense, visitantes e expositores deram indicativos de que a forte crise dos últimos anos está ficando para trás

Denise Saueressig
denise@agranja.com
Texto e fotos

No campo, a lavoura tem a ajuda do clima. No mercado, os preços reagem e indicam a volta da rentabilidade para o produtor. Mesmo alegando cautela, os produtores não negam a volta do otimismo em 2007. E quando o agricultor tem expectativas positivas, toda a cadeia sente os reflexos. Durante o Show Rural Coopavel, realizado em Cascavel/PR entre 5 e 9 de fevereiro, produtores e

expositores mostraram confiança em relação à atual safra e aos próximos meses. As conseqüências das dificuldades econômicas dos últimos dois anos ainda existem, mas a conjuntura dá sinais de que o período é de recuperação para o agronegócio nacional. “Esse é um momento de retomada, mas sem euforia, até porque a reação deve ocorrer em duas safras”, analisa o presidente da Coopavel, Dilvo Gro-

lli. Na opinião dele, o produtor está mantendo os pés no chão e trabalhando com muito mais responsabilidade em comparação com anos anteriores.

Quem visitou a feira encontrou um show de tecnologia em agricultura e pecuária. Enquanto circulavam entre os estandes de máquinas agrícolas, os visitantes conheciam lançamentos, conferiam preços e prospectavam negócios. Apesar de ter adquirido uma

plantadeira nova em janeiro, o agricultor Luiz Veber, de Três Barras do Paraná/PR, não deixou de visitar o Show Rural para conferir de perto as novidades. Produtor de soja, milho e feijão em 30 hectares, Veber comemora a ajuda do clima e a alta dos preços. “Na safra passada sofremos muito com a estiagem, mas agora a produtividade da soja dobrou”, relata. Este ano, o agricultor deve colher por hectare uma média de 69 sacas de soja e 150 de milho.

Produtor de soja e milho em Manoel Ribas/PR, Estanislaw Kauling fez a venda futura de parte da safra de milho para garantir um bom preço. Em janeiro, ele negociou 8 mil sacas do grão a R\$ 19 a saca. A entrega será no final de março e o pagamento, no começo de abril. “Vender dessa forma é mais seguro. Apesar da relativa estabilidade, já houve redução no preço desde janeiro”, constata o agricultor, que diz ter motivos para estar otimista sobre os rumos da agricultura em 2007. “Vendo a lavoura produtiva, a gente se alegra”, resume Amildo Lehmkuhl, também produtor e vizinho de Kauling.

Para garantir um bom resultado com a venda futura, Kauling mantém um sistema de armazenagem na propriedade. No total, quatro silos têm capacidade para reservar 42 mil sacas de grãos. Ele garante que o investimen-

to na estrutura vale a pena. “O custo varia entre R\$ 2 e R\$ 3 por saca, e o resíduo de produto é usado para tratar os bois no confinamento”, conta.

Mesmo com o otimismo em relação a essa safra, os agricultores ainda temem o comportamento do dólar. “O preço da soja em Chicago está bom, mas a moeda americana está desvalorizada por aqui”, observa Kauling, que ainda procura as melhores condições para negociar a oleaginosa.

Pesquisar preços, sim. Comprar, ainda não. Pensando assim, o produtor Irineu José de Assis visitou os estandes de máquinas agrícolas. “Vim ver quais são as novidades”, diz ele. Apesar dos custos mais baixos para a implantação da lavoura e dos preços mais altos das commodities, o agricultor, que possui propriedade em Corbélia/PR, tem parcelas a pagar de dívidas renegociadas. Com a estiagem da safra passada, Assis perdeu cerca de 30% da plantação de soja e de mi-

lho, o que ajudou a abalar suas economias. Este ano, ele quer resolver a situação financeira e tem expectativas positivas em relação ao mercado. “O ano já começou melhor, o pessoal está mais animado e os resultados com a colheita do milho foram muito bons”, salienta.

Reflexo na indústria — Quem trabalha direta ou indiretamente com o agronegócio já sabe: as oscilações na lavoura chegam inevitavelmente ao chão das fábricas. Nos últimos anos, as indústrias de máquinas agrícolas sentiram o impacto nas vendas e na produção. O mercado interno, que em 2004 somou 37,8 mil unidades vendidas, caiu para 23,2 mil unidades em 2005. No ano passado houve uma recuperação tímida, que elevou a comercialização para 25,7 mil máquinas.

Nesse começo de 2007, os fabricantes já tiveram indícios de que os próximos meses devem ser bem me-



Dilvo Grolli, presidente da Coopavel, saúda o momento de retomada e de maior responsabilidade do produtor



Produtor Luiz Veber conseguiu dobrar o rendimento da lavoura de soja nesta safra

lhores. Em janeiro, as vendas somaram 1,8 mil unidades, expansão de 7% em comparação com o mesmo mês de 2006. “Sentimos que o astral do produtor está mudando, porque ele está enxergando rentabilidade na soja e no milho. Além do clima estar favorável, o plantio foi feito a custos inferiores e a soja está valorizada”, conclui Paulo Kowalski, gerente regional de Vendas da John Deere. Quanto aos investimentos em maquinário, o executivo faz uma ressalva. “O agricultor está reticente em função das dívidas e deve esperar o término da colheita para decidir sobre possíveis negócios”, argumenta. Orlando Capelossa, diretor de Vendas e Pós Vendas da Valtra, concorda com esse pensamento. “A maioria dos produtores ainda precisa se reorganizar financeiramente. De qualquer forma, estamos passando por um período de início de retomada”, completa.

Para Francesco Pallaro, vice-presidente da Case New Holland na América Latina, a reação do mercado está “na cara” dos vendedores e dos clientes. “O sorriso no rosto mostra que o momento é positivo. O clima está favorável, o produtor fez o plantio de forma mais econômica, existem as demandas por energia e por alimento e o preço da soja reagiu no mercado internacional”, enumera o executivo. Apesar de saudar a atual demanda por máquinas novas, Pallaro prefere não arriscar palpites sobre o mercado em 2007. “Ainda há questões que precisam de resolução, como as dívidas. A demanda de agora é muito pontual, por necessidade de investimentos, por isso,



Kowalski acredita que o produtor vai esperar a colheita para comprar máquinas novas



Kauling aposta na negociação futura para conseguir mais segurança na venda da colheita

depois da colheita e das contas feitas, será mais fácil visualizar o comportamento do setor”, deduz.

Se em 2006 o destaque do mercado ficou por conta das máquinas voltadas para culturas como laranja, café e cana-de-açúcar, este ano, as indústrias esperam o reaquecimento dos negócios voltados para os grãos, especialmente milho, soja e arroz. “Ainda dependemos de uma sé-

rie de fatores, como o clima, mas a expectativa é positiva, com um aumento em torno de 10% nas vendas em 2007. O produtor sabe que precisa do investimento para manter a atividade competitiva”, destaca Fábio Piltcher, diretor de Marketing da Massey Ferguson.

De maneira geral, as indústrias estão readequando as unidades produtivas para atender os pedidos recentes. As variações bruscas do mercado nos últimos anos alteraram o movimento de toda a cadeia de fornecedores e agora exigem ajustes e novas contratações nas fábricas. No caso das empresas exportadoras, dependendo do movimento do dólar, máquinas que inicialmente seriam destinadas ao exteri-

or, podem ser redirecionadas para o mercado interno. “O câmbio ainda é o vilão dos negócios no mercado externo”, resume Piltcher.

O analista de Marketing da Agrale, Nauri Ribeiro, acredita que o Show Rural funciona como um “termômetro” do mercado para o restante do ano. Para ele, que já percebe sinais de reação entre os produtores de grãos, o segundo semestre deve ser a época de maior volume de negócios. “A maior parte das propostas recebidas são para tratores a partir de 85 cv, voltados para os grãos”, cita. A Agrale encerrou 2006 com crescimento de 27% nas vendas de tratores. Para este ano, a expectativa é de incremento de 10% na comercialização.

Mesmo com os problemas financeiros enfrentados pelos produtores, a Yanmar Agritech conseguiu um incremento de 30% nos negócios realizados no ano passado. O assistente comercial da empresa, Geraldo de Almeida, diz que o bom desempenho deve-se ao investimento em máquinas diferenciadas e que proporcionam um bai-

xo consumo de combustível. “A economia chega a 30% em comparação com uma máquina grande nos trabalhos de pulverização e tratamentos culturais”, garante o dirigente. Para 2007, as perspectivas também são otimistas. “A procura por equipamentos novos está grande e a tendência é de mercado aquecido nos próximos meses”, acrescenta Almeida.

Novidades na hora de plantar

— O Show Rural Coopavel é o lugar certo para o produtor que busca incrementar o trabalho no campo com a incorporação de novas tecnologias. Este ano, quase 300 expositores apresentaram na feira soluções e serviços para as diferentes etapas da produção.

A Nidera Sementes, que está no Brasil há dois anos, destacou na exposição oito lançamentos de híbridos de



Agricultor busca economia de combustível na compra de equipamentos, afirma Geraldo de Almeida

milho simples e precoces. A empresa ainda apresentou aos produtores a soja RG com oito variedades, quatro tipos de sementes híbridas de girassol e cinco tipos de híbridas de sorgo. O coordenador de desenvolvimento de produtos da Nidera, Flávio Roberto Lammanna, lembra que o agricultor deve aproveitar as oportunidades geradas pela demanda de biodiesel. “Num primeiro momento, o produtor será beneficiado pelo aumento dos preços dos produtos. Quanto ao investimento, no caso da soja e do girassol, é praticamente nulo, pois são culturas já plantadas no Sul do Brasil. Se o produtor quiser esmagar essas oleaginosas na sua propriedade, terá o custo inicial de aquisição do equipamento”, afirma. O dirigente comenta que um equipamento com produção de 400 litros por dia, tem um custo de cerca de R\$ 54 mil. Já uma máquina de maior porte, com capacidade de 8 mil litros ao dia, pode chegar a R\$ 430 mil.

A Pioneer apresentou aos agricultores três híbridos de milho para o Sul com características especiais para as lavouras da região. O 30F36 é precoce, tem altíssimo potencial produtivo e boa sanidade. “Nos ensaios preliminares, o rendimento por hectare variou entre 13 mil e 15 mil quilos”, ressalta o coordenador técnico da empresa. O 32R48 é superprecoce, tem boa qualidade de grão e um bom pacote contra doenças, em especial a cercospora. Já o 32R22



Nauri Ribeiro diz que o Show Rural funciona como um termômetro do mercado



De tudo num só lugar

A 19ª edição do Show Rural teve 143,2 mil visitantes, 290 expositores e 3,5 mil profissionais envolvidos. O presidente da Coopavel, Dilvo Grolli, destaca a crescente profissionalização da feira, que mantém o foco centralizado nos interesses e necessidades do trabalhador rural. Para os próximos anos, existe a intenção de melhorar a infraestrutura da exposição, criando novas ruas calçadas e cobertas e mais locais para descanso. Em 2008, o Show Rural será realizado entre os dias 28 de janeiro e 1º de fevereiro.

Leandro Soares de Medeiros

tem como pontos fortes a hiperprecocidade e a tolerância ao turcium, causador de grandes perdas nas lavouras do Sul do País.

O AG 8011 é o novo híbrido precoce da Agroceres voltado para a safra de verão da Região Sul. O produto tem como diferenciais a excelente sanidade foliar, com destaque para a alta tolerância a Puccinia sorghi e a Cercospora. Tem resistência ao acamamento e ao quebraamento e boa qualidade de grãos.

A partir da safra 2007/2008, a Agroeste vai colocar à disposição dos clientes dos Estados do Sul os híbridos AS 1535 e AS 1540. “A proposta é oferecer alta rentabilidade para os mais diferentes ambientes produtivos da região”, frisa o diretor comercial, Neimar Brusamarello. O executivo destaca que um dos

exemplos da retomada do agronegócio será a safrinha, que tem tendência de aumento de área plantada de 30% no Mato Grosso e de 15% no Paraná. “O produtor está investindo, até porque, o milho vem para suprir também a demanda energética”, complementa.

Destaque para os cuidados da lavoura — Na hora de proteger a plantação de fungos, insetos e ervas daninhas, soluções inovadoras não faltam entre os fabricantes de defensivos. A Bayer mostrou no Show Rural os resultados alcançados com diferentes tecnologias. Lançado no segundo semestre de 2006, o CropStar é um inseticida desenvolvido para tratar as sementes de milho. “É um produto completo, que atua no controle de pragas sugadoras e mastigadoras”, explica André Kraide Monteiro, ge-

rente de Marketing da Bayer na Região Sul. Ele alerta os produtores sobre a importância de tratar as sementes que serão utilizadas na safrinha, época de calor e umidade, condições facilitadoras para o aparecimento de pragas. “O agricultor que optar pela tecnologia terá custo em torno de dois ou três sacas de milho por hectare, ou seja, o custo é baixo perto do custo total de produção e comparado com as perdas que as pragas podem causar”, avalia Monteiro.

A Basf deu enfoque aos resultados obtidos com a Linha F500, composta pelos produtos Opera, Comet e Cabrio Top. Fruto da parceria da empresa com universidades, a pesquisa com essas tecnologias proporcionaram aumento médio de 10% a 15% na produtividade. Para mostrar esses resultados na prática, a



Feira de Cascavel/PR é vitrine tecnológica que atraiu mais de 140 mil visitantes nacionais e estrangeiros

Basf preparou, durante o Show Rural, estações com as principais rotas do Efeito Fisiológico F500 nas plantas, onde foram realizadas palestras dinâmicas e didáticas.

A FMC usou a criatividade para chamar a atenção dos produtores na feira. Inspirado em uma pista de fórmula 1, o Circuito Mais Safra reuniu, em uma área de 1,5 mil metros quadrados, campos demonstrativos

com as etapas iniciais do ciclo da lavoura: do pré-plantio, passando pelo tratamento de sementes, até o controle de pragas e plantas daninhas. “O Circuito Mais Safra mostrou todas as etapas, com destaque especial para o manejo de plantas daninhas na soja transgênica”, assinala Leandro Garcia, coordenador de Desenvolvimento de Produtos e Mercado da FMC. ■

TeeJet®

“Dicas para aumentar a lucratividade”



Modo de ação e produtos pulverizados

Tipo de ponta	Herbicidas					Fungicidas		Tamanho das gotas
	Pré-emergência	Pós-emergência				Contato	Sistêmico	
		Contato	Sistêmico	Contato	Sistêmico			
XR TeeJet® XRC TeeJet®  	Bom	Bom	Muito bom	Bom	Muito bom	Muito bom	    	
Turbo TeeJet® (TT) 	Bom	Muito bom	Excelente	Muito bom	Excelente	   		
Turbo TeeJet® Indução (TTI) 	Excelente	---	Excelente	---	Excelente			
AI TeeJet® AIC TeeJet®  	Muito bom	Bom	Excelente	Bom	Excelente	  		
Turbo TwinJet® (TTJ60) 	Bom	Excelente	Excelente	Excelente	Excelente	   		

 Muito fina
  Fina
  Média
  Grossa
  Muito grossa
  Extremamente grossa

(A categoria do tamanho das gotas pode variar de acordo com a capacidade do bico, com o seu ângulo de pulverização e a pressão.)



Torne-se

TeeJet®

www.teejet.com

Prática

FUNDAMENTAL

e com muitos objetivos

Nas áreas de plantio direto, a dessecação anterior à semeadura elimina plantas estabelecidas, deixando à disposição a palhada. Também auxilia na limpeza da área para uma eficiente colheita. Mas muitos devem ser os cuidados em sua implementação

Léa Deungaro Almeida Prado

A dessecação está intimamente ligada ao Sistema de Plantio Direto (SPD) como auxílio utilizado na preparação da terra antes da semeadura. A prática entrou em cena graças ao advento do herbicida paraquat, lançado no mercado inglês em 1961. Empregado em larga escala, permite o controle de plantas invasoras no pré-plantio por meio do uso de desseccantes e apressa a secagem da lavoura para uma pré-colheita. A dessecação iniciou-se no Brasil com a possibili-

dade do plantio direto, na década de 70. No SPD, a utilização de desseccantes substituiu a energia mecânica na preparação do solo pela química. Com a técnica é essencial o emprego de métodos associados de controle de plantas daninhas, como o uso de culturas de cobertura, rotação de culturas e herbicidas específicos. Conforme a espécie, densidade e distribuição da invasora na plantação, as perdas são significativas. Além da mato-competição, as ervas daninhas podem dificultar a

operação da colheita e comprometer a qualidade dos grãos.

Nas áreas em que se adota o plantio direto, a dessecação anterior à semeadura elimina plantas estabelecidas, deixando à disposição a palhada. Em sua decomposição, a palha mantém a umidade do solo, produz sombreamento e libera substâncias alelopáticas, construindo, dessa forma, uma atmosfera desfavorável para a germinação de algumas espécies daninhas. De acordo com Elemar



Divulgação

A dessecação favorece a colheita ao evitar o embuchamento pela massa de daninhas

Voll, agrônomo e pesquisador da Embrapa Soja, de Londrina/PR, quem faz a semeadura direta provavelmente enfrentará menos problemas do que na semeadura convencional. “No direto, simplesmente aplica-se um herbicida de contato antes do plantio, enquanto que no convencional é preciso arado e grade”, comenta.

Quando usar — O plantio direto bem feito, com excelentes palhadas, abranda o aparecimento do mato, no entanto não resolve definitivamente o problema, tampouco qualquer outro instrumento empregado de forma isolada. Alguns passos como o uso de sementes adequadas de boa procedência, rotação de culturas, boa cobertura morta, são ferramentas importantes de manejo para que o herbicida aja de forma eficiente.

O uso da dessecação no pré-plantio é indicado para eliminar as plantas presentes na área onde será implantada a lavoura, quer sejam de daninhas ou espécies com partes ainda verdes, cultivadas com a intenção específica de produzir a palhada de que o SPD precisa. No pós-plantio, os herbicidas são utilizados a fim de controlar os inços que nascem juntamente com a cultura. Na pós-colheita da safra, o desseccante é empregado para eliminar as plan-

tas daninhas ainda presentes e que, geralmente, serão de difícil controle. Quando deixadas à vontade entre uma colheita e a seguinte, podem se tornar perenes dependendo da espécie.

Utilizada para apressar a safra de grãos, como a soja, a dessecação facilita o trabalho das colhedei- ras e permite a antecipação da colheita, minimizando prejuízo caso tenha sido um ano de condições climáticas desfavoráveis. Se necessária, é importante observar a época apropriada para executá-la. Aplicações realizadas antes da cultura atingir o estágio de desenvolvimento R7, provocam perdas no rendimento. O

estágio R7 coincide com o amarelecimento e caída das folhas. Nota-se uma cor marrom na haste principal, sinal do início da maturação. “Nesse momento a planta só irá perder água”, esclarece Voll. “Não haveria perda de produção, somente umidade por parte do grão”. A dessecação deve ser indicada quando a lavoura se encontra com inço, plantas de hastes verdes, no momento da colheita ou quando a cultura apresenta maturação desuniforme.

Embuchamento — Lavoura não-homogênea, com retenção foliar, planta verde, ou com uma infestação muito grande de ervas daninhas, poderá complicar a operação de colheita. Na hora da ceifa a máquina poderá embuchar, conforme alerta o agrônomo. “A colheitadeira tem um volume muito grande de plantas a serem colhidas e mais as plantas daninhas, devido ao volume de material que entra na plataforma, vai fazer com que ela pare. A dessecação facilita a colheita, reduz as impurezas e a umidade dos grãos”. Destaca ainda que as sementes para plantio terão de ser isentas do uso de desseccantes e de ervas daninhas.

Uma semente de qualidade inferior terá menos de 80% de poder germinativo e baixo vigor. Em relação à umidade dos grãos, quanto menor o teor, menores são as chances de desenvolvimento de fungos. O teor de umidade dos grãos de soja é um importante aspecto a ser con-



Divulgação

Voll, da Embrapa Soja: no plantio direto aplica-se o herbicida de contato antes da semeadura

siderado, sendo ideal entre 12% e 14%. Prejuízos elevados na colheita podem ser esperados quando a cultura estiver muito seca. Com a umidade inferior a 12%, os grãos se tornam duros e facilmente quebradiços durante a colheita.

Para o pesquisador, caso esse manejo for descartado na pré-colheita, será usado para a preparação do solo da cultura seguinte. Muitos sojicultores, não tendo problemas de controle na soja, acabam se descuidando e não aplicam herbicida na safrinha por economia. “Haverá reinfestação, prejudicando não só a safrinha, mas aumentando muito o banco de sementes para a próxima safra”, afirma o agrônomo.

Dessecantes — A dessecação consiste em destruir a planta em seu processo metabólico devido ao uso do herbicida, desidratando-a. De forma geral, os produtos utilizados como dessecantes não são seletivos às culturas, e podem ser de ação sistêmica ou de contato. Os de ação sistêmica, circulam na planta e atingem enzimas responsáveis pela elaboração de aminoácidos que resultam na produção de proteína. Por faltar proteína, a planta morre. A dessecação tem o efeito de limpar para a colheita e exercer efeito sobre a sementeira. Dentre os inços mais resistentes aos herbicidas estão o capim-marmelada, o amendoim-bravo, o picão e a trapoeraba.

Os dessecantes de contato destroem a parede celular da planta. Têm ação rápida, com um tempo de

Princípios ativos recomendados

Glifosate — É herbicida pós-emergente de ação total, não-seletivo às culturas, utilizado na dessecação de plantas daninhas no SPD, aplicado antes da semeadura. Atua eliminando todas as plantas daninhas ou culturas de cobertura presentes na área a ser cultivada. Usa-se exclusivamente em pós-emergência das plantas que se deseja dessecar, uma vez que é fortemente adsorvido pelos colóides do solo, não ficando disponível para absorção radicular. O produto estimula a produção de etileno, provocando o amarelecimento progressivo das folhas, murchamento e posterior morte das plantas, o que ocorre cerca de 10 a 14 dias após a aplicação. Tem como vantagem adicional o fato de apresentar baixa toxicidade à vida aquática e aos mamíferos.

2,4-D amina — Pode ser absorvido pelas folhas, caule e raízes. Provoca intensa divisão celular na planta, causando multiplicação e engrossamento de raízes, formação de gemas múltiplas, encurtamento das nervuras das folhas e epinastia (curvatura dos ponteiros da planta resultante do maior crescimento da sua parte superior) nas espécies de folhas largas. Pode ser formulado na forma amina ou éster. Na formulação éster é muito mais volátil que na formulação amina, não podendo, portanto, ser

utilizado em regiões de clima quente, como Mato Grosso do Sul e Mato Grosso. Em temperaturas acima de 30°C ocorre uma volatilização intensa, havendo a possibilidade de o produto ser deslocado pelo vento a grandes distâncias. Com isso, culturas sensíveis como algodão, tomate, etc, são afetadas.

Paraquat e Diquat — Esses dois herbicidas pertencem ao grupo químico dos bipyridílios. Têm forte ação de contato e são pouco translocáveis na planta, matando rapidamente os tecidos verdes através do processo de oxidação e redução. Os íons destes herbicidas formam água oxigenada em quantidade fitotóxica que produz a morte dos tecidos vegetais. Provocam a descoloração das folhas, indicando ruptura das membranas celulares, uma hora após aplicação, e murchamento e dessecação após 24 horas. Perdem ação ao entrar em contato com o solo.

Diuron — O diuron pertence ao grupo químico das uréias substituídas. Tem absorção radicular e, com menor intensidade, foliar. É um potente inibidor da reação de Hill, na fotossíntese. Os sintomas de fitotoxicidade aparecem inicialmente nas folhas, que ficam com tonalidades verde-clara, tornando-se necróticas. Apresenta grande sinergismo quando em mistura com paraquat.

Fonte: Embrapa



A dessecação não deve ser indicada quando a cultura apresenta maturação desuniforme

espera por volta de dois a três dias. Os produtos que têm como ingrediente ativo o paraquat ou diquat, são indicados para gramíneas e folhas largas, respectivamente. Os sistêmicos, como o glyphosate ou o 2,4-D amina na formulação, têm ação mais lenta, de sete a dez dias. “O glyphosate, além da demora na dessecação, também tem afetado o desenvolvimento das plântulas de soja em testes de germinação. O 2,4-D, em solos mais arenosos, pode ser lixiviado e entrar em contato com a semente”, ressalta Voll. “Para a dessecação de pré-colheita na soja convencional, é aconselhável a utilização de produtos com composição química paraquat ou diquat. Na soja transgênica, que é mais resistente, pode-se fazer uso do glyphosate”, complementa.

Eficiência — Na pulverização, deve-se tomar por base as particularidades das condições de aplicação, bem como a hora do dia, ventos, temperaturas elevadas e possibilidade de chuvas após a aplicação. A umidade

relativa do ar deve estar acima de 60%, com ventos inferiores a 8 km/h e temperatura menor que 30°C. Em períodos chuvosos, as aplicações são contra-indicadas se usado o glyphosate. O produto demanda seis horas sem chuva, após a pulverização, para uma completa absorção foliar. Para o produtor que fizer a limpeza do terreno no pré-plantio com 2,4-D amina para a cultura da soja, é importante estabelecer um intervalo de sete a dez dias entre a aplicação e o plantio.

Os herbicidas paraquat e diquat não são afetados por chuvas que ocorram uma hora após a aplicação, por possuírem rápida absorção foliar. A eficiência de herbicidas dessecantes depende da quantidade e da qualidade de água usada como veículo em sua pulverização. “É importante ler a bula do produto, seguindo recomendações do fabricante, e usar equipamentos de proteção individual como luvas e máscaras”, sugere Voll. Os paraquat e diquat possuem alta toxicidade.

Ao optar pelo uso do glyphosate no pré-plantio da soja, na preparação do solo, é indicado aplicá-lo 20 dias antes de semear, com dose de três litros/hectare. Sua eficiência, segundo defendem alguns técnicos, é aumentada quando aplicado em volume reduzido de calda de pulverização. Essa eficiência tem sido atribuída à melhor cobertura da folhagem, sem que ocorra escorrimento, e a maior concentração de ingrediente ativo nas gotículas da pulverização. Na da cultura da soja, é recomendado estabelecer um intervalo de dez dias entre aplicação e o plantio, quando se utilizar o herbicida 2,4-D amina.

Para as ervas daninhas originadas de sementes dormentes de estações anteriores existem diversos herbicidas, de pré ou pós-emergência, seletivos ou de aplicação localizada, cuja escolha depende de prática ou de recomendação. No período de implantação ou quando persistente requer a assistência de um especialista. ■

Lancer Multiuso 10.000/12.000



Apto para diversas tarefas, distribuição calcário, adubação pré-plantio e de cobertura até 36 m, graças a sua esteira de borracha, sua bitola regulável e uso de prolongador de altura. Maiores detalhes com o revendedor de sua preferência.



Implementos Agrícolas Jan

Fone - 054 3332 1744 decom@jan.com.br
CEP:99470-000 Não-Me-Toque-RS

Difusão de CONHECIMENTO

Centro de mecanização agrícola foi criado em Cascavel/PR para transmitir o que há de mais moderno na área para produtores, estudantes e técnicos

Teorias e práticas trabalham juntas no Centro de Desenvolvimento e Treinamento em Mecanização Agrícola instalado na Fundação Assis Gurgacz (FAG), em Cascavel/PR. Inaugurado em 6 de fevereiro, durante o Show Rural Coopavel, o projeto foi desenvolvido pelo curso de Agronomia e tem como parceiros as empresas Massey Ferguson, Jacto, Marchesan e Camagril. O investimento total é de aproximadamente R\$ 4 milhões. “Em 2004, quando recebemos os primeiros acadêmicos de agronomia, dissemos a eles que queríamos apresentar uma novidade dentro do nosso curso. A maioria dos estudantes são filhos de agricultores que voltarão ao trabalho no campo e, por isso, surgiu a idéia de montar a oficina-escola”, destaca Assis Gurgacz, diretor presidente da fundação mantenedora da FAG.

O centro foi criado ao lado da Fazenda-Escola, uma área de 68 hectares utilizada pelos alunos para testes e experimentos em lavouras. A estrutura foi equipada com salas para aulas demon-

strativas e práticas. Cada um dos parceiros mantém um espaço próprio com peças e equipamentos específicos voltados a diferentes etapas da mecanização, passando pelo preparo do solo, plantio, pulverização e colheita. “Para nós e para os alunos, o centro vai funcionar como um gerador de desenvolvimento de novas tecnologias”, ressalta a professora do curso de Agronomia, Adriana Maria De Grandi.

A Massey levou para o centro um simulador de uma colheitadeira MF 34, com computador de bordo. Na unidade de tratores, estão disponíveis eixos dianteiros, caixa de câmbio e sistemas hidráulicos para os estudantes compreenderem como funciona a máquina. Também há ferramentas exclusivas para montagem e desmontagem de tratores e colheitadeiras, equipamentos de precisão e para ajustes e regulagens das máquinas. Junto ao centro de treinamento, ainda foi montada uma usina-piloto de biodiesel, que realiza experimentos com diferentes plantas fornecedoras da ma-



Estrutura será utilizada também para reciclagem de profissionais do setor, diz Eduardo dos Santos, da Massey

téria-prima.

Além dos alunos da faculdade, o centro poderá ser utilizado por produtores, pela rede de concessionários das empresas parceiras e por profissionais ligados ao setor e que estejam interessados em atividades de treinamento. “O interessante é que a estrutura será útil para quem quer buscar reciclagem e atualização na área”, define Eduardo de Sousa Filho, coordenador de assuntos institucionais da AGCO do Brasil. “O centro funciona como um ponto estratégico de treinamento, onde são repassadas as noções mais simples, de funções manuais, até as mais complexas, em sistemas computadorizados”, acrescenta Nelson de Oliveira, instrutor da Jacto. Para oferecer aulas aos produtores, a FAG e os parceiros pretendem formular um calendário de atividades. Também há a intenção de programar eventos em conjunto com cooperativas e órgãos como o Serviço Nacional de Aprendizagem Rural (Senar). ❏



Centro de treinamento foi inaugurado em fevereiro e recebeu investimentos de R\$ 4 milhões

Denise Satteresig

Lidney Cumpiol/Divulgação Massey Ferguson

Expectativas SUPERADAS



Divulgação

Mais uma vez, como já é tradição, o Ma Shou Tao Agrícola 2007, realizado em fevereiro, na Fazenda Boa Fé do Grupo Ma Shou Tao, em Conquista/MG, superou todas as expectativas de seus organizadores, empresas e instituições. Com mais de 2.500 participantes entre profissionais do agronegócio, pesquisadores, empresas públicas e privadas, e estudantes de todo o Brasil, o evento ofereceu a oportunidade de absorver conhecimentos aplicados com as últimas tecnologias disponíveis no mercado.

No 15º Encontro Técnico de Milho e Soja, assim como na 8ª Exposição de Tecnologia Agropecuária, foram apresentados produtos e serviços do segmento e soluções para tor-

nar as suas atividades mais lucrativas. “Tivemos um seletivo público em relação ao encontro do ano passado”, destaca o diretor executivo do Grupo Ma Shou Tao, Jônadan Ma. Ele ainda resalta que as palestras foram atentamente acompanhadas pelos produtores, devido o alto nível técnico.

Quanto aos negócios, o evento contou com a participação de várias empresas e instituições ligadas às culturas de milho, soja e cana. A 8ª Exposição de Tecnologia Agropecuária, que a princípio seria uma forma de apresentar os equipamentos e serviços de

última geração aos produtores, teve um resultado altamente positivo. Quem veio para conhecer as novas opções, acabou fazendo negócios.

Para o coordenador do curso de Agronomia das Faculdades Associadas de Uberaba (Fazu), Luis César Drumond, o Ma Shou Tao Agrícola 2007 é um marco. “Aqui são mostradas as maiores tecnologias no campo de produção, no que se refere principalmente à parte agrônômica em si. Diferente de outros eventos que mostram a parte de tecnologias aplicadas nesta área, através de máquinas. O Ma Shou Tao Agrícola é sem dúvida alguma, o primeiro evento do ano no Brasil que mostra na prática a evolução da genética, ou seja, de biotecnologia”. De acordo com o gerente de marketing do Grupo Ma Shou Tao, Thiago Quirino, o evento se firmou como o maior encontro para difusão de tecnologias em nível de campo do Brasil Central. “Um evento consagrado por 15 anos que se supera a cada ano”. ■



Divulgação

Evento reuniu mais de 2.500 profissionais do agronegócio na Fazenda Boa Fé, em Conquista/MG

João Moraes: "O pessoal conhece a cachaça, vai pedindo e eu vou mandando"



Salinas e cachaça, uma **PARCERIA** que vai longe

Fotos: Gláucia Rodrigues

Leandro Mariani Mittmann
leandro@agranja.com

Uma boa cachacinha é um bom argumento (ou desculpa) para as pessoas se reunirem. Mas no município de Salinas, no norte mineiro, uma junção de sucesso em torno da cachaça não se deu ao redor da mesa de um bar ou na varanda de uma casa, mas sim entre os produtores da aguardente. A Associação dos Produtores Artesanais de Cachaça de Salinas (Apacs) mantida por 23 pequenos e médios agricultores é uma das explicações para o sucesso que o município conquistou com o produto que hoje se constitui na segunda atividade eco-

nômica local – atrás apenas do comércio, visto que a localidade, de 35 mil habitantes, é uma cidade-pólo na região. “Mas isso deverá mudar nos próximos anos”, aposta Kênia Cardoso, técnica do Sebrae na Micro Região de Salinas, e que trabalha diretamente com os agricultores.

Os agricultores da Apacs geram, de forma independente, 35 marcas, que são distribuídas pelo País e que concorrem ombro a ombro com nomes de grandes indústrias. “As várias marcas são conhecidas pela qualidade”, destaca Kênia. Segundo ela, ape-

nas uma, a Havana, muito tradicional, chega a custar mais de R\$ 140 à garrafa. “É reconhecida internacionalmente como a melhor cachaça do País”, assegura. Os produtores da Apacs produzem a própria cana-de-açúcar, e eles mesmos a processam em seus alambiques. A comercialização também é feita de maneira individual. O Sebrae participa com treinamento dos agricultores, inclusive oferece o curso de gestão de negócios. Entre as novas propostas, revela Kênia, está a montagem de uma central de negócios, para a aquisição de matéria-prima e a ven-

da conjunta dos produtos. Assim como criar um selo de indicação de origem – como os vinhos do Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul.

E os produtores se organizaram e fundaram há pouco a Coopersalinas, que ainda está em processo de estruturação, mas já tem terreno para a sua construção. A partir do funcionamento da cooperativa será criada uma marca única, para assim facilitar campanhas de marketing. “Um trabalho agressivo (de divulgação) com 35 marcas se torna quase impossível”, reconhece a técnica. Mais do que isso, a partir de apenas uma marca a intenção é chegar a novos e importantes mercados consumidores como o Estado de São Paulo, além do exterior. A cooperativa nasce grande, visto que os produtores da Apacs deverão gerar em conjunto 3 milhões de litros de cachaça neste ano. “E com tendência de crescimento”, acrescenta Kênia o futuro do negócio. Até por isso, Salinas é considerada a capital brasileira da cachaça.

Um dos diversos responsáveis pelo título de “capital da cachaça” de Salinas certamente é João Moraes, que produz as marcas Erva Doce e Canardente. Ele planta seis hectares de cana, e mantém um alambique. Segundo ele, sua cachaça é a mais suave da região. A preferência pela aguardente classificado de extra-leve tem uma razão: “O

público feminino e jovem não absorve cachaça com alto teor alcoólico. Optamos pela extra-leve, e está dando certo”. A cachaça de Moraes é envelhecida em dois momentos: numa determinada madeira para promover o envelhecimento, e em noutra para dar gosto e coloração. O processo consome pelo menos dois anos, mas às vezes o envelhecimento se dá por quatro anos. As marcas dele são conhecidas pelo público no Festival Mundial da Cachaça, realizado no município anualmente. Então fica fácil comercializar. “O pessoal conhece. Depois vão pedindo e a gente vai mandando”.

Sabino Pinto de Souza também é referência na região. Ele produz cachaça desde 1988, e no ano passado gerou 256 mil litros de quatro marcas: Brinco de Ouro, Brinco de Prata, Puricana e Preciosa. “Vendo para o Brasil todo. Mas Belo Horizonte é o lugar que mais conhece cachaça artesanal”, conta. Na capital mineira ele comercializa as suas cachaças em quatro estabelecimentos comerciais. Mas Souza atende a muitos pedidos particulares. É só solicitar que o produtor manda as caixas. A marca preciosa é a mais cara: R\$ 300 à dúzia de garrafas. Afinal, é envelhecida por



Sabino de Souza: “Vendo para o Brasil todo”

dez anos. “Cada um tem um gosto diferente”, justifica os distintos interesses. A mais barata custa R\$ 75 à dúzia. “O ano de 2007 não está muito bom. Mas agora está começando a engrenar”, comenta sobre o mercado. ■

As sementes da Isla líderes em produtividade e qualidade

- É líder em produtividade de norte a sul (chega a 3000 caixas/ha);
- Tem raízes uniformes e longas, formato cilíndrico e com a pele lisa;
- Tolerância a Alternaria e outras doenças foliares.
- Baixa incidência de anéis brancos;
- Tolerante a doenças foliares;
- Ótima para venda em molhos.

semente
peliculada

semente
descortçada calibrada

CENOURA
Brasília *Max*



BETERRABA
Itapua 202 *Max*

Euro, dólar e outras

MOEDAS

No tempo da inflação desembastada, aprendemos a conviver com moedas que trocavam de nome como a gente muda de camisa, alcançando a perfeição num mês em que a desvalorização passou dos 80%. Se o negócio é terrível para o pobre, que não tem como se defender, também é difícil para o produtor de leite, que tem a mania de regular seus gastos pela unidade-leite, preço recebido por um litro de produto, deduzidos carreto e Funrural. Recebido, geralmente, no dia 20 do mês seguinte, mas isto são outros quinhentos.

Lembro-me de ter feito uma crônica sobre a unidade-leite, convertendo em leite – valor recebido na fazenda – as despesas que tive numa viagem de quatro dias ao Rio. Hoje, estou escrevendo hospedado na fazenda de um amigo, que recebe R\$ 0,40 por litro de leite vendido. A partir daí, fica fácil calcular o resto. Na capital de Minas, por exemplo, um jantar para dois não custa menos que 400 litros de leite. E uma corrida de táxi ao aeroporto local, que fica no fim do mundo, custa exatos 200 litros. Há cervejas nacionais, ditas artesanais, custando 30 litros de leite a garrafa de 600ml, preço também de um bom charuto baiano. Uma cerveja belga, vendida em garrafa parecida com as de champanhe, custa 500 litros de leite. E o negócio vai por aí, ao gosto do freguês.

Já existem resorts no litoral da Bahia cobrando diárias de 700 dólares, no dia em que o dólar vale 5,5 litros de leite. Onde se conclui que a diária custa quase 4 mil litros de leite. É leite que não acaba mais! Comparado com o preço do leite, qualquer cálculo que se faça é desanimador.

Tão grave quando a unidade-leite é a unidade-bezerro, cálculo do ami-

go que me hospeda para justificar sua munheca-de-samambaia. Por aqui, um bezerro desmamado, que não tenha passado pelo mal-de-cuia, está custando cerca de 1.000 litros de leite, ou R\$ 400. Creio desnecessário explicar que mal-de-cuia, nas bacias leiteiras, é o nome que se dá ao bezerro que passou fome.

Tudo na vida do meu hospedeiro gira em torno do preço do bezerro, que se transformará num boi de 16 arrobas, qualquer coisa em torno de R\$ 880 no dia em que escrevo. Assim, quando sua mulher ameaça comprar uma bolsa de R\$ 200, modesta diante dos bens do casal, ele protesta dizendo que a bolsa custa meio bezerro, isto é, um futuro meio boi de 16 arrobas. Pior seria se ela resolvesse comprar bolsa nacional, de grife, que custa em torno de R\$ 1.000, ou 2,5 bezerras que não tiveram mal-de-cuia.

Cálculo mais complicado, que não cheguei a entender direito, é o que ele faz com as vacas magras, mas de bom tamanho: nas fazendas em que falta pasto – isto é, na maioria das fazendas aqui da região – as vacas estropiadas são vendidas a R\$ 400. Empastadas, engordam e valem R\$ 700 poucos meses depois.

Meu amigo não computa o custo das terras, da mão-de-obra e tudo mais que se gasta na roça, com o seguinte argumento: “Fazenda e empregado a gente já tem”. Portanto, quando compra uma vaca por R\$ 400, para revender por R\$ 700 pouco tempo depois, está aproveitando os pastos e os empregados ociosos.

Não por

acaso, a palavra pecúnia, sinônimo de dinheiro, vem do latim *pecúnia, ae*, que significa “dinheiro em gado”. Junte-se o fato, largamente comprovado, de que terra boa e gado mestiço nunca deram prejuízo a ninguém.

Tive um vizinho que sempre viveu de fazenda e na fazenda – região de terras acidentadas, difíceis de trabalhar, mas a gente dava um jeito. Era um homem imenso, fortíssimo, vermelhão, passional, que fazia discursos inflamados por qualquer motivo, e até sem motivo algum.

Seus protestos, nas reuniões da cooperativa, estremeciam o prédio e as casas vizinhas, quando se queixava de tudo, do preço do leite, do leite “ácido” inventado pela plataforma compradora, dos preços dos remédios e demais insumos. O leite de sua fazenda era o mais limpo e higiênico do planeta, mungido por suas filhas, todas professoras, lindas moças, nos baldes e latões lavados e desinfetados por elas e pelos irmãos, rapazes de ótimo nível.

Ainda assim, às vezes o pessoal da plataforma não se acanhava de dizer que o produto tinha “dado ácido”, motivo suficiente pagar por ele importância tão ridícula que mal cobria o carreto. O excelente vizinho aprontava um banzé em que demolia tudo e todos, terminando seus discursos – depois de dizer que na pecuária leiteira nada prestava – com a seguinte ressalva: “Mas tem uma coisa: a vaca é um bicho abençoado”. E o pior é que é, mesmo. ■

Tudo na vida do meu hospedeiro gira em torno do preço do bezerro, que se transformará num boi de 16 arrobas, qualquer coisa em torno de R\$ 880 no dia em que escrevo

ANÚNCIO

MERCADO DE GRÃOS: Crescente intervencionismo

Diante da encruzilhada gerada pelo maior preço dos grãos e da necessidade de manter estáveis os valores do leite, do pão, do frango e do suíno, o governo pôs em prática um mecanismo de subsídios a estas produções industriais. O texto da norma, que em particular aponta aos processadores de trigo, assinala que o subsídio correspondente a cada operador se determinará e se pagará

mensalmente. Os industriais pagarão menos por seus insumos e a diferença indicada pelo mercado – e o que recebem os produtores – será pago pelo Estado. Para a administração do presidente Néstor Kirchner, esta é uma forma de manter contida a inflação. Para seus opositores, se trata de uma nova medida que não faz mais do que trazer distorções ao mercado de grãos.



A Granja

Longe de LINIERS

Segundo dados oficiais, 60% dos negócios com gado se realizam agora de forma direta do campo ao frigorífico, sem intermediários. Os consignatários de gado dizem que a imposição de preços máximos para o comércio de bovinos fez que sua intervenção nas operações decaísse sensivelmente. De qualquer jeito, o mais prejudicado foi o mercado concentrador de Liniers, que sempre foi o formador de preços por excelência no país. Assim, enquanto a comercialização de gado em forma direta com intervenção de consignatários caiu a 18,5% (20% em dezembro de 2005), a participação do mercado de Liniers declinou de 20% para 9,8%.

MÁQUINAS

Durante a 32ª Cúpula do Mercosul, os presidentes da Argentina, Néstor Kirchner, e da Venezuela, Hugo Chávez, rubricaram a última parte do contrato de exportação entre as duas nações, que será executado em cinco anos e por um total de US\$ 500 milhões. Trata-se de um acordo comercial “que implicará a geração de 4 mil empregos diretos nas diferentes províncias onde estão instaladas as fábricas”, disse Claudio Uberti, coordenador do Ministério de Planejamento Federal. Ele assinalou que se trata da maior exportação deste tipo da história argentina. “Já se executou um primeiro contrato por US\$ 114 milhões e agora se firmou a segunda etapa por exportações de US\$ 155 milhões”, destacou. A Argentina exportou para a nação caribenha, tratores, colheitadeiras, pulverizadores, semeadoras e implementos variados exclusivamente originados em fábricas nacionais.

Trigo

Com a colheita concluída, a discussão passa agora por vender o cereal ou retê-lo. Dadas as distorções que apresenta o mercado argentino, os *traders* aconselham não negociar o trigo até março ou maio próximos.

Soja

Foi semeado o total da superfície prevista para a oleaginosa, o que encaminha a produção para um novo recorde em torno das 45 milhões de toneladas. As condições do cultivo são, até agora, satisfatórias.

Carne

Está muito difícil detectar quais são os reais preços do gado. O zelo posto pelo governo sobre os movimentos do mercado de Liniers trasladou as operações a um marco menos transparente. Nestas esferas, o quilo vivo está sendo comercializado em torno de 2,8 pesos, acima dos 2,4 pesos que pretende o governo.

Leite

Em função dos mecanismos antes mencionados, os produtores receberiam um subsídio de 5 centavos sobre o preço do leite. É menos do que esperavam, especialmente agora que a elevação do milho complicou o esquema de custos da produção.

Fundo para LÁCTEOS

É iminente a outorga aos produtores de leite de recursos emanados de um fundo que o Poder Executivo criou a fim de que recebam valores mais próximos aos que recebem os exportadores, que desfrutaram do excelente momento dos mercados importadores e os bons preços do leite em pó, fronteiras afora. O referido fundo surge da diferença entre o preço local do leite e o internacional, que nos últimos meses teve um incremento de aproximadamente 50%. No entanto, se os produtores tiverem todo esse reajuste, pode haver altas no valor aplicado pelo varejo. Por isso, o fundo vai implicar uma melhora de preços para o produtor argentino de, no máximo, 10%.

Diversificação agropecuária no Cerrado: CONTORNANDO O CLIMA

Carlos Roberto Spehar - Engº Agrº Ph. D. Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária, Universidade de Brasília spehar@unb.br
 Ronaldo Trecenti - Engº Agrº M. Sc. Campo Consultoria e Agronegócios - trecenti@campo.com.br

Desde os primórdios da agricultura, intensificou-se a associação dos seres humanos e a vida ao redor, culminando com a domesticação de plantas e animais. Condições climáticas favoráveis possibilitaram a expressão de variabilidade nas espécies, que foram prontamente selecionadas pelas comunidades de agricultores. A evidência de grandes mudanças globais, por interferência humana, reflete negativamente sobre diversidade biológica, o meio ambiente e a continuidade do processo milenar de domesticar e cultivar as plantas. O crescente distanciamento entre o agricultor e as plantas, faz com que diminua o convívio, diminuindo a perspectiva de sobrevivência da humanidade.

O poder de subjugar o meio aos seus propósitos multiplicou-se de tal forma que um agricultor moderno produz alimentos para milhares de pessoas. Entretanto, a vantagem relativa à agricultura tradicional, constitui-se em ameaça. Os ambientes naturais diminuem e desaparecem espécies. Os cultivos tornam-se cada vez mais homogêneos e vulneráveis, sendo melho-

rados geneticamente com grandes interesses comerciais e na dependência de insumos.

Este trabalho pretende demonstrar que é possível diversificar a agricultura do Cerrado e outras regiões com limitação na disponibilidade de água. Essa diversificação, baseada na adaptação de cultivos menos explorados e formas de sementeira, trará proteção ao solo, contribuindo na ciclagem de nutrientes, incorporando matéria orgânica (M.O.), diminuindo a pressão biótica, aumentando a renda do agricultor e propiciando agregação de valor. Pretende-se substituir o paradigma da homogeneidade de vulnerável pela di-

versidade em base sustentável.

O valor da diversidade — As plantas acumularam variabilidade genética ao longo do tempo, explicando como uma espécie coloniza e se estabelece em ambientes tão variados de solo, clima e latitude. Esse fenômeno tem ocorrido há milhares de anos, por interferência humana nas espécies



Divulgação

Dentre as espécies adaptadas à sobressemeadura, destacam-se o amaranto, uma das mais novas culturas de grãos no Cerrado

Para as incertezas do tempo, a certeza da qualidade Agrimec.

Plaina Niveladora Multilâminas ROBUST



Um projeto pioneiro de lâminas que aplaina diretamente o solo sem necessidade de preparo prévio. Seis modelos adequados a qualquer potência de trator.

Carreta Graneleira

Força e resistência para transportar sua colheita com segurança e rapidez. Modelos com capacidade para 120, 140, 175 e 200 sacas.



cultivadas. A impressionante diversidade, fruto do cultivo em diferentes ambientes, por onde as civilizações se dispersaram originou combinações genéticas que interessavam às comunidades, compondo populações locais, adaptadas aos diversos ambientes. Assim, têm sido mantidos, nas espécies cultivadas, caracteres de interesse como rendimento, tolerância à seca, resistência a doenças, ainda que sua sobrevivência sob condições naturais

Em grandes áreas, comuns no Cerrado, o custo adicional tem sido absorvido pela escala, resultando em volume de produção, compensando a reduzida receita. Entretanto, quando ocorrem epidemias inesperadas, quedas de preços e a mudanças nos termos de trocas entre países, o agricultor vê-se ameaçado.

Portanto, em ambientes naturais nos trópicos, onde a vida é abundante, o recurso evolutivo para atingir o

agricultores.

O conhecimento ainda é restrito, sobre cultivo associado, em sucessão e rotação, na agricultura moderna. A experiência da agricultura tradicional não tem sido aproveitada, ainda que empírica na sua diversidade. Na ausência de diversidade deixa-se de aproveitar diferenças em tolerância à seca, eficiência e economia de umidade residual; efeitos alelopáticos e de sinergia, na utilização de nutrientes encontradas nas diferentes espécies potenciais.

O emprego de plantas que exploram diferentes volumes de solo, contribuindo para quebrar camadas compactadas, aumentando drenagem, aeração, deposição de M.O. em profundidade e absorção de nutrientes do solo não tem sido realizado pelo agricultor moderno. Os modelos são simplistas, cartesianos. Não se enxerga o todo e não há independência de decisão para interferir no processo, tornando-o mais eficiente. O emprego de diferentes espécies, em sucessão, rotação ou cultivo associado, apresenta vários pontos positivos, como interrupção no ciclo de pragas e doenças do cultivo principal,

aumento no teor de M.O. do solo, melhorando suas características físicas e o manejo, oportunidade de renda adicional, redução de custo pelo menor uso de insumos, aumento na eficiência de utilização e na ciclagem de nutrientes.

Plantas de diferentes espécies podem contribuir na recuperação de N e K das camadas profundas, não atingidas pelo monocultivo e trazê-los à superfície do solo, ciclando-os e aumentando a eficiência. Podem ser acumuladoras de nutrientes em solos deficientes e criar condições favoráveis para os cultivos subsequentes. Há exemplos de como escassez de fósforo e de zinco em diversas espécies pode ser contornada pelo emprego de plantas acumuladoras ou que disponibilizam nutrientes durante período de descanso



Divulgação

Spehar: o método de sobressemeadura consiste em implantar o segundo cultivo, seja perene ou anual, distribuindo as sementes a lanço

não seja favorecida.

O contraste assustador é que a diversidade, comum na agricultura tradicional, cede lugar a plantios cada vez mais homogêneos. Quando analisado o contexto das grandes áreas de agricultura no mundo, como o Cerrado, percebe-se que são povoadas por algumas espécies, de estreita base genética, num processo repetitivo. Esse é um desafio às leis da natureza, notadamente nos trópicos, onde pulula a vida e o equilíbrio resulta da diversidade.

Ao deixar de imitar a natureza, o modelo de agricultura que tem sido praticado neste período, além de comprometer o futuro, induz ao maior uso de insumo, com ameaça constante à margem líquida de lucro, causando ameaças à continuidade do processo.

ponto de equilíbrio entre as espécies de seres vivos que co-habitam a mesma área deve servir de referência. As populações humanas, que se desenvolveram nesses ambientes, por força do convívio e observação, sabiamente imitaram a natureza. O desafio é incorporar tecnologia ao modelo diversificado e empírico praticado pela agricultura tradicional, tornando-a produtiva e eficiente, com melhor relação custo x benefício.

Impactos da diversidade no Cerrado — Os solos sob Cerrado são diretamente dependentes de M.O. para melhorar a atividade química e biológica e atingir estabilidade de produção. Inúmeras são as vantagens da diversificação agropecuária, porém dependem de pesquisa, experimentação, desenvolvimento e demonstração aos



Divulgação

Ao viabilizar-se o estabelecimento do amaranto e de outras espécies no Cerrado, abrem-se perspectivas para ampliarem-se opções

ou rotação/sucessão. Outras podem ser empregadas como indicadoras de depósitos minerais como cobre e selênio e da qualidade da água subterrânea.

Cultivos diversificados, difíceis de praticar na agricultura moderna, possibilitam o aproveitamento de plantas coadjuvantes, com efeitos benéficos sobre o sistema produtivo. Suas ações positivas podem compreender multiplicação de micorrizas, diminuição de impacto do monocultivo pela descontinuidade, efeito alelopático sobre outras espécies limitando o seu crescimento, sinergia e fixação biológica de nitrogênio.

A presença de plantas multiplicadoras de micorrizas e fixadoras de nitrogênio pode ser de grande aplicação na agricultura. Quando o seu efeito é positivo, aumentam a eficiência econômica e biológica dos cultivos. O seu manejo deve ser considerado, de tal forma que as vantagens superem os possíveis danos causados por competição. A alelopátia precisa ser entendida nas relações entre espécies de uma comunidade. Estudos indicam ser possível manter populações sob controle,

pelos efeitos inibidores de umas sobre as outras.

Adaptação a formas de semeadura — A semeadura de espécies que diversificam e produzem cobertura do solo, protegendo-o na entressafra, é possível no Cerrado, ainda que a região apresente limitações em seu regime hídrico. Em comparações de semeadura em sucessão, na entressafra e em sobressemeadura, fica evidente que, para a maior parte da região, este último é eficiente na produção de biomassa em espécies de plantas ainda pouco exploradas.

O método de sobressemeadura consiste em implantar o segundo cultivo, seja perene (forrageiras) ou anual, distribuindo as sementes a lanço sobre o feijão, o milho ou a soja que se encontram na fase de maturação. Trabalhos conduzidos pela Embrapa e Universidade de Brasília (UnB), mostram que, na soja, a operação é realizada no final da fase reprodutiva (R8). Deste ponto até a maturação fisiológica, restam ainda 30 a 40 dias, o que permite estabelecimento e viabiliza a safrinha em grandes extensões do Cerrado, por melhor aproveitamento da

umidade. O método se aplica às espécies de sementes pequenas, pois mesmo com aumento na quantidade para compensar perdas, o volume e o custo são baixos. Dentre as espécies que têm sido adaptadas à sobressemeadura, destacam-se o amaranto (*Amaranthus* sp.), o eleusine (*Eleusine coracana*), o sorgo (*Sorghum* sp), o milheto (*Pennisetum glaucum*), o painço (*Panicum miliaceum*), a setaria (*Setaria itálica*), o gergelím (*Sesamum indicum*), o kenaf (*Hibiscus cannabinus*) e a quinoa (*Chenopodium quinoa*).

Nesse grupo destacam-se a quinoa e o amaranto, as mais novas espécies produtoras de grãos introduzidas no Cerrado. Esses pseudocereais possuem em comum alto teor e qualidade da proteína, com ausência de glúten. Ambos podem ser utilizados com vantagem nutritiva na alimentação humana e animal. Foram obtidos cultivares BRS Piabiru e a BRS Alegria, com rendimento superior a 2 t/ha. No plantio em sucessão (safrinha), apresentam baixo custo na produção de sementes e na implantação de lavoura. São necessários 5 a 10 kg/ha de sementes, em PD ou dobram-se as quantidades na sobressemeadura. A continuidade da pesquisa resultará em novos cultivares tornando espécies potenciais, como kenaf, gergelím, gramíneas graníferas e guandu integradas aos sistemas produtivos.

Essa lista de cultivos está longe de esgotar as possibilidades e a tecnologia precisa ser consolidada com mais investimento em pesquisa e experimentação voltadas à diversidade agrícola. As várias formas de utilização e seus produtos permitem agregar valor, além de produzir resíduos que protegem o solo. Ao viabilizar-se seu estabelecimento e produção no Cerrado, abrem-se perspectivas para ampliarem-se opções aos sistemas produtivos. Os usos ensejarão a demanda, e intensificará o cultivo, dando origem à cadeia produtiva. Com redução de custos e novos ingressos, os agricultores conseguem capitalizar-se e mudam o atual modelo agropecuário para um padrão sustentável, com reflexo positivo na economia e na segurança alimentar do Brasil. ■

AÇÚCAR E ÁLCOOL

Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

Mercado registra quedas no açúcar e estabilidade no álcool

O mercado internacional de açúcar entrou em fevereiro enfraquecido, com quedas sendo registradas tanto na Bolsa de Nova Iorque quanto no Brasil.

Desde o ano passado o mercado vinha demonstrando um excesso de oferta de açúcar, e agora em 2007 vai sendo notado claramente o peso desta disponibilidade de produto sobre os preços.

Além da boa oferta no mercado internacional, a proximidade do período de moagem da safra nova de cana-de-açúcar no Brasil, que começa em abril, vai pressionando as cotações no País.

Com isso, na Bolsa de Nova Iorque e no Brasil, entre os dias 1º e 13 de fevereiro se observava uma queda acumulada semelhante nos preços. Em Nova Iorque, no período o preço caiu de 10,60 centavos de dólar por libra-peso para

PREÇO DO AÇÚCAR NO INTERIOR DE SÃO PAULO (R\$/em sacas de 50 kg)

agosto	43,52
setembro	39,05
outubro	37,51
novembro	36,38
dezembro	36,00
janeiro	36,75
fevereiro	34,83

10,38 centavos, uma queda de 2,07%. No Brasil, o preço da saca em Ribeirão Preto baixou na mesma época de R\$ 35,75 para R\$ 34,85, o que representa baixa de 2,52%.

Para o álcool, o mercado brasileiro demonstrou estabilidade em fevereiro, com alguns momentos de avanço nas cotações e outros de maior acomodação. O mercado do

álcool vive um período de equilíbrio entre oferta e demanda. A entressafra no Brasil se encarrega de determinar esse tom de maior sustentação às cotações.

Segundo o analista de Safras & Mercado, no curto prazo o mercado de álcool pode inclusive apresentar mais avanços nos preços diante desse equilíbrio na oferta.

ALGODÃO

Dylan Della Pasqua - dylan@safras.com.br

Mantidos os preços firmes no início de 2007

Os preços do algodão reagiram no Brasil nos primeiros dois meses de 2007. A arroba do algodão em pluma em São Paulo iniciou o ano R\$ 44,50. A média de janeiro ficou em R\$ 46,25 e na primeira quinzena de fevereiro subiu para R\$ 48 a arroba. A recuperação dos preços foi basicamente reflexo da pouca oferta neste período de entressafra. Algodão da safra nova só deverá entrar no mercado em maio. Até lá, os preços poderão oscilar, mas tendem a permanecer firmes. Outro fator que ajudou a sustentar o mercado foi o comportamento das cotações internacionais. A perspectiva de uma diminuição considerável na área plantada nos Estados Unidos – perdendo terreno para o milho, em função da demanda aquecida pelo etanol – ajudou a elevar as cotações.

O Conselho Nacional do Algodão (NCC, na sigla em inglês) dos Estados

MÉDIA DOS PREÇOS DO ALGODÃO EM PLUMA (R\$/@ CIF São Paulo Pgto. 8 dias)

agosto	44,14
setembro	42,95
outubro	43,05
novembro	42,49
dezembro	44,47
janeiro	46,25
fevereiro	47,95

Unidos emitiu seu tão aguardado relatório de área a ser plantada pelos produtores americanos na temporada 2007/2008, e surpreendeu o mercado com uma tendência de recuo na área plantada maior do que os analistas internacionais estavam esperando. De acordo com o NCC, os cotonicultores daquele país irão semear uma área de aproximadamente 13,21 milhões de acres

(5,34 milhões de hectares), o que representa uma redução de 13,6% em relação ao que foi cultivado na temporada passada. No que se refere apenas ao algodão *upland*, que é o que interessa para análise aos produtores brasileiros, a área plantada ficará em torno de 12,85 milhões de acres (5,20 milhões de hectares), em uma queda de 14,1% na comparação com o ano passado.

SOJA

Cotações sobem no mercado internacional

Se internamente o mercado brasileiro trouxe poucas novidades entre o final de janeiro e o início de fevereiro, no exterior as cotações consolidaram a tendência de alta deflagrada na primeira quinzena de janeiro. A Bolsa de Mercadorias de Chicago (CBOT) – principal referencial de preço do mercado internacional – vem mantendo uma surpreendente trajetória altista. Os bons preços externos evitam qualquer queda consistente nos patamares praticados no Brasil, mesmo com o início da colheita da safra 2006/07, que promete ser bem melhor do que as duas anteriores em termos de produção. Em Cascavel/PR, por exemplo, a saca de 60 quilos teve preço médio de R\$ 31,45 em dezembro, R\$ 31,10 em janeiro e R\$ 31 na primeira quinzena de fevereiro.

De certa forma, a queda gradual nos preços frustra a expectativa dos compradores, que estão retraídos e apostando em um recuo mais significativo das cotações com a entrada da safra nova. Com isso, apesar dos bons preços, o mercado brasileiro de soja segue arrasado. Mesmo com a perspectiva de uma boa safra sul-americana, seguindo uma produção cheia nos Estados Unidos, os

SOJA EM CASCAVEL/PR (R\$/60 kg)

agosto	26,40
setembro	27,53
outubro	30,63
novembro	31,81
dezembro	31,45
janeiro	31,10
fevereiro	30,94



preços internacionais estão subindo, trazendo uma perspectiva favorável aos produtores brasileiros, que poderão colher uma boa safra e comercializá-las a bons preços.

O fator que explica esta elevação nos preços internacionais é a disputa acirrada entre a soja e o milho por área na próxima temporada americana. E, por enquanto, a balança tem pendido para o lado do cereal. Os norte-americanos colheram menos milho do que o esperado na temporada passada e estão trabalhando com estoques apertados. Completando o quadro de oferta e demanda bastante ajustado, a demanda interna tem crescido e deve permanecer em expan-

são nos próximos anos. Tudo isso em função do aumento na produção de etanol e na perspectiva favorável para os próximos anos. Em janeiro, o presidente George Bush voltou a destacar a importância de combustíveis alternativos para o futuro da economia do país.

Com base neste cenário, os preços do milho são bastante atraentes. Por isso, a perspectiva aponta para um aumento na área a ser plantada com o cereal, roubando espaço da soja. Para amenizar esta transferência, as cotações internacionais da oleaginosa seguem o milho, tentando ganhar competitividade. E isto explica este comportamento altista, até certo ponto inesperado.

Na próxima edição

As máquinas da cana

Integração lavoura-pecuária



O BRASIL AGRÍCOLA
agranja
700

MILHO

Arno Baasch - arno@safras.com.br

Chuva atrapalha colheita da safra e plantio da safrinha

A primeira quinzena de fevereiro para o mercado de milho foi marcada pelos excessivos volumes de chuvas na região Centro-Oeste e em Minas Gerais, que deixaram as espigas com teores de umidade acima dos índices ideais para a colheita da safra de verão, atrasando as atividades. Em muitas regiões de Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul as lavouras estão prontas para a colheita, mas os produtores aguardam períodos de sol para iniciar os trabalhos.

Segundo o analista de Safras & Mercado, Paulo Molinari, outro fator de preocupação com os elevados volumes de chuvas é a possível queda na qualidade do milho, com um maior índice de grãos ardidos na safra verão. “Situação diferenciada ocorre na Região Sul e em São Paulo, onde a colheita avança em ritmo forte e com produtividade muito positiva”, afirma. Ele destaca que, de modo geral, o

MÉDIA DOS PREÇOS DO MILHO (R\$/saca 60 kg – Centro-Sul)

agosto	14,44
setembro	17,97
outubro	17,31
novembro	18,90
dezembro	19,75
janeiro	20,27
fevereiro	19,55



rendimento médio do milho deverá atingir patamares recordes e com pensar, em parte, a redução da área cultivada.

O plantio da safrinha também está complicado em função do clima. Em algumas regiões ocorre uma indisponibilidade de área no momento, pois a chuva também está atrasando a colheita da soja precoce. Molinari afirma que o indicativo de uma área re-

corde para segunda safra permanece, visto que o produtor continua motivado pelo quadro do mercado internacional, os bons preços da entrada de ano e a expectativa favorável na exportação. Conforme Molinari, um plantio mais tardio traria um certo risco para o cereal, pois as previsões climáticas deste ano indicam um outono mais seco do que o normal na região.

CAFÉ

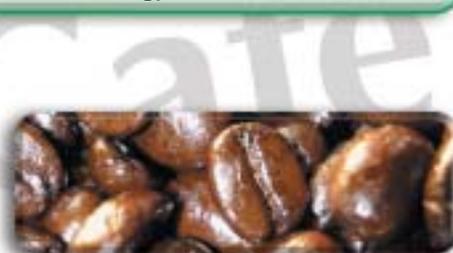
Lessandro Carvalho - lessandro@safras.com.br

Mercado reverte tendência e opera em baixa no começo de 2007

Ao contrário do que se esperava, os primeiros 45 dias de 2007 foram de preços mais baixos no mercado de café. A expectativa era de cotações firmes diante de uma oferta ajustada à demanda e perspectiva de uma safra menor brasileira neste ano. No entanto, amplos embarques do Brasil nos últimos meses e a grande produção em outras nações ajudaram a estimular movimentos vendedores, com preços favoráveis no mercado internacional sendo um incentivo para as vendas. Nas bolsas, fundos e especuladores realizaram lucros depois de recentes altas. Segundo o analista de Safras & Mercado, Gil Barabach, os produtores vinham adotando uma postura muito defensiva, alimentada pelas expectativas positivas para os preços. Ainda assim, as exportações foram se desenvolvendo bem. Essa situação paradoxal, ressalta Barabach, é justificada pela dimensão da safra do último ano, bem acima do que se imaginava. O grande problema, ex-

CAFÉ: PREÇO PARA BICA CORRIDA DO SUL DE MINAS GERAIS (Bebida Boa – Tipo 6 – R\$/em saca de 60 kg)

agosto	231,78
setembro	231,05
outubro	232,48
novembro	258,25
dezembro	288,30
janeiro	274,83
fevereiro	261,00



plica, é que os produtores seguraram muito seu café, criando uma bolha vendedora grande demais e muito concentrada para os primeiros meses do ano. E como os preços não corresponderam e o vencimento dos débitos se aproxima há nitidamente uma inclinação vendedora. O recuo em janeiro e fevereiro deve comprometer a performance do mercado nesse final de temporada, acredita Barabach.

Assim, aquelas expectativas entre 135 a 140 centavos de dólar por libra-peso em NY devem ser revistas. Os fundamentos são positivos, mas o tempo até a chegada da próxima safra ficou menor depois desses dois meses de perdas. Além disso, o comprador, que enxerga a pouca oferta no Brasil nesse ano, também percebe o potencial de uma melhora significativa na oferta para 2008.

ARROZ

Antenor Savoldi Júnior - antenor@safras.com.br

Preços em queda mesmo antes da entrada da safra

A tradicional recuperação dos preços antes da entrada da nova safra não ocorreu neste início de 2007. Contrariando o comportamento sazonal dos preços no mercado doméstico de arroz, as semanas que precederam a entrada da safra 2006/2007 foram caracterizadas pelo mercado doméstico bastante enfraquecido e pouca liquidez. “Tal panorama evidencia que não há escassez do cereal para o abastecimento das indústrias do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina”, aponta o analista de Safras & Mercado, Tiago Barata.

No mês de janeiro, o preço médio da saca de arroz em casca no Rio Grande do Sul apresentou uma desvalorização de 12,5%, enquanto no mesmo período de 2006, a desvalorização foi de 3,1%. Entre os anos de 2000 e 2005, a variação média nos meses de janeiro foi de

PREÇO DO ARROZ IRRIGADO EM ALEGRETE/RS (R\$/50 kg)

agosto	19,68
setembro	19,32
outubro	22,56
novembro	24,79
dezembro	23,40
janeiro	21,30
fevereiro	18,80



0,1% de alta, indicando que o comportamento dos dois últimos anos é anômalo. Da mesma forma nas praças de Santa Catarina, que tiveram uma desvalorização de 9,2% no preço médio da saca do cereal em casca em janeiro deste ano, enquanto em janeiro de 2006 a desvalorização havia sido de 1,3%.

No Mato Grosso, o preço médio da saca de arroz em casca teve uma

redução de 9,9%, uma desvalorização semelhante à ocorrida no mesmo período no ano passado, quando o preço havia apresentado uma queda de 9,4%.

No Estado, onde a safra normalmente entra mais cedo, o panorama de queda apresentado mantém a tendência dos últimos anos, embora tenha ocorrido com intensidade um pouco maior.

TRIGO

Antenor Savoldi Jr. - antenor@safras.com.br

Moinhos abastecidos mantêm mercado interno travado

O mercado doméstico do trigo no Brasil segue com um início de ano travado e de poucos negócios. Com a entrada de farinha importada da Argentina, a procura pela farinha nacional é baixa e os moinhos seguem abastecidos. Do lado da oferta, existe um maior interesse de venda, porém, o preço que a indústria está disposta a pagar está muito abaixo da pedida dos produtores. Com isso, o ritmo dos negócios é muito fraco. No Paraná, as indicações nominais de compra e venda oscilam entre R\$ 460 e R\$ 490 por tonelada. No Rio Grande do Sul, preços entre R\$ 440 e R\$ 460 por tonelada.

“Existe certo ceticismo em relação à produção do cereal no Brasil, o qual está levando muitos produtores a apostar no milho safrinha. Isso, apesar dos preços elevados em relação ao ano passado, será um li-

MÉDIA MENSAL DO PREÇO DE TRIGO EM MARINGÁ/PR (R\$/tonelada)

agosto	399,35
setembro	425,25
outubro	502,38
novembro	503,33
dezembro	487,11
janeiro	474,32
fevereiro	460,00



mitador ao esperado aumento da área plantada na próxima safra”, projeta o analista de Safras & Mercado, Élcio Bento. As indústrias seguem cobrando uma postura mais agressiva do governo em relação à entrada de farinha argentina. Os representantes dos tricultores também têm se reunido para analisar o cenário e formular reivindicações.

Entre elas estaria a elevação do preço mínimo de referência, o qual se mantém estável em R\$ 400 por tonelada desde agosto de 2003, para R\$ 475/tonelada, além de recursos para custeio da safra, redução da taxa de juros do crédito rural (entre 5,85% e 6,5%) e o aumento da subvenção do governo para o seguro rural.

AGRIMEC na Abertura da Colheita do Arroz



Divulgação

Pelo quarto ano consecutivo, a Agrimec participa da abertura Oficial da Colheita do Arroz no município de São Gabriel/RS, em março. Na edição desse ano o destaque da empresa é um modelo de Carreta Graneleira "2G7", especialmente preparada para as demonstrações de campo do evento. A linha de carretas da empresa é composta por quatro modelos, que variam conforme a capacidade de carga. As versões hidráulicas são opcionais e incluem o sistema de transmissão por motor hidráulico, dobra do cano de descarga e registro de descarga acionado do trator por meio de comando hidráulico que possibilita uma maior velocidade de operação na colheita, bem como, maior conforto ao operador do trator.

Dinâmica de máquinas COMIGO

Com o intuito de apresentar o que há de mais novo em máquinas e implementos agrícolas, a Agrishow Comigo 2007, em Rio Verde/GO, terá as tradicionais dinâmicas de máquinas, tanto para agricultura quanto para pecuária. Haverá apresentação de pulverizadores, semeadoras e ensiladeiras de milho, além de práticas culturais na cultura do eucalipto. Na pecuária, ocorrerá plantio mecânico de capim tifton e

demonstração dos equipamentos lãncer (destinados a sobressemeadura da braquiária em cima da lãvoura de soja plantada) e de alguns trituradores. As culturas-alvo das dinâmicas serão: soja, milho, capim e eucalipto. As práticas acontecerão nos dias 28, 29 e 30 de março, das 10 às 12 horas, numa área total de 15 hectares. A feira 2007 acontece de 27 a 30 de março, no Centro Tecnológico Comigo.



Divulgação

ALLIANCE ONE com novos executivos

Uma das maiores empresas do setor fumageiro mundial, a Alliance One, tem um novo vice-presidente executivo. No início de abril, Hilton Kappaun assume a vice-presidência executiva de Operações Globais da Alliance One, no escritório da Corporação em Morrisville, Carolina do Norte/EUA. Natural de Candelária/RS, Kappaun, 47 anos, é graduado em administração de empresas pela Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Dos 28 anos de trabalho dedicados ao ramo fumageiro, 17 deles foram para o grupo atual. Já Nestor Mähler, 53 anos, é o novo presidente da Alliance One Brasil. Com mais de 30 anos de experiência no ramo fumageiro e no Grupo Alliance One e empresas antecessoras desde 1971, já ocupou diversos cargos na área de produção de fumo.

ARYSTA com novo profissional de marketing



A Granja

Antonio Carlos Costa (foto) é o novo responsável pelas áreas de Marketing Services, Comunicação e RH da Arysta Lifescience Brasil. Costa é for-

mado em administração de empresas e pós-graduado em marketing pela FGV/ESPM, e atua no setor agrícola nas áreas de marketing, promoção, propaganda, eventos, pesquisa de mercado, *stewardship*, institucional e recursos humanos. Em seu currículo profissional destaca-se o prêmio "Profissional de Marketing em 2003", oferecido pela Associação Brasileira de Marketing Rural e Agronegócios. Também foi professor de Marketing da Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM). A Arysta é uma empresa global e uma das principais fornecedoras de defensivos agrícolas para os agricultores em todo mundo.

LOUIS DREYFUS Bioenergia compra Gru

ALouis Dreyfus Commodities Bioenergia, empresa brasileira do grupo francês Louis Dreyfus, adquiriu as atividades de açúcar e álcool do Grupo Tavares de Melo. O negócio envolve a transfe-

rência em curto prazo das unidades produtoras Usina Estivas/RN, Agroindustrial Passa Tempo/MS e Usina Maracaju/MS, além da destilaria autônoma de álcool Giasa/PB e a Usina Esmeralda/MS, que está no iní-

Estação da **MONSANTO** difunde tecnologia no Sul

Desde 1945 a Estação Experimental de Não-Me-Toque/RS, incorporada pela Monsanto há dez anos, pesquisa o desenvolvimento de culturas e repassa os conhecimentos aos produtores da Região Sul. Atualmente, a pesquisa ocorre apenas com o milho. Sua localização é estratégica, no coração das regiões produtoras, e também é o Centro de Distribuição de Sementes da empresa. Por ano são distribuídas 450 mil sacas de sementes. O local é utilizado para a pesquisa e desenvolvimento de novas cultivares de milho recomendadas para as condições gaú-



Divulgação

chas e catarinenses, e também realizados durante todo o ano treinamento e capacitação para as equipes da empresa, assim como para agricultores. A unidade, onde são trabalhados atualmente o

desenvolvimento e teste de 24 mil híbridos novos, possui 132 hectares, dos quais em 85 ocorrem experimentos. Um híbrido leva de 8 a 10 anos de pesquisas para chegar ao mercado.



Divulgação

GUERRA vende R\$ 23 milhões para o Bertin

A indústria de reboques e semi-reboques Guerra, de Caxias do Sul/RS, vendeu ao grupo Bertin, de Lins/SP, 300 semi-reboques boiadeiros, 50 baús lonados (foto) e 30 semi-reboques tanque aço inox. O negócio de R\$ 23 milhões equivale a 8% do total de vendas de R\$ 303,2 milhões previstas para este ano. Os produtos serão usados no transporte de animais e de subprodutos fabricados pelas empresas do grupo, que incluem carne, alimentos para cachorros, couros, cosméticos, tênis, sapatos industriais, botões, entre outros. A Guerra é o segundo maior fabricante de implementos rodoviários da América Latina, com 36 anos de atividades.

po Tavares de Melo

cio da sua construção. Com essa aquisição, a LD Commodities passa a ocupar a segunda posição no ranking brasileiro de produção de açúcar e álcool, com grande potencial de crescimento nos próximos anos. “A

aquisição das quatro unidades industriais faz parte da decisão do grupo de investir no setor sucroalcooleiro, principalmente diante das projeções de alta demanda de etanol nos mercados doméstico e interna-

cional. A qualidade dos ativos e da gestão do Grupo Tavares de Melo também foi fundamental para a conclusão do negócio”, explica Bruno Melcher, diretor-executivo da empresa.

ANOTE AÍ

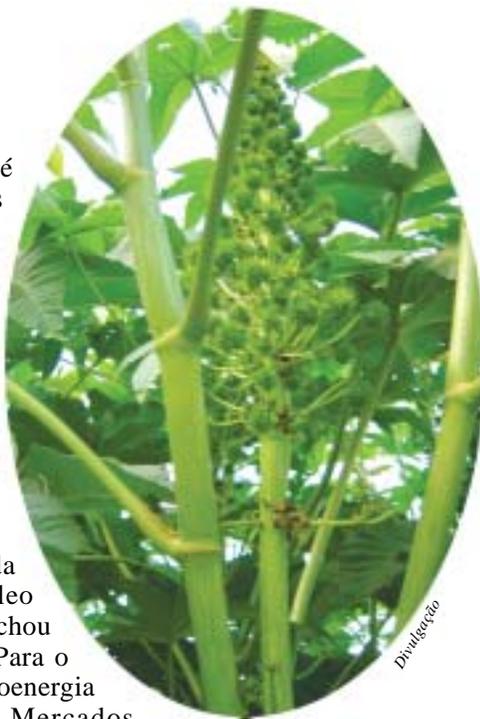
*A oitava edição da **Expodireto Cotrijal** acontece em Não-Me-Toque/RS, de 12 a 16 de março. O público estimado é de 150 mil pessoas durante os cinco dias do evento. Um dos destaques da feira deverá ser o **Recanto Temático** que irá retratar os 50 anos da Cotrijal. Cenários com reproduções de época e inovações culturais e tecnológicas vão mostrar a evolução da cooperativa desde 1957, quando foi fundada por 11 agricultores.*

*De 7 a 9 de junho, em Cachoeira do Sul/RS, ocorre o **Congresso Regional de Aviação Agrícola – Sul**. O evento vai oportunizar conhecimento, contatos, parcerias e excelentes negócios. O público-alvo é formado por pilotos e demais profissionais da aviação agrícola, técnicos agrícolas e agrônomos, universidades e empresas.*

*Até o dia 23 de março ocorre o **Rally da Safra 2007**, expedição técnica iniciada em 26 de fevereiro que avalia as condições da safra brasileira de soja, milho e, a partir deste ano, as lavouras de algodão. A expectativa da Agroconsult, empresa de consultoria em agronegócio realizadora do Rally, é coletar mais de 2 mil amostras de lavouras em 113 municípios brasileiros. Traçar um perfil abrangente da safra nacional de grãos e algodão 2006/2007, com base em dados quantitativos e qualitativos.*

Mamona ainda é INVIÁVEL

A mamona é a cultura mais incentivada para a produção de biodiesel, porém segue inviável economicamente. O óleo de mamona foi cotado a US\$ 1.114 à tonelada, valor 38% maior que o da tonelada do óleo de soja, que fechou em US\$ 694. Para o analista de Agroenergia das Safras & Mercados, Miguel Biegai Júnior, esta diferença é histórica. Segundo Biegai atualmente não se tem dados oficiais sobre oferta e as demandas internacionais por óleo de mamona. O diretor-substituto do Departamento de Cana-de-Açúcar e Agroenergia do Ministério da Agricultura, José Nilton Souza Vieira, considera que é possível aumentar a produção de mamona e mudar esse quadro de preços valorizados. Vieira acredita ser possível mas não o quanto deveria ser produzido a mais de mamona para chegar a um preço que viabilize a produção de biodiesel.



Divulgação

Nilson Herrero



Usina em PARCERIA com familiares

A Usina Barralcool em Barra do Bugres/MT, lançou no ano passado um projeto que alia a produção de biodiesel ao apoio à agricultura familiar. A produção iniciará em torno de 60% da capacidade produtiva da nova unidade, de 57 milhões de litros de biodiesel/ano. A usina produz biocombustível a partir de qualquer oleaginosa. A Barralcool vai utilizar inicialmente soja e girassol, além de apostar em uma nova espécie, o pinhão-manso, que será produzida por agricultores fami-

liares, reduzindo custos de produção e de administração. No campo, a produção de soja se integra à renovação dos canaviais, através da rotação de cultura da cana-de-açúcar. A vantagem da integração é estabelecer um melhor aproveitamento dos insumos e subprodutos, otimização entre as duas unidades, como álcool, vapor, energia e água, reduzindo custos de produção e de administração. No campo, a produção de soja se integra à renovação dos canaviais.

Empresas NÃO CUMPREM contrato

Algumas empresas vencedoras dos leilões de biodiesel do governo federal, deixaram de entregar 42 milhões de litros. Além disso, outros 100 milhões de litros devem ser entregues até maio deste ano e, o governo já antevê que alguns contratos não serão plenamente cumpridos. Segundo Ricardo Dornelles, diretor do Departamento de Combustíveis Renováveis do Ministério de Minas e Energia, o que houve foram problemas de documentação dessas empresas, como licença ambiental, o que impediu o início da produção. Para Adriano Pires, diretor do Centro Brasileiro de Infra-estrutura (CBIE), foi um despreparo de algumas empresas. Muitas delas entraram no leilão procurando garantir espaço no mercado e, depois, perceberam que seria necessário mais investimento do que inicialmente se esperava. Os cerca de 42 milhões de litros não entregues ao governo dizem respeito a um contrato de 8,7 milhões do primeiro leilão e outros três acordos da segunda licitação, referente ao fornecimento de 20% do volume total – de 170 milhões de litros – até novembro do ano passado.

PINHÃO-MANSO no Ceará

Pequenos agricultores do Ceará estão plantando 300 hectares de pinhão-manso. A secretaria estadual de Desenvolvimento Agrário e a Petrobras já começaram a distribuição de 700 quilos de sementes da cultura adquiridos junto à empresa Rural Biodiesel. Estão também envolvidos neste projeto, a secretaria de Desenvolvimento Agrário, a Emater/CE e prefeituras municipais da região do Sertão Central. A meta desta primeira etapa é beneficiar 300 famílias de pequenos agricultores em 27 assentamentos e comunidades de agricultura familiar. Cada uma dessas famílias vai receber sementes, assistência técnica e ajuda financeira para instalação de uma lavoura de pinhão-manso de mais ou menos um hectare.

Primeiro **ZONEAMENTO** do biodiesel

O Ministério do Desenvolvimento Agrário em parceria com o Ministério da Agricultura, está priorizando o zoneamento de oleaginosas para acelerar o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB). Os primeiros zoneamentos publicados com a finalidade de se produzir matéria-prima para a fabricação de biodiesel são para a cultura do girassol nos Estados de Goiás, Tocantins, Piauí, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e Maranhão, além do Distrito Federal.

HOLANDESES investem no Brasil

A Vital Planet, pequena empresa de origem holandesa com apenas um ano de operações, quer entrar com vigor no mercado brasileiro de biocombustíveis e se prepara para iniciar testes de produção. Como matérias-primas, a companhia usará 90% de soja e 5% de álcool anidro, que são misturados por enzimas biocatalizadoras para produzir biodiesel. A novata é controlada pela Vital Foundation, com sede na Holanda, que tem como meta reinvestir todo o lucro em projetos nas áreas onde atua.

Planta produzida nos **EUA**

A primeira planta para produzir biodiesel construída nos Estados Unidos tem capacidade instalada de 110 milhões de litros por ano, utiliza óleo de soja como matéria-prima, e já está entregando em torno de dez caminhões de biodiesel por dia, totalmente especificado pelas normas de qualidade ASTM-6751D. A planta possui processo e tecnologia desenvolvidos pela Biodiesel Brasil sob o comando do professor Miguel Dabdoub (foto) e está funcionando em Gilman, no Estado de Illinois. A fábrica utiliza uma nova tecnologia com conceitos modernos como alta eficiência energética.

Para Dabdoub, o Brasil está ensinando mais uma vez ao mundo o domínio na produção de biocombustíveis. Ele lembra também que não há necessidade de empresas brasileiras importarem tecnologia para a produção de biodiesel.

Divulgação



**Tecnologicamente perfeito.
Ecologicamente correto.**

Tecnologia Biodiesel.
Respeito por você e pelo meio ambiente.

Valtra é uma marca da AGCO Corporation.

A Valtra está sempre à frente do seu tempo. É a primeira empresa de mecanização agrícola a investir no desenvolvimento de novas fontes de energia. Atualmente possui dois projetos em testes reais de campo, acompanhados por entidades de pesquisa e aprovados pela ANP, com tratores movidos a biodiesel, um combustível novo, que vem de fontes renováveis, menos poluente e ecologicamente correto. Os resultados comprovam: o biodiesel em tratores agrícolas é tecnologicamente viável.

Valtra. Pioneirismo e tecnologia a favor dos clientes e, claro, do meio ambiente.



tel: 0800 19 22 11
www.valtra.com.br



ANÚNCIO

CHEMINOVA comercializa o Rufast®

A Cheminova adquiriu os direitos globais referentes ao ingrediente ativo Acrinatrina da Bayer CropScience. A Acrinatrina, que é comercializado no Brasil com a marca Rufast®, é um acaricida piretróide com ação de contato e ingestão com excelente efeito de choque, sendo ideal para o controle do ácaro da leprose na citricultura, em programas com rotação de ingredientes ativos. “Agora Rufast® faz parte de um portfólio cada vez mais interessante que a Cheminova vem oferecendo aos seus clientes, diz Fabio Del Cistia, gerente de Marketing Estratégico da empresa.



Divulgação

Cheminova Brasil Ltda - R. Alexandre Dumas, 2.220 - 6º andar - Chácara Santo Antônio - São Paulo/SP - CEP 04717-004 - Fone: (11) 5189-2100 - www.cheminova.com.br

DKB 240 da DEKALB para o Sul

A Dekalb, marca líder mundial em biotecnologia e que possui o maior banco de germoplasma tropical do mundo, lançou no Show Rural Coopavel o DKB 240, milho híbrido precoce de alta produtividade, voltado para a região Sul, e que tem o ciclo mais precoce que os precoces já existentes no mercado. Segundo o gerente de Produto Milho Sul, Robson Monastier, o desafio dos pesquisadores da



Dekalb de fazer um milho híbrido que antecipasse as necessidades dos agricultores do Sul do Brasil foi atingido.

Dekalb - Av. das Nações Unidas, 12.901 - Torre Norte - Brooklin - São Paulo/SP - CEP 04578-000 - Fone: 0800-156399

www.dekalb.com.br

Divulgação

Stihl apresenta a tecnologia 4-MIX

A Stihl está apresentando mais um lançamento inovador no mercado brasileiro: a tecnologia 4-MIX, que reúne as melhores características dos consagrados motores dois tempos aliada às vantagens dos motores quatro tempos. Essa tecnologia permite, pela primeira vez, a lubrificação do motor quatro tempos através da mistura de óleo e combustível, como nos motores dois tempos, dispensando o tradicional reservatório, a bomba, a verificação e a troca de óleo, com a garantia de maior força e boa aceleração em um motor mais leve e compacto. O primeiro produto com a tecnologia 4-MIX lançado pela Stihl no Brasil é a Roçadeira FS 130.



Divulgação

Stihl Moto-Serras Ltda - Av. São Borja, 3.000 - São Leopoldo/RS - CEP 93032.000 - (51) 3579-9999/0800-707-5001 - www.stihl.com.br

GOODYEAR amplia família de radiais

Atenta às necessidades do segmento agrícola, a Goodyear está ampliando a família de pneus radiais agrícolas Optitrac. Em razão da grande aceitação desde o lançamento em 2005 e da necessidade do mercado, está sendo agregada uma nova medida, 650/75R32 R1 W TL 172 A8 Optitrac DT 824 (equivalente ao 24.5-32 diagonal), aplicado em tração de tratores e colheitadeiras. Os produtos foram apresentados no Show Rural Coopavel, no mês passado, em Cascavel/PR.



Divulgação

Goodyear do Brasil - UTN Agrícola - Av. Paulista, 854 - 9º andar - São Paulo/SP - Fone: (11) 3281-4276 - www.goodyear.com.br

Swath Manager da TEEJET para controle automático

Para melhorar a eficiência e aplicação de produtos, a Teejet oferece o Swath Manager - controle automático de seções de barra, que diminui o cansaço do operador e aumenta o rendimento diário. É só escolher a área sobreposta (0%, 50% e 100%) e deixar o comando para o equipamento. O Swath Manager é compatível com o sistema de barra de luzes Centerline e pode controlar até dez seções de barras. As seções da barra são ligadas e desligadas automaticamente de acordo com a configuração ajustada.

Teejet South American - Avenida João Paulo Abias, 287 - Cotia/SP - CEP 06711-250 - Fone: (11) 4612-0049 - www.teejet.com



Divulgação

AGRO PORTUNIDADES

FIQUE LIGADO

Agrônomos conscientes da importância das florestas no agronegócio

A expansão das áreas urbanas e das lavouras, bem como a demanda por produtos florestais vem promovendo um processo de acelerado desmatamento, o qual tem contribuído para o aquecimento global. A exploração predatória promovida pelos altos preços alcançados pela madeira tem levado a extinção de várias espécies antes mesmo de se tornarem conhecidas. O consumo anual de madeira no Brasil é de aproximadamente 350 milhões de metros cúbicos, sendo que cerca de 500 mil metros cúbicos são de madeira serrada de eucalipto. O setor florestal é o segundo exportador do agronegócio nacional (Castro Silva, 2007 citado em @gropauta, 2007)). Apesar da significativa produção, o País não é auto-suficiente.

Desta forma a floresta é uma excelente alternativa para o produtor. Vários sistemas de produção têm sido testados com sucesso como agroflorestas e silvipastoreio.

As florestas contribuem gerando aproximadamente 2,5 milhões de postos de trabalho diretos e indiretos. Para cada US\$ 1 milhão investido neste segmento são gerados cerca de 160 novos empregos nas comunidades rurais. Os produtos florestais contribuem com US\$ 17,5 bilhões/ano para o PIB nacional, gerando US\$ 3,8 bilhões em impostos. Apesar destes números animadores o Brasil detém apenas 3% do mercado mundial, com pouco mais de 5 milhões de hectares de florestas plantadas (Castro Silva, 2007 citado em @gropauta, 2007).

Devido às características de precocidade e produtividade do eucalipto, bem como o desconhecimento de métodos de propagação mais rápidos como a Cultura de Tecidos, e de práticas culturais para acelerar o desenvolvimento das plantas nativas, os produtores plantam extensas áreas com árvores exóticas. Sem dúvida é fundamental que sejam plantadas florestas para o fornecimento de madeira, mas também para preservação da biodiversidade, das matas nativas e recuperação de áreas degradadas.

Assim, a professora de Silvicultura do Curso de Agronomia da Upis – Faculdades Integradas, dra. Janine Tavares Camargo, percebendo a grande contribuição das florestas para o agronegócio e meio ambiente, vem desenvolvendo juntamente com seus alunos um projeto com plantas nativas do Brasil. O projeto objetiva fazer com que os alunos conheçam as árvores brasileiras, aprendam a identificá-las, observem as suas características, as dificuldades de obtenção de mudas, seu valor comercial e medicinal, aprendam a produzi-las, valorizá-las e conservá-las.

Os alunos são incentivados a produzirem mudas de espécies nativas do Brasil e plantá-las em áreas degradadas. São desenvolvidas pesquisas nas áreas de propagação, biotecnologia, dormência, formas de condução e armazenamento de sementes. Desta forma os alunos aprendem a produzir e entender melhor as espécies nativas brasileiras, o quanto é importante preservá-las e estudam seu potencial econômico. Como ainda não está dominada a forma de produzir e conduzir a maioria destas espécies, esse conjunto de atividades prepara o engenheiro agrônomo para esse novo desafio: produção de madeira e energia renovável de forma sustentável.

Eng^a. Agr^a. Dra. Janine Tavares Camargo, professora de Silvicultura do Departamento de Agronomia da Upis – Faculdades Integradas, Brasília/DF, janine02071@upis.br

AGENDA

4º Treinamento em Licenciatura Ambiental

6 de março a 8 de maio

Auditório da Associação dos Engenheiros e Arquitetos de Piracicaba – AEAP, rua Ipiranga nº 166 – bairro Centro Piracicaba/SP

Objetivo:

Transmitir conhecimentos práticos sobre licenciamento ambiental no Estado de São Paulo; fornecer uma visão geral sobre legislação ambiental e competências das instituições envolvidas no processo de Licenciamento. (CETESB, DRPRN, DAIA)

Valor: 3 x de R\$ 225,00

Informações: www.fealq.org.br

4º Seminário Internacional em Logística Agroindustrial – O Transporte Rodoviário de Granéis Líquidos

15 a 16 de março

Anfiteatro do Pavilhão de Engenharia, Piracicaba/SP

Coordenação: Prof^o. Dr. José Vicente Caixeta Filho

Organizadores: ESALQ-LOG (Grupo de Pesquisa e Extensão)

ESALQ Logística Agroindustrial

Público-alvo:

O evento é dirigido a profissionais, alunos e empresas diretamente relacionadas com os aspectos logísticos da cadeia agroindustrial.

Informações: (19) 3429.8824

www.fealq.org.br

Curso de Aperfeiçoamento em Agricultura Biológico-Dinâmica 27 de março de 2007 a 29 de fevereiro de 2008

Instituto Elo, Botucabal/SP

Objetivo:

O curso tem o seu principal foco na complementação profissional de multiplicadores. Além de uma orientação geral básica neste campo do conhecimento, a Etapa 1 (Curso de Extensão Universitária ou Aperfeiçoamento) propõe-se a oferecer uma oportunidade para o desenvolvimento de habilidades técnicas e pessoais coerentes com as necessidades características dessa especialização.

Sem taxa de inscrição

Informações: (14) 3815.1739

e-mail: cursos@elo.org.br

<http://www.elo.org.br/ceabd.htm>

Curso “Biodiesel: tendências, mercado, química e produção” 10 de abril

Windsor Barra Hotel, Rio de Janeiro/RJ

Em conjunto com o Seminário Internacional:

Soja Recurso Renovável para Usos Industriais Não Alimentares Rio de Janeiro, 10 a 12 de abril

Organização: Embrapa Soja e AOCs (American Oil Chemist’s Society)

Ambos eventos serão organizados por: S. Koseoglu, presidente, Extraction and Refining Program, Division of Filtration and Membrane World LLC, Estados Unidos.

Sem taxa de inscrição

Informações: (43) 3371.6336

<http://www.cnpso.embrapa.br/soja2007/biodiesel>



Estágios / Empregos

Para visualizar os currículos completos, acesse www.agranja.com/carregacurriculosview.do

Para incluir seu currículo, anunciar ofertas de empregos ou estágios, contate amalia@agranja.com (área restrita a assinantes)

Os currículos estão dispostos da seguinte forma:
▶ Nome
▶ Área de atuação/
Localidade de atuação

Procuram

▶ REGINALDO AUGUSTOS DE SIQUEIRA PINTO
Agronomia/Todo Brasil
▶ EDNA DA SILVA MACEDO
Engenharia Agrônômica/Todo Brasil
▶ WILLIAM EHLE VIEIRA
Técnico Agrícola com Habilitação em Zootecnia/RS
▶ FABIANA FONSECA DO CARMO
Agronomia/DF
▶ CRISTIANE ANA DE JESUS
Agronomia/SP
▶ JOSÉ AUGUSTO PEREIRA MADEIRA
Agronomia/MG
▶ ELIPHAS LEVI DA FONTOURA NETO
Técnico Agrícola/RS
▶ MANUELA GONZALEZ
Agronomia/SP
▶ CAROLINA DE BRITO DIAS
Agronomia/MG
▶ CLOVIS FRACALOSSO
Técnico Agrícola/PR
▶ MARCO IVAN RODRIGUES SAMPAIO
Agronomia/RS

▶ SIDNEI CARLESSO ZORNITTA
Técnico Agrícola/SC
▶ FABIO FREITAS DE BRITO
Agronomia/Todo Brasil
▶ VITOR ANDRÉ XAVIER DE SANTANA
Téc. em Agricultura/SP
▶ RENATO SOUTO BATISTA
Agronomia/Todo Brasil
▶ THIAGO SOETHE RAMOS
Técnico Agrícola/RS, SC, PR, SP, RJ
▶ NEI JOSÉ MORAES PIRES
Téc. Agropecuário/PR
▶ DANIEL MASSAFRA MIRON
Agronomia/RS, SC e PR
▶ FELIPE FERREIRA LEVIEN
Agronomia/RS
▶ TICIANA FERNANDES DIAS
Técnico Agrícola e Florestal/SP
▶ JORGE AUGUSTO BENETÃO
Técnico Agrícola/PR, SP
▶ CAMILA PELIGRINOTTI TAROUÇO
Grad. Agronomia/RS
▶ CELSO FERNANDO BOLONHA
Técnico em Agropecuária/PR, MS
▶ LUCAS PRUDENTE CORRÊA
Grad. em Agronomia/ Todo Brasil
▶ DAYANE CRISTINA ROSA DE ALMEIDA
Técnico Secagem e

Armazenamento de Grãos e Sementes/MT
▶ RAQUEL ALBUQUERQUE SOUZA
Engenharia Florestal/SP (concluído)
▶ DION REBERT COSTA
Técnico em Agropecuária/GO
▶ PAULO DENIS MENEGAT
Tecnologia Agrozootécnica/RS
▶ MATEUS MARQUES BUENO
Engenharia Agrícola e Ambiental/MG (5º Período)
▶ DANIELLE CRISTINA TAQUES AMORIM
Tecnologia de Alimentos/MT
▶ JOEL GILVANI KUNRATH
Técnico Agrícola/MG, MS, SP
▶ MAURICIO FERRONATO
Técnico Agrícola/RS
▶ MOISÉS EVANDRO KUSSLER
Téc. em Agropecuária e Agronomia/Região Sul do Brasil
▶ DÉNIS DE LIMA CORREIA
Agronomia/MG
▶ JULIANO ROBERTO BERNARDI
Técnico em Agropecuária/RS
▶ ALEXANDER CORDEIRO GABRIEL
Agrônomo e Administrador de Empresas/ Todo Brasil

▶ JÚLIO CÉSAR POLONIO
Técnico Florestal e Téc. em Pecuária/ Todo Brasil
▶ MARCO IVAN RODRIGUES SAMPAIO
Agronomia/ Todo Brasil
▶ ANDERSON DE SOUZA DOS SANTOS
Técnico Agrícola Hab. em Agropecuária/RS, SC e PR
▶ CAUE FERREIRA PIRES
Técnico Agrícola Hab. em Zootecnia/RS
▶ CLÓVIS FRACALOSSO
Técnico Agrícola Hab. em Agricultura/PR
▶ ÉDSON WALTRICH
Técnico Agrícola Hab. em Agroecologia/SC, PR e RS
▶ BRUNO FREITAS DA ROSA
Técnico Agrícola Hab. em Agricultura/RS
▶ FABRÍCIO FELIPE
Técnico Agrícola Habilitação em Agroecologia/SC, RS
▶ ALEXANDRE OTÁVIO FERREIRA
Técnico Agrícola e em Agropecuária/PR, SC, RS, SP e MS
▶ ALINE RUBIN FERIGOLO
Técnico Agrícola Hab. em Agricultura/RS, PR, MT, MS e GO.
▶ NEY KAMPA FILHO
Técnico Agrícola e Téc. em Administração

Empresarial/PR
▶ ROBSON JOSÉ MENEGARDI
Técnico Agrícola/PR
▶ DIOGO PEREIRA LEÃO
Técnico Agrícola/MT
▶ JOÃO EDUARDO DOS SANTOS
Técnico Agrícola/RS
▶ JEFFERSON TOLFO DA FONTOURA
Grad. Agronomia/Sul do Brasil
▶ ROGÉRIO SLOMPO
Grad. Agronomia/ Região Sul
▶ RICARDO WESLEY FREDERICO
Grad. Agronomia/ Todo o Brasil
▶ RAFAEL FONTALVO MARTIN LEVA
Grad. Agronomia/SP
▶ MARCELO PERRONE RICALDE
Grad. Agronomia e Fruticultura/RS
▶ ALINE DE CARVALHO JORGE
Grad. Engª. Agrícola/ Centro-Oeste
▶ EVERTON ALEX TAMANINI
Grad. Engª. Agrícola/ Região Sul e MS
▶ VICTOR VASCONCELOS EULALIO
Grad. Engª. Agrícola/ Todo o Brasil



www.agranja.com

Conheça o novo web site do Brasil Agrícola

Classe Rural / Currículos On-Line / Matérias Atualizadas / Revista A Granja e AG Leilões / Cotações
Previsão do Tempo / Produtos e Serviços / Agro Oportunidades / Agenda de Eventos

clique e descubra o mundo de informações

O BRASIL AGRÍCOLA
agranja

ClassiRural

Anuncie fácil pela internet pelo valor de R\$ 70,00
até 150 caracteres - classi@agranja.com

Ligue para anunciar: (51) 3232-2288 - www.agranja.com

AGROPECUÁRIAS

Agrolombo Produtos
Agropecuários (Centro)
Fone: (41) 3656-4264
Rua Francisco Camargo,
82 - CEP 83414-010
Colombo/PR

Casa do Fazendeiro -
Trabalhamos com
medicamentos, defensivos
agrícolas, adubos,
sementes e outros
produtos.

Fone: (63) 3363-1722
Rua Frederico Lemos, 498
CEP 77500-000

Porto Nacional/TO

AVIAÇÃO AGRÍCOLA

**Aeroverde Aviação
Agrícola - Fone: (64)
3613-2968. Av. Eurico
Veloso do Carmo, 1549
CEP 75901-970
Rio Verde/GO**

IMÓVEIS

Sandro Roberto de
Campos. Escritório de
advocacia, assessoria de
compra e venda de
imóveis rurais em
Tocantins. Contatos pelos
fones: (63) 3214-4828 ou
(63) 9961-4645 Palmas/TO

INOCULANTES E FERTILIZANTES

Cia da Terra Agronegócios
Ltda - Av. José Andraus
Gassani, 800
Fone/fax: (34) 3211-0800

CEP 38402-322
Uberlândia/MG

LEILÕES

Fazenda Marambaia -
2º Leilão Imperial
Marambaia dias 18 e 19
de maio de 2007.

www.fazendamarambaia.com.br

Fones: (24) 2233-5208 e
(24) 2233-5000

Rua Dr. Agostinho Goulão,
2098 - Correias
CEP 25730-050
Petrópolis/RJ

OUTROS

Mississippi Agrícolas e
Materiais de Construção -
Fone/Fax: (87) 3887-1106
mississippiagricolas@ig.com.br

Av. São Sebastião, 114
CEP 56170-000 - Orocó/PE

Dr. Neto Gibran
Agropecuária (Clínica
Veterinária) CRMV SP 07 357.
Transferência de embriões
em bovinos e eqüinos,
inseminação artificial em
tempo fixo, ultra-
sonografia, laboratório de
brucelose e tuberculose
animal, exames
andrológicos e consulta
rural.

Fone: (17) 3392-1079 / 4311
Cel.: (17) 9773-8831
netovet@proveg.com.br.
Praça Cônego Emílio, 351
CEP 14740-000
Viradouro/SP

PEIXES / ALEVINOS

Peixes Alevinos Juvenis:
as mais variadas espécies

Pesquisas e análises de Marcas e Patentes
Registro de Marcas e Patentes
Licenciamento e Averbções de Contratos
Transferência de Tecnologias
Avaliação de Marcas e Patentes
Direitos Autorais

Av. Otto Niemeyer, 2.716 - Sl. 301 - Bairro Cavalhada - CEP 91.910-001 - Porto Alegre/RS
Fone/fax: (51) 3242.4077 - www.polikawski.com - polikawski@brturbo.com.br

Como o mercado
identifica a sua
empresa?



**COMBATA DEFINITIVAMENTE RATOS E
MORCEGOS COM O REPELENTE
ELETRÔNICO**

RATEC



Tecnologia de ponta

Não afeta animais domésticos

Equipamento ecologicamente correto

Disponível em cinco modelos 300, 700,
1000, 1200 e 1500 m²

Indicados
para todos
tipos



Ecotech Projetos Eletrônicos Ltda.

Av. Amazonas, 7675 - CEP 30510-000 - Belo Horizonte - MG

Fone / Fax: (31) 3388.7522

Site: www.ecotechprojetos.com.br

Feno para eqüinos, bovinos e ovinos

Tifton, Azevém, Mombaça / Braquiária A partir de R\$ 2,50 o fardo.



Cama para melancia a partir de R\$ 1,50 o fardo.

Br 290 Km 132 Expogranja Eldorado do Sul - RS | Fones: (51) **8406-2261 / 81849138**

+ LEITE + FERTILIDADE + CARNE

FIKAFORTE



composto de 27 elementos:
18 vitaminas, aminoácidos, bactérias
de rumem e 12 minerais



LEITE PLUS

Sup. Vitamínica e Mineral p/ Bovinos de Leite



4 vitaminas (A, D, E, niacina), metionina, bactérias
de rumem e 11 minerais. Acrescentar no leite,
aumentando leite, gordura e baixa o C.G.S.



Satisfação do produtor, é a satisfação da GadoFino Cajuru / SP (16) 3667.3200 (16) 3667.3015 gadofino@com4.com.br




El Rincón

Trevo Branco, Trevo Vermelho,
Cornichão San Gabriel,
Cornichão El Rincón,
Festuca, Dactilis, Azevém E-284,
Aveia Preta e outras forrageiras



El Rincón Sementes Ltda-Av. Barão do Cerro Formoso 1012-Caçapava do Sul / RS-Fones: (55) 3281-4334 (55) 3281-5418

Lagoa dos Três Cantos/RS

SERVIÇOS

AGRIPEC - Consultoria e Projetos Rurais. Serviços de planejamento, elaboração e execução de projetos agropecuários, licença ambiental e outorgas de água, particulares ou para financiamentos. Engº. Agrônomos: Gilmar ou José Domingos. Fone/fax: (77) 3424-4381 agripecvc@click21.com.br Vitória da Conquista/BA

AGROBOI Consultoria e Representação - Temos a solução para sua empresa rural. Engº. Agrônomo Eduardo de Paula Cardoso e Fábio Dantas da Costa. Realizamos projetos de financiamento agrícola e pecuária, além de rastreamento e cálculos de suplementação. Fone: (64) 3433-8348 Av. Santos Dumont, 596 C CEP 75530-050 Itumbiara/GO

Brava Comércio e Representação de Produtos Agrícolas Ltda. Fone: (61) 3612-3477 Rua Getúlio Vargas, 1711 CEP 73850-000 Cristalina/GO

Trevo Representações Comerciais. Somos representantes Coimma - Balanças e Tronco, Jumil -

Plantadeiras de Plantio Direto, Matpar - Barracão Pré-Moldado. Fone: (67) 3454-3091. Rua Senador Felinto Müller, 571. Qd. 12. Lt. 9. CEP 79150-000 Maracaju/MS

TRATORES E IMPLEMENTOS

Derval vende tratores, implementos para terraplanagem, mineração, pavimentação, agricultura, carga e transporte usados. Fones: (71) 3452-1605, (71) 3452-3142 e Cel.: (71) 9129-4242 dervalmaquinas@terra.com.br Av Magno Valente, 523 CEP 41810-620 Salvador/BA

Tratorserv - Venda de tratores novos e usados, implementos agrícolas, peças e serviços. Representante Trator Ursus e revenda autorizada motores Agrale. Contatos p/e-mail: tratorserv@tratorserv.com.br Fone/fax: (75) 3223-6044 Feira de Santana/BA

Casa do Trator - Palmeira Tratores Ltda. Rua Trinta de Outubro, 116 A Fone: (82) 3521-8771 Arapiraca/AL

D.E.S Comercial Agrícola Ltda. Representante autorizado Imasa. Peças e implementos agrícolas.



ASPERBRAS

Tubos de PVC Agropecuários
20mm - 25mm - 32mm - 40mm
(18) 3654-7000




PRATICFOIL

Manta de polietileno expandido aluminizada para subcobertura e isolamento termo-acústico

- 1- Impermeabiliza
- 2- Evita Condensação
- 3- Isolante Térmico e Acústico

(11) 4611-2100 - www.styroplast.com.br

BRASTÉCNICA

Acabe com o problema de RATOS E MORCEGOS

Aparelhos com tecnologia japonesa sem similar no Brasil. Disponível em quatro modelos para proteção de áreas de 150, 300, 700 e 1.400 m²

Fones: (035) 3292.1889 / 3291.2805 - Fax: (035) 3292.1320

Brastécnica Instrumentação Industrial e Científica Ltda. www.brastecnica.com.br
Rua Gabriel Monteiro da Silva, 890B - Cordeiro - CEP 37135-000 - Caixa Postal 101 - Alfenas / MG - MG@brastecnica.com.br

Contato com o sr. Daniel pelo fone: (53) 3263-6300 Santa Vitória do Palmar/RS Tratores e colheitadeiras

usados, várias marcas e diversos modelos. Contatos p/e-mail : macvendas@laguna.com.br

ou consulte-nos pelos fones: (55) 3322-6680 ou (55) 9973-5643 Cruz Alta/RS



Rogério Porto

Secretário Extraordinário de Irrigação e Usos Múltiplos da Água do Governo do Estado do Rio Grande do Sul

Água para **SALVAR** a lavoura

A Granja — A produção agropecuária gaúcha sofreu muito com a falta de chuvas nos últimos anos. Quais são as propostas da Secretaria de Irrigação para diminuir os riscos dos produtores rurais em caso de futuras estiagens?

Rogério Porto — O nosso plano de irrigação tem como uma das prioridades a conscientização de toda a sociedade gaúcha. É preciso capacitar os agricultores para os projetos e, para isso, precisamos contar com o apoio das prefeituras e de órgãos como Emater, Instituto Rio Grandense do Arroz (Irga) e Fundação Estadual de Pesquisa Agropecuária (Fepagro). A intenção é qualificar técnicos da extensão rural e produtores para obras de captação, armazenagem e aproveitamento da água. Como parceiros desse trabalho, também queremos contar com as diversas entidades representativas dos agricultores gaúchos. Precisamos ter clara a idéia de que é preciso armazenar a água durante o inverno para podermos utilizá-la no verão. Para isso, vamos investir na construção de micro-açudes com espelho d'água de, no máximo, dois hectares. Os beneficiários serão os produtores treinados pela Emater e que efetivamente usarão as estruturas para irrigação. Outro projeto inclui barragens maiores e os açudes de porte médio para usos múltiplos e com capacidade de armazenamento de 20 milhões de metros cúbicos.

A Granja — Investimentos em projetos de irrigação normalmente têm custos altos. Como a secretaria pretende fazer para conquistar recursos que viabilizem as obras?

Porto — Queremos mobilizar a ca-

pacidade produtiva do agricultor do Rio Grande do Sul, que deve recuperar sua situação financeira nesta safra. O trabalho também inclui a mobilização de fundos estaduais e federais e a busca de recursos de outras origens. Uma dessas vias podem ser empresas internacionais que precisam se abastecer de grãos. Hoje percebemos a alta do preço do milho no mercado internacional motivada pela demanda energética. Esse fator, para quem não tem garantia de abastecimento, é uma perturbação grande. O mesmo vale para o mercado das oleaginosas. Entre os recursos que já dispomos hoje, estão R\$ 88 milhões oriundos do Governo Federal através do Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) para a construção de duas grandes barragens e US\$ 21 milhões do programa RS Desigualdades. Através desse programa, podemos conseguir ainda entre US\$ 8 milhões e US\$ 12 milhões. Para a Agência Nacional de Águas (ANA), fizemos a solicitação de outros R\$ 800 mil.

A Granja — Os produtores rurais muitas vezes reclamam que os projetos na área esbarram em questões ambientais. Existe essa preocupação junto à secretaria?

Porto — Já estamos conversando com a Fundação Estadual de Proteção Ambiental (Fepam) e os demais órgãos ambientais. Precisamos definir claramente o conceito de agressão ambiental e, para isso, também queremos contar com a ajuda do Ministério Público. É preciso saber se o impacto de determinado projeto de irrigação é

positivo ou negativo. Algumas resoluções devem ser revistas, porque um projeto de irrigação para cinco hectares já é considerado de alto impacto ambiental. É essencial destacar que a produção de alimentos é um benefício social e público, assim com a eliminação dos efeitos da estiagem, o controle de cheias e o abastecimento de água. É mais do que necessário conversar sobre essas questões sem driblar o meio ambiente. Precisamos analisar o que é mais impactante: os efeitos da seqüência de estiagens ou a irrigação que pode transformar o Rio Grande do Sul em um imenso jardim, acabando com a erosão pelas cheias e a destruição pela seca.

A Granja — Ao mesmo tempo em que vai incentivar projetos de irrigação, a secretaria pretende trabalhar na conscientização dos produtores e das comunidades sobre o uso correto dos recursos hídricos?

Porto — Considero absolutamente indispensável essa consciência voltada ao meio-ambiente. A escassez precisa ser transformada em abundância que, por sua vez, deve ser usada racionalmente. Toda a sociedade precisa saber que a água é um bem estacionalmente escasso. É preciso trabalhar o coletivo, informar as pessoas de que a água não pode ser um depositário de cloaca. A lavoura arroeira muitas vezes é acusada de contaminar a água, mas as pessoas não se dão conta de que a contaminação acontece pela cloaca urbana. ■

Queremos mobilizar a capacidade produtiva do agricultor do Rio Grande do Sul, que deve recuperar sua situação financeira nesta safra

ANÚNCIO

ANÚNCIO